

S. AFONSO DE LIGÓRIO

OS EXERCÍCIOS DA MISSÃO



EDITORA VOZES LIMITADA

<http://www.obrascaticas.com/>

OS EXERCÍCIOS DA MISSÃO

SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO

OS EXERCÍCIOS DA MISSÃO

TRADUÇÃO DO
PE. NESTOR TOMÁS DE SOUSA, C. SS. R.



1944
**EDITORA VOZES Ltda., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO**

SANTO AFONSO MARIA DE FIGUEIRO

OS EXERCÍCIOS DA MISSÃO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. BISPO DE NITERÓI,
D. JOSÉ PEREIRA ALVES. PETRÓPOLIS,
30 DE AGÓSTO DE 1944. FREI
ÁTICO EYNG, O. F. M.



1944
EDITORA VOZES LDB., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

AO LEITOR

O presente opúsculo destinou-o o S. Doutor da Igreja aos Padres jovens de sua Congregação e que deviam fazer o 2º. noviciado, o qual prepara imediatamente para o apostolado missionário. E' mister também se não percam de vista, à leitura desta obrinha, as circunstâncias de tempo e lugar em que foi escrita. Muitas coisas aí ensinadas e aconselhadas, especialmente cerimônias, cabem perfeitamente dentro das tais circunstâncias. Dessas mesmas coisas também muitas podem ser adaptadas aos nossos dias, e o têm sido de fato, com muito proveito aliás para os exercícios missionários. O zêlo, o conhecimento de nosso povo e a experiência missionária saberão aproveitar-se dos conselhos e indicações do grande S. Afonso.

INTRODUÇÃO

Há quem afirma resultar das Missões maior mal do que bem. Delas vem, dizem, a perturbação das consciências e das populações e, se de fato se nota durante a Missão uma melhoria de costumes, não se há negar que posteriormente as gentes tornam a seus maus hábitos e procedem pior que dantes... Porém, os que assim falam, fazem-no porque lhes falta toda experiência no caso e não compreendem quantas almas se ganham aí para Nosso Senhor. Quantas inimizades mortais se não compõem; que de maus hábitos se não desraígam; quantas restituições se não fazem; quantos processos se não ajustam, os quais seriam fontes perenes de ódios mortais; quantas confissões mal feitas se não reparam!...

Para a campanha especialmente e para as pequenas populações é que se pode afirmar que as Missões não somente são úteis, como mesmo necessárias, porquanto nesses lugares pequenos todos se conhecem e muitas vezes não têm ânimo para descobrir ao confessor costumado os pecados de toda uma região.

Pessoas há, bem o sei, que ao se aproximarem as Missões lamentam e dizem virem os Missionários trazer perturbação ao lugar. Porém as pessoas de bem assim não julgam, e fazem-no tão somente os que se acalentam no vício e dêle não querem ser afastados. O demônio, é claro, se esforça para que aquêles infelizes escravos seus se embalem tranqüilos naquela falsa paz de consciência em que vivem... Paz? — paz que lhes causará a morte e o eterno desespero.

E' incontestável que haja quem, após a Missão, infelizmente torne a seus pecados. A Deus aprouvesse que todos perseverassem na graça do Senhor!... Mas, é essa uma das misérias de nossa natureza: voltar à graça e perdê-la novamente. Porém, seja como fôr, certo é que as Missões impedem inúmeros pecados. Muitíssimos voltam a Deus e se há recaídas, essas mesmas só se dão depois de meses e meses vividos na graça divina. E durante êsse tempo conseguem maior horror ao pecado e melhor conhecimento de Deus e chegam à compreensão mais clara da importância da salvação.

Com respeito a exercícios de Missão, muitas são as obras que tratam longamente do assunto. Entre outras cito o belo livro do R. Pe. Filipe Maura: **O Missionário Instruído**. Desta obra me servi grandemente para a confecção do presente opúsculo.

E' para a comodidade dos jovens de nossa Congregação que faço este resumo, em que exponho de maneira concisa as regras e exemplos desses exercícios de Missão. Seguindo o método das Missões de nossa Congregação e apoiado numa experiência de trinta-e-quatro anos, reuni boa quantidade de coisas e de reflexões úteis à salvação das almas.

Creio que esta minha pequenina obra não deixará de fazer algum bem, porquanto exponho nela, de modo breve e claro, o que em outros livros se encontra diffusamente. Tentel um estilo igual e conciso, como hoje se requer, pois que em nossos tempos deseja-se ler pouco e aprender muito... Neste opúsculo se vão encontrar também exemplos de estilo familiar, estilo particular às Missões, que difere essencialmente daquele dos sermões de Quaresma e dominicais.

CAPÍTULO I

DAS EXORTAÇÕES

Há quatro espécies de exortações: a da noite, do dia, a da disciplina (penitência), a da paz. Diferenciam-se pela finalidade de cada uma delas. A exortação da noite destina-se a excitar os pecadores e a exortá-los a frequentar a Missão; a do dia, para, reunindo os fiéis, levá-los à igreja; a da disciplina, para excitar o arrependimento aos pecadores e convidá-los à penitência; enfim, a da paz, que pretende a reconciliação dos inimigos.

1. Da exortação noturna

Note-se preliminarmente que essas exortações da noite são de grande utilidade, uma vez que se queira o acompanhamento da Missão desde o início. Porquanto, a se querer o despertar do pecador, não bastará que êle vá à igreja a ouvir as pregações; bem assim não será suficiente que êle saiba que se prega a Missão ou que se façam ouvir os sons convocadores dos sinos; mas é mister que êle se sinta comover por uma exortação qualquer, que chegue a temer os castigos de Deus. Sem estas exortações, pelo menos nos primeiros quatro ou cinco dias, ver-se-á a igreja frequentada apenas por aquêles que menos necessitam da Missão. A experiência tem demonstrado com evidência que as exortações da noite conseguem de modo maravilhoso acordar essas almas preguiçosas e levá-las à igreja.

Essas exortações, é de se notar, devem ser de curta duração e até mesmo bem curta, não devendo ir além de quinze minutos, pois que são feitas à noite e geralmente em tempo de inverno e ao ar livre e assim não venham sofrer um incômodo qualquer nem os ouvintes nem o pregador. Haverá mais de uma exortação na mesma noite; serão feitas em tom veemente, não faltarão aí palavras de terror, que firam com freqüência o coração e os ouvidos dos assistentes.

Nos missionários jovens, em geral se encontra o defeito de fazerem essas exortações como os outros exercícios da Missão, quer dizer uma quase pregação, que as mais das vezes entedia o auditório e perturba a ordem de exercícios importantes. Quando, entretanto, se aplica a essas exortações tempo destinado a exercícios mais necessários, fique notado, não devem elas terminar com o ato de contrição, mas sim com uma sentença aterradora. Nesse caso, no momento de ingressar na igreja, ao franquear a porta do templo, faça-se um último apêlo; e aqui então se termina com o ato de contrição.

A exortação da noite consta de cinco partes:

1. a introdução com a proposição;
2. a ampliação;
3. a moralidade e a exortação à penitência;
4. aviso dos privilégios e indulgências;
5. a sentença aterradora.

A introdução, na qual se fará entrar a proposição, pode ser feita de maneiras várias, assim:

por exclamação: "O' Deus eterno, como sois bom! Os homens desprezam-vos e de Vós fo-

gem e Vós os procurais para lhes dar o perdão!”

por reprimenda: “Dize-me, pecador, quando deixarás de ofender a teu Senhor?...” Cuide-se não se comecem as exortações com palavras injuriosas como fôssem: celerado, turco-batizado, almas envenenadas, e semelhantes... porque os ouvintes, em geral, ficam indignados com isso.

por interrogação: “O’ meu irmão, aonde julgas irás ter com a vida que levas?...”

por comiseração: “O’ pobre pecador, quem se não compadecerá de ti, sabendo que não estás na graça de Deus?...”

por exposição: “Cristão, venho da parte de Deus anunciar-te o próximo perdão, se tu...”

Após tal introdução ou outra qualquer, vem o *argumento* da exortação, o qual deve ser tirado sempre do cântico apropriado que se faz entoar de início. Se o cântico fôr, por exemplo:

Viene un Dio, tutto pietà
A chiamarti in questi giorni;
Ma si presto a Dio non torni,
Dio non più ti chiamerà.

“Cristão, venho trazer-te duas novas: anuncia-te uma a felicidade, e a outra a desgraça! Se voltas a Deus que te chama pela voz do Missionário, Ele te receberá como a um filho; porém, se desprezas seu chamamento, ou se quiseses demorar a tua volta, pode acontecer que Ele te não chamará mais e estarás perdido...”

E’ bom retornar sempre ao argumento, assim: “Ouviste, pecador? Se vens ao Senhor, tu o encontrarás clemente e misericordioso; se recusas seu abraço paternal, Ele te fugirá, não te

chamará novamente...” E’ bom repetirem-se as palavras mesmas do cântico, p. ex.: “Ouviste o que diz o cântico?

Ma si presto a Dio non torni,
Dio non più te chiamerà.”

Quanto à ampliação, note-se que, se na proposição não se apresenta uma verdade de fé, como fôra por exemplo: “depois de um certo número de pecados Deus abandona o pecador”, mister se faz aduzirem-se algumas provas sucintas, em poucas palavras e com simplicidade. Se se demorar no assunto, não se tragam todavia nem semelhanças nem fatos que aterrorem, nem trechos da Sagrada Escritura, a menos que não sejam passagens breves e conhecidas, como: *Deus non irridetur. Statum est hominibus semel mori. Discedite a me, maledicti.* Etc....

Aqui um *exemplo de ampliação*. O argumento é: “Deus abandona o pecador obstinado”: “O que abusa da misericórdia de Deus para o ofender mais, não merece ser perdoado. O Senhor suporta o pecador, com êle contemporiza, a fim de que o veja convertido e penitente. Porém, quando o vê amontoar pecados, abandona-o e envia-lhe a morte.” E nesta altura se poderia exclamar: “Basta, basta, meu irmão! Vê bem quanto foi grande a paciência de Deus, tanto será também sua justiça em castigar-te se não mudares de vida...”

Se o argumento fôr uma máxima de fé, por exemplo: a morte, o julgamento, é preciso deter-se mais. Falando-se, por exemplo, da morte: “Que desgosto, qué desespêro ao clarão da vela mortuária, ver passado todo o tempo para fa-

zeres o bem; a angústia que te oprime e que não permite possas fazer algo, etc.”.

Vêm após a ampliação a *moralidade* e a *exortação à penitência*, p. ex.: “Que loucura, meu irmão, não voltares a Deus, quando Ele te chama; expores-te ao perigo de um certo abandono e de te condenares eternamente!... Volta, volta, ainda é tempo! Eis que Jesus mesmo pelos seus Missionários vem buscar-te em tua própria casa!...”

Não se deve nomear particularmente nenhum vício ao se fazer a moralidade, porque podem estar presentes pessoas que se reconheçam culpadas de tal e julguem ser aquilo para elas e se ressentirem disso. Caso se deva pregar sôbre a vida escandalosa de determinada pessoa, não se deve fazer isso junto de sua casa, mas a certa distância, assim, porém, que ela ouça' o que se diz e compreenda que a pregação lhe vai endereçada.

Segue-se então o *aviso*: que a Missão começa ou começou já; comuniquem-se quais os privilégios que trazem os Missionários; o horário dos exercícios da Missão, na igreja; as indulgências anexas a êsses exercícios, tudo segundo o modo de que falaremos posteriormente.

Finalmente se conclui com uma *sentença aterradora*, que deve estar em conexo com o argumento, com a proposição. Sentença curta em termos graves, aterradores, que façam profunda impressão e toquem o coração do ouvinte. Por exemplo: “Treme, pecador, treme! Quicá nesta noite ainda Deus te mandará a morte, quando não queres mudar de vida! E serás assim um condenado!” Ou: “Geme, lamenta teus pecados, faze agora para não o teres que

fazer na eternidade!” Ou: “Continua, na tua vida desregrada, continua a ofender a Deus; escuta, porém: no Vale de Josafá hás de ouvir a sentença de Jesus Cristo: Ide, malditos, para o fogo eterno...” Poder-se-á terminar também com as palavras do cântico, caso elas se pres-tem a isso, assim:

De um dia para outro
Assim morres, pecador!

EXEMPLOS DE EXORTAÇÕES NOTURNAS

Cântico:

Pecador, agora é tempo...
O Senhor te vem chamar;
Ouve a voz de quem te ama!
Torna atrás no teu pecar!

I. Introdução. — Cristão, trago-te nesta noite duas coisas a teu conhecimento: uma a revelar alegria, a outra a anunciar-te desgraça. Se tornas a Deus, que agora te chama pela voz dos Missionários, Êle te receberá como a um filho que volta aos braços de um pai; porém, se o recusas ou pretendes demorar tua reconciliação, Êle te não chamará novamente e estarás perdido para sempre.

II. Ampliação. — Escuta, meu irmão! O Senhor perdoa a todos aquêles que se arrependem, mas Êle não fará assim com os que querem prosseguir pecando. Examina-te: Desde quantos anos o Senhor te suporta? Quantas vêzes te não chamou? Quantas vêzes não te disse no teu íntimo: “Basta, meu filho; muda de vida, não me ofendas mais!” E que fizeste? Sempre e de novo o mesmo: ias-te confessar, fazias propósitos, depois recomeçavam as ofensas!... Que é

que esperas? que Deus te mande a morte e te condene ao inferno? e não vês e não comprehendes que Deus já te não pode suportar?!...

III. Moralidade e exortação à penitência. — Eia! pois, agora que estás na Missão, volta a Deus, que ainda te espera e te perdoa, se arrependido quiseses mudar de vida. Vem à igreja, onde se prega a Missão, vem ouvir as pregações, fazes uma boa confissão! Não duvides do perdão de Deus, uma vez que estejas resolvido a deixar o pecado; êste perdão eu to prometo em nome de Jesus Cristo.

IV. Aviso da Missão. — Jesus Cristo está em vosso meio; veio com a Santa Missão que começa amanhã. Os Missionários têm privilégios que lhes permitem absolver todos os casos reservados, mesmo das censuras reservadas ao Sumo Pontífice; podem ainda dispensar das promessas. Na igreja se vão realizar muitas e belas cerimônias, que terão por fim vossa salvação eterna: a recitação do rosário, instrução, sermão pela manhã e à noite. Todos aquêles que, assistindo a essas cerimônias, se confessarem e comungarem, ganharão indulgência plenária, quando no encerramento fôr dada a Bênção Papal. Sim, é para vós que se patenteiam largas as misericórdias de Deus; podeis ficar santos, se o quiserdes.

V. Sentença aterradora. — E que respondeis então? que resolução tomareis? quereis ou não voltar para Deus? Não será talvez êste o último chamamento que o Senhor vos faz?! Vossa decisão seja pronta! Porquanto desejais, quiçá, que Deus vos envie a morte e vos atire ao inferno, sem esperanças de jamais poderdes remediar a êsse mal infinito!? Torna a tua casa,

meu irmão, reflete sôbre o que acabas de ouvir; pede à Mãe de Deus que te ilumine, torna!

* * *

Cântico:

Sei nemico al tuo Signore,
E non tremi, o peccatore?
Lascia, figlio, il tuo peccato,
Si non vuoi morir dannato.

I. Introdução. — Pecador, és inimigo de Deus e não tremes?... Sim, meu irmão, se estás no pecado és inimigo de Deus, dêsse Deus que te pode condenar ao inferno neste momento... E tu dormes e tu ris, e não tremes e não te afliges!...

II. Ampliação. — Tenho compaixão de ti, meu irmão; o pecado te cegou e assim não vês o perigo que estás correndo; podes morrer de um momento para outro e te sepultar no fogo eterno... E teu inimigo será talvez um príncipe da terra, a quem podes fugir, contra o qual te poderás defender ou de quem te será possível esconder? Ah! infelizmente não, és inimigo de Deus, de Deus que te vê em tôda parte, que está onde quer que te encontres; e quem te poderá livrar das mãos divinas?!...

III. Moralidade e exortação. — Eis aqui o caminho que hás de seguir, meu irmão, se te queres salvar. Salvar-me? qual salvar-me? — Sim, salvar-te! Não percebes, pois, infeliz, que estás condenado? não te sentes abandonado de Deus?! Ele já te não suporta. Escuta-me, porém, agora: és de fato um inimigo de Deus, uma vez que estás em pecado mortal, mas Ele te quer perdoar, se lhe pedires perdão e se mu-

dares de vida... Coragem, pois, cristão, vem à missão, confessa-te, deixa o pecado, dá-te a Deus que te espera e que te chama; não no desprezes!

IV. Aviso da Missão. — Eis que Jesus pelos seus Missionários vem a vós, à vossa própria casa, a chamar-vos para a salvação. Os Padres Missionários têm privilégios especiais...

V. Sentença. — O' pecador, que podes mais exigir de teu Senhor? Não desesperes; coragem e confiança, mas treme: se queres mudar de vida, tem confiança! se preferes ter Deus por inimigo, treme! Treme, se talvez seja este o último chamamento de Deus e tu não no queiras ouvir... se não te decides a voltar ao Senhor, Ele te abandonará e estarás perdido... Eia, pois, meu irmão...

* * *

Cântico:

La tua vita há da finire,
E non sai quando sarà.
Fratel mio, forse chi sà
Se sta notte hai da morire?

I. Introdução. — Ouviste a palavra do cântico, meu irmão: vai terminar tua vida e não sabes quando isso será; talvez esta noite?... E considera tua vida! Vives longe de Deus, dos Sacramentos, da Igreja! Apenas e quase que à fôrça ouves uma Missa ao domingo e teu tempo todo em que o empregas? A ofender e a irritar a Deus. Tu vives como se jamais devesse morrer!...

II. Ampliação. — Pobre pecador, pensas acaso na morte? Pensas ou não pensas? Mas, quer

penses, quer não penses; quer queiras, quer não; dia virá em que hás de deixar a vida; abandonarás êste mundo. Teu corpo descerá a 'um sepulcro e tua alma partirá para a eternidade. Isso há de suceder, acredites ou não. E' certo, é de fé, que hás de morrer e se iniciará então uma nova vida sem fim... E se te perderes e se te condenares, serás então um infeliz, mergulhado no desespero por todo o tempo que Deus fôr Deus...

III. Moralidade. — Dize-me, meu irmão, se, neste momento em que te falo, a morte te viesse buscar, que seria de tua pobre alma? para onde irias tu? Eia, coragem, entretanto, meu irmão, volta a Deus que te espera e que te proporciona tempo para uma boa confissão e para regularizares as tuas contas antes que venha a morte. E que dizes? e que pretendes fazer? Decide-te!...

IV. Aviso da Missão. — Jesus Cristo está com os Missionários para vos chamar e para vos perdoar, se o quiserdes... (Anunciem-se então os privilégios, horário, etc.).

V. Sentença. — Pergunto-te novamente: que dizes, que pretendes fazer? Voltas a Deus? Considera bem: desde que se pregou a última Missão aqui em tua terra, quantos já não se foram para a eternidade e dêles quantos, talvez, no inferno? E por que? Porque não quiseram terminar com sua vida de pecado e Deus os fêz morrer nela. E queres que o mesmo te aconteça, queres ir para o fogo eterno? Eia, pois, meu irmão...

* * *

Cântico:

Pensa, pensa all'eternità
Peccator, che cieco stai;
Pensa, figlio, pensa a quel MAI
Che in eterno non finirà.

I. Introdução. — O' eternidade! ó eternidade! os Santos tremem quando pensam na eternidade, quando lhe pronunciam o nome, e tu, pecador, que estás na inimizade de Deus, tu não tremes!... E é de fé que os que morrem no pecado mortal vão-se queimar eternamente no fogo do inferno...

II. Ampliação. — Que é o inferno? Lugar de trevas, onde habitam monstros horríveis, onde há clamores horrendos, onde só há suplicios. E por quanto durarão êses sofrimentos? Por toda a eternidade, sempre, sempre! Quando cessarão? nunca, nunca! — Vem do inferno, infeliz Judas, tu que, há dezoito séculos, lá te encontras sepultado, dize-nos: Por quanto tempo ainda há de durar o teu sofrer? Sempre, sempre! nos responderá o apóstolo condenado. E tu, Caim, vem e fala! Desde quando és cruciado nesse fogo? E Caim nos responde: Ah! desgraçado que sou, há milhares de anos... E quando terminará êsse teu inferno? — Terminar? Oh! jamais, jamais!...

III. Moralidade. — Oh! meu irmão, que te parece? dize-me como podes dormir com tua alma manchada, inimigo de Deus? O inferno existe também para ti. Por que não abandonas essa vida desregrada? Por que não remediar a essa desgraça, que está iminente, se não te reconcilias com Deus? Vamos, eis aqui o remédio eficaz e pronto: faze uma boa confissão, volta à graça de Deus, dêsse Deus, que te quer salvo...

IV. Aviso. — Estás vendo, a Missão vai ser dada aqui. Que é Missão? Missão quer dizer a vinda de Jesus a vosso meio, a vossa cidade, para salvar os seus pobres filhos perdidos e livrá-los do inferno. E desde já ficai sabendo que os Padres Missionários trazem consigo grandes privilégios, etc....

V. Sentença. — Oh! meu irmão, não abuses da misericórdia de Deus por a saberes grande! Hoje, se derramares uma só lágrima aos pés do confessor, tu poderás livrar-te do inferno. Mas, se não mudares de vida, se não me escutares, se me não quiseres dar atenção, irás gemer eternamente nesse inferno...

Sentimenti di notte

Il mio Dio mi manda qui,
Di pietà messagio io sono;
Ma chi sa, se de perdono
Sia per te l'ultimo di?

Viene un Dio, tutto pietà
A chiamarti in questi giorni;
Ma se presto a Dio non torni,
Dio non più ti chiamerà.

Ama un Dio che tanto t'ama,
Anzi ch'é lo stesso Amore;
Ti va appresso, ognor ti chiama,
E ti dice: O peccatore,

— Torna figlio, torna al Padre,
— Torna, agnello, al tuo Pastore!

Sei nemico al tuo Signore,
E non tremi, o peccatore?
Lascia, figlio, il tuo peccato,
Si non vuoi morir dannato.

Il Signore aspetta, aspetta,
Ma non sempre aspettarà
Quando é tempo di vendetta
Più non usa allor pietà.

Torna a Dio, fa penitenza,
Peccator, non tardar più;
Non sdegnar l'alta clemenza
Dal tuo dolce e buon Gesù.

Stai in peccato e puoi gloire?
Senza Dio e puoi dormire?
Stai già in punto de dannarti,
E non pensi ad emendarti?

La tua vita ha da finire,
E non sai quando sarà
Fratel mio, forse chi sa
Se stannote hai da morire?

Pensa, figlio, al gran momento,
Che t'aspetta dalla morte
Da cui pende la tua sorte,
O l'eterno tuo tormento,

Vive pure come a te piace,
Peccator che il fin verrà;
Quel Signor che offendi, audace,
Il tuo Giudice sarà.

Peccator che sia di te
Quando, avanti a Dio sdegnato
Ti sarà rimproverato
Quanto mal da te si fé?

Nella morte, al fuoco eterno
Quanti ciechi ognor sen vanno;
Vanno, o Dio, perche non sanno
Che gran malo sia l'inferno.

Quanto, quanto, nell'inferno
Vi starà il peccator?
Vi starà sempre, in eterno,
Perché offese al suo Signor.

Pensa, pensa all'eternità
Peccator, che cieco stai;
Pensa, figlio, pensa a quel MAI
Che in eterno non finirà.

Da exortação de semente (semina)

Esta espécie de exortação noturna faz-se raramente e só em regiões onde o povo não frequenta a igreja ou em lugares onde haja muitas pessoas que levam vida escandalosa e que fogem às pregações. Com essas exortações se pretende amedrontar os ouvintes e assim haja ameaças dos castigos de Deus, façam-se entrever a morte eterna, o abandono da graça, as penas eternas...

Eis como se devem fazer essas exortações:

1º. — Preliminarmente, os Padres Missionários devem ser em número suficiente para abranger tôda a região;

2º. — saiam da igreja à noite, mais tarde que de costume, sem luzes, sem cruz e sem acompanhamento. Dirija-se cada um secretamente para o lugar que lhe foi designado e êsses lugares devem distar de modo a se não ouvirem os pregadores uns aos outros. Ao sinal do sino grande, começarão todos conjuntamente e terminarão ao som final do mesmo sino.

3º. — a exortação de semente é idêntica à exortação noturna quanto às suas partes; difere, porém, quanto à introdução, que se faz mais curta e *ex-abrupto*, apresentando logo a proposição ou argumento. Seria, por exemplo, o abandono de Deus que nos ameaça, ou a justiça de Deus para os que desprezam sua misericórdia ou a ingratidão dos que não querem ouvir o chamamento divino.

Após a introdução, vêm a ampliação e confirmação, e por fim a moralidade. Mas, seja cada uma dessas partes bem resumida e assim também a exortação à penitência, e não se fará exposição de motivos, não se excitarão afetos,

nem se avisarão os privilégios e indulgências anexas aos exercícios da Missão. Em resumo, pois, esta exortação de semente constará apenas de três partes:

1. introdução, breve ampliação, e confirmação;
2. moralidade e exortação;
3. enfim, a sentença aterradora.

Exemplo de uma exortação de semente

I. Introdução. — Queres condenar-te, pecador? queres que teu Deus te castigue e se afaste de ti? Há dias que se prega Missão aqui em tua terra e tu nem vens à igreja!... Em vez de castigo, Deus te envia a Missão e por ela te chama dia e noite, a tôda hora, em todos os lugares: na igreja, nas praças públicas, até mesmo em tua casa.

Quais as misericórdias que Deus poderia usar contigo e não no fêz? E tu te mostras cada vez mais surdo e mais obstinado! Pois bem, continua, continua a desprezar a voz de Deus e suas graças; mas fica sabendo que a justiça do Senhor está próxima e ela te preparará uma morte tremenda. Os demônios pedem a Deus se vingarem de ti, Deus mesmo já não te pode mais suportar.

Pobre pecador, como te lamento! Melhor fôra não houvesse nascido! Agora zombas da Missão, mas tempo virá em que esta graça, que te é dada hoje e da qual não te queres aproveitar, será para ti uma como espada que transpassará tua alma no inferno eterno. Então abrirás teus olhos para chorar, maldirás tua obstinação e já não terás tempo para remediar ao mal...

II. Moralidade. — Eia, pois, ingrato, ouve e cessa de ofender a teu Deus! Vem amanhã à igreja a ouvir as pregações, que ali ainda estamos fazendo. A Missão está em pleno curso, Jesus te espera! Faze uma boa confissão de todos os teus pecados! E vem logo, porque a Missão toca a seu fim! Não percas tempo, não queiras resistir à voz de Deus que te chama!

III. Sentença. — Se assim não fizeres eu te anuncio da parte de Deus um grande castigo e digo-te que esta Missão, que o Senhor te envia para tua salvação, se a desprezares, não servirá senão para sêres abandonado de Deus e para gemeres com mais desespêro no inferno, sem esperança de poderes jamais remediar ao teu mal.

2. DA EXORTAÇÃO DIURNA

Como ficou dito anteriormente, com esta exortação procura-se levar à igreja as pessoas que se encontram pelas praças e botequins e lojas. E assim a moralidade deve terminar por um movimento que leve os ouvintes à igreja a ouvir as pregações, que se vão iniciar.

A exortação diurna contém as mesmas partes da noturna, com esta diferença:

1. que a diurna pode ser mais prolongada, durando até quinze minutos; pode estender-se um pouco mais nas provas, ajuntar-se-lhes mesmo algumas breves sentenças latinas, duas ou três. Poder-se-ia até narrar um fato, uma vez que êle fizesse boa prova do assunto que se desenvolve.

2. O estilo deve ser extremamente simples e familiar, não lhe faltando, todavia, fôrça e mesmo veemência.

3. Não é preciso que preceda um cântico, tanto mais se o povo já estiver reunido e à escuta.

4. No final da exortação, principalmente nos primeiros dias da Missão, pode-se ajuntar um ato de contrição.

5. Enfim, em lugar da sentença aterradora, apresente-se um motivo especial para levar os ouvintes à igreja.

EXEMPLO DE EXORTAÇÃO DIURNA

I. Introdução. — Irmãos! Um Rei houve que, tendo sido injuriado por um de seus súditos, justamente o condenou à morte. Porém, antes da execução da sentença, que faz o Monarca? envia ao condenado um de seus ministros a dizer-lhe que, se êle se arrepender e pedir perdão, êste lhe seria concedido. Isso, porém, não se passou entre um príncipe e seu súdito, mas entre Deus e vós. Estais condenados ao inferno pelas ofensas, que haveis feito a Deus e Deus, em lugar de pôr em execução sua justiça, envia-vos os Missionários como seus embaixadores: "*Pro Christo legatione fungimur*", embaixadores de paz e de perdão.

II. Ampliação. — Da parte de Cristo nós vos anunciamos que o Senhor está pronto a perdoar-vos, caso vos arrependais de o haver ofendido e se lhe prometerdes uma mudança de vida. E que dizeis então e que respondeis à isso? Ouvi, cristãos, a Missão é uma obra de misericórdia para aquêles que dela se sabem aproveitar; mas, para os obstinados servirá para serem abandonados e castigados por Deus. O Salvador chorou sobre Jerusalém; e por que? Porque via que essa cidade ingrata não queria tirar proveito

da visita que lhe fazia. "*Videns civitatem, flevit super illam*". Anuncia-lhe então o castigo vindouro: "*Ecce derelinquetur domus vestra deserta, eo quod non cognoveris tempus visitationis tuae*" (Lc 19, 44).

III. Moralidade e exortação. — Povo de X, hoje visita-te Jesus Cristo pela Santa Missão e vem trazer-te misericórdia! Trema aquêlê que despreza a visita do Senhor e tema um grande castigo.

E' preciso, irmão, que tornes a Deus, porquanto é Ele mesmo que te chama. Mas vem logo! Deus chama e nem sempre Ele concede essa graça, mas quando chama quer ser obedecido: "*Hodie si vocem Domini audieritis, nolite obdurare corda vestra.*"

Se o condenado, a quem o Rei promete o perdão condicionado apenas ao arrependimento, se o condenádo respondesse que queria primeiro refletir e depois iria resolver, não o mandaria executar o Rei? E é o que tem a esperar o que se não converte logo ao chamado de Deus...

IV. Aviso da Missão. — A Santa Missão vai-se abrir hoje aqui em vossa terra. Eis que Jesus Cristo vos convoca e vos diz: "*Convertimini ad me et convertar ad vos*" (Zac 1, 1.) Pecadores, afastastes-vos de mim, mas tornai e vos receberei em meus braços! Nada quereis mais de Deus? Ah! não! que não há entre vós quem seja tão ingrato que ouse ajuntar às injúrias já feitas mais esta de desprezar o perdão que o Senhor lhe oferece!...

V. Ato de contrição. — Lancemo-nos aos pés de Jesus Cristo e digamos: Senhor, eu vos agradeço me haverdes esperado até agora; de não me haverdes atirado ao inferno; eu me arre-

pendo, etc.... Para o futuro quero mudar de vida... (Alguns motivos para incitar os ouvintes a irem à igreja.) Todos, pois, para a igreja! Diz Jesus Cristo que suas ovelhas o ouvem: "*Oves meae vocem meam audiunt*", os que são portanto do rebanho de Jesus vão segui-lo...

3. DA EXORTAÇÃO DE DISCIPLINA

Esta exortação deve ser bem mais breve do que a noturna e deve ser feita em palavras cheias de compunção, de terror, com voz lametosa, porquanto o fim desta exortação é de comover os ouvintes e levá-los ao arrependimento e à penitência. Compreende três partes: as reflexões, a moralidade, e os movimentos.

Na *reflexão*, vem exposto um dos argumentos mais marcantes da pregação feita; na *moralidade*, demonstre-se a necessidade da penitência; nos *movimentos*, excita-se o povo à penitência.

EXEMPLO DE UMA TAL EXORTAÇÃO

Suponho que se haja pregado sobre o *abandono de Deus*.

I. Reflexão. — Ouviste, meu irmão, qual o castigo que mereces pelos teus pecados? Sim, merecerias que Deus te abandonasse e que Êle jamais te perdoasse; porém o Senhor te espera ainda e te chama; abre seus braços para te receber, caso queiras voltar a Êle. Ah!, meu irmão, não desprezes mais êsse Deus que usa de tamanha bondade para contigo! Muda de vida! Ou preferes esperar que Êle te abandone?...

II. Moralidade. — Sim, pecador, torna já ao Senhor e dize-lhe que dora em diante lhe não

queres mais ofender. Quanto ao passado, roga-lhe que te perdoe as ofensas feitas!

III. Movimentos. Afetos. — Geme, faz penitência, castiga êsse teu corpo, pois que êle foi a causa de tanto desprazer a Deus. Eia, levanta tua mão, eleva tua voz, pede perdão a Deus: Perdoai-me, Senhor, misericórdia! Arrependo-me de vos haver ofendido, misericórdia!...

Neste passo o Padre entoará o *Miserere*, ao qual responderão os demais sacerdotes, que estejam presentes. Em dado momento, em meio ao salmo, agitando a campainha, faz-se uma parada e toma por argumento um dos versículos, um sentimento breve e sempre dentro das mesmas regras.

— *Ne projicias a facie tua.* Ao refletir sôbre as ofensas que fizera a Deus, Davi tremia e clamava: *Ne projicias...* Senhor, não me afasteis de vossa presença, como eu o mereceria!...

E tu, meu irmão, que dizes? quantas vêzes não expulsaste a Deus de tua alma? Não merecerias por tanto que Deus te expulsasse também da igreja?

Mas, não! ouve o que Êle te diz neste momento: Pede-me perdão, meu filho, eu to quero dar. Eleva tua voz novamente: Perdão, Senhor, misericórdia!...

E' mister se termine a disciplina com rasgo de fervor. Se o fervor do auditório esmorece, é preciso reanimá-lo e entoar o *Gloria Patri*. Diga-se em seguida ao povo: Cantemos agora êste cântico, mas gemei, gemei!

Offesi te, mio Dio
 Caro Signore,
 Mio Dio, mar de bontà
 Fonte d'amore.

Ingrato offesi a torto
Offesi a torto,
Chi sol per darmi vita
In croce é morto.

Mi pento, sommo Bene
Bontà infinita,
Mai più ti offenderó,
Mai più, in mia vita.

Tutti i momenti miei,
Signor sian spesi,
In pianger quel tempo,
In cui t'offesi.

Degli anni scorsi ancora
In un momento,
Che spesi senz'amarti,
O Dio me pento.

Após o cântico se faça o povo recitar três Ave Marias, com a face em terra, e termine-se dizendo: Louvado e agradecido seja a cada momento o SS. Sacramento. Bendita seja a santa, imaculada e puríssima Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria!

Tôdas as pessoas que desejam confessar-se, venham à Missão! — Devo avisar que é preciso que os Missionários, principalmente o Padre que tem as instruções e os sermões, convidem instantemente o povo e os homens a virem confessar-se logo, porquanto, quando já fôr grande a assistência, êles não o poderão fazer assim tão cômodamente. Esse aviso deve ser feito repetidamente desde o início da Missão e com energia, porque doutra forma os Missionários terão pouco a fazer nos primeiros dias e depois terão acúmulo de serviço.

**OUTROS EXEMPLOS DE SENTIMENTO
DE DISCIPLINA****O sermão foi sôbre a MORTE**

Reflexão. — Acabas de ouvir, meu irmão, que vem o dia em que hás de morrer; o mundo se acabará então para ti, estará estendido sôbre um leito o teu corpo e de todos estarás abandonado...

Moralidade. — Não terás, então, mais tempo para te reconciliares com Deus; tua consciência confusa, tua cabeça zonza, teu coração duro como uma pedra, e Deus indignado. Se fores capaz remedeia então a isso. Agora tens tempo para preparar tuas contas e aplacar a Deus. Até esta hora Êle te esperou. Estende seus braços para te receber. Saiba que, se te arrependeres das ofensas que lhe fizeste, Deus esquecerá todos os teus pecados...

Movimento. — Faze, pois, penitência! Lamenta teus pecados! Etc.

Após o sermão sôbre o JULGAMENTO

Reflexão. — Virá, pois, êsse dia, meu irmão, em que hás de estar diante do tribunal de Jesus Cristo, para lhe renderes conta de tua vida. Dize-me, se o Senhor te quisesse julgar nesta noite, qual a sentença que havia de cair sôbre ti?...

Moralidade. — Ouve: naquele dia não haverá mais esperança de misericórdia. Jesus Cristo exercerá então sua justiça; agora, porém, êle é Pai e estende seus braços para te receber e para te perdoar...

Movimento. — Faze penitência! Chora teus pecados! Geme! Etc.

Depois do sermão sôbre o INFERNO

Reflexão. — Nesta noite, meu irmão, ouviste o sermão sôbre o inferno. Pois bem, refletiste acaso qual o lugar que te caberia pelos teus pecados? Deverias estar enterrado nesse mar de fogo, nesse abismo de trevas, a sofrer tormentos inauditos... E não agradeces a Deus o estares ainda nesta igreja, podendo mesmo acalentar a esperança de seres perdoado, se o quiseres? Ah! se um condenado pudesse estar aqui nesta noite, se lhe fôsse dado arrepender-se e ser perdoado, quais não seriam seus dolorosos gemidos! a que penitências se não sujeitaria, para não tornar ao inferno!...

Moralidade. — E tu que tantas vêzes tens merecido o inferno e talvez bem mais que outros que lá estão, porque menos pecaram do que tu, que fazes? Não te mostras arrependido? não pedes perdão?...

Movimento. — Como acima.

4. DA EXORTAÇÃO PARA O BEIJO DA TERRA

O praticar as disciplinas se prolonga geralmente até ao dia da bênção. Nesse dia, substituindo a disciplina, dir-se-ão algumas palavras endereçadas especialmente aos que têm o mau hábito de fazer juramentos, de dizer palavras desonestas.

Far-se-á assim: após saídas as mulheres e fechada a igreja, retirem-se os bancos e cadeiras, fazendo-se reunir ante a porta grande da

igreja. O Padre a quem cabe fazer a exortação coloca-se em frente à multidão, em local mais elevado, e terá a seu lado um Crucifixo mantido entre dois círios acesos. Os demais Padres Missionários colocam-se ali juntos. Terão cuidado que o povo se mantenha reunido diante do Crucificado, afastando as crianças que se aproximem demasiado. Faz-se a exortação. No final, desta quando o pregador incitar a beijar a terra, os demais Missionários começarão a fazê-lo, dando o exemplo. E quando virem que o povo todo está prostrado e com a face em terra, erguer-se-ão e se espalharão pelo meio das gentes, exortando-as, em alta voz, a oscularem a terra com compunção.

A finalidade dêsse exercício deve ser: incutir nas pessoas grande horror pelos pecados que se cometem com a língua. Esta exortação pode ser um pouco mais prolongada do que as outras, porque ordinariamente é feita uma única vez. Pode ter esta forma:

O' Bondade de Deus, és realmente infinita! O' Justiça divina, que terrível és! Pecado maldito, como és cruel! Levanta teus olhos, meu irmão, considera a imagem dêsse homem pregado a uma cruz, após ter sido flagelado, ter sido coroado de espinhos, coberto de chagas da cabeça aos pés! Dize, rogo-te, dize-me quem é êsse homem, como se chama? E' o Filho de Deus, o Inocente, o Santo! Por que deixa-O o Pai Eterno morrer em meio a tantos suplícios? Ouve o que responde o Pai Celeste: **Propter scelus populi mei percussi eum.** (Is 53.) Vê a que desprezo levaste o Cordeiro Inocente pelos teus pecados! Com tuas ações desonestas Lhe rasgaste as carnes, com os teus pensamentos maus O coroaste de espinhos, com os teus atos e toques impuros e criminosos cravaste-O com pés e mãos, com teu endurecimento Lhe transpassaste o coração.

Consolai-vos, porém, meu Jesus, êstes pobres pecadores não são empedernidos. Bem sabeis que nestes dias da

Missão êles se resolveram reparar o mal que têm feito: êles curarão vossas chagas com a disciplina; as injúrias, os escarros com que cobriram vossa face, com as lágrimas; a dor que experimentastes em vossos pés, com a frequência à igreja; os ferimentos causados pelos espinhos, com bons propósitos. Irmãos, tudo isso é verdade, mas eu vejo a bôca divina de Jesus, eu a vejo saciada do fel de vossas blasfêmias, das vossas queixas, das vossas palavras desonestas... Eia, pois, neste momento podeis proporcionar-Lhe doçura tanta quanto foi o amargor que Lhe causastes no passado. E como? Lamentando os desgostos que destes a êsse Deus tão bom, que por vós morreu, arrastando e colando à terra essa língua e essa bôca que ministraram tanto fel a Jesus Cristo. Vamos, pois, dai-Lhe êsse consôlo agora! Meus Padres, o vosso exemplo, meus filhos, imitai os Padres!...

Sentenças que podem ser ditas ao se beijar a terra:

1. Sofre, língua maldita, que ousaste injuriar a Jesus Cristo!

2. Pensa, irmão, que essa língua deveria estar a arder no inferno, etc.

3. Dizei: O' Jesus, aceitai esta pequena penitência e perdoai-me as palavras que me fizeram merecer vossa inimizade.

4. Maria, minha Santa Mãe, ofereci a Deus minha penitência e pedi-Lhe perdão para mim!

5. Que alegria, nesta noite, que alegria para os Anjos que vos contemplam; que sofrimento para os demônios que vêem que Deus vos recebe em seus braços!

6. Fazei um ato de contrição! Pedi perdão!... Ouvi, Senhor, eu me arrependo... Faço firme propósito: antes morrer... Já vos dei fel bastante... Quisera morrer a vos ofender novamente com minha língua.

7. Pai Eterno, por amor a Jesus Cristo, pelo fel que Ele bebeu na cruz, perdoai-me!...

8. Irmão, se estivesse no inferno, como o merecerias, que não haverias de fazer para saíres dali? Nesta noite, por esta pequena penitência Deus te livrará da morte...

5. DA EXORTAÇÃO À PAZ

A exortação à paz é feita depois da exortação de disciplina ou à penitência. E' diferente também da que se faz na Comunhão em comum.

Consta esta exortação à paz de seis partes:

1. resumo,
2. aplicação,
3. prova,
4. exemplo,
5. moralidade,
6. afeto ou movimento.

No *resumo*: relembram-se brevemente alguns trechos da prédica que foi feita; na *aplicação*: fala-se das pessoas que guardam ódio e dos castigos a que estão sujeitos os vingativos; na *prova*: mostra-se com trechos da Sagrada Escritura ou dos Santos Padres ou com provas de razão o que se deve temer da divina Justiça nos atos de vingança, ou, pelo contrário, o perdão que se terá de Deus, quando se sabe também perdoar. No *exemplo*: relata-se um fato que venha confirmar a argumentação; vem a *moralidade* e, por fim, procura-se mover os ouvintes excitando-os à paz, ao perdão das injúrias.

Mezmo terminada a prática, o pregador continuará ainda a exortar seus ouvintes à reconciliação, ajuntando alguns motivos ao exemplo que lhes narrou. Avise também que não sòmente o agressor o venha procurar, mas igualmente o ofendido que quer perdoar, a fim de

que lhe comunique secretamente a injúria recebida. Quando vier somente o agressor, seja êle despedido com palavras de consôlo e não se nomeiem pessoas nem se cite fatos. Ao apresentar-se o ofendido, se a ofensa foi secreta, procure-se conseguir a reconciliação; mas, se foi pública, chame-se o agressor (a não ser um eclesiástico), a fim de que êle e o agredido se abracem aos pés do Crucifixo. Se o agressor não estiver presente procure-se pessoa parente chegada para dar o ósculo ao ofendido. Cuide-se, entretanto, que, em se tratando de um caso de honra, alcance-se do ofendido que êle apenas diga que perdoa sem o obrigar todavia a dar o ósculo de paz, pois que em tal circunstância poderia resultar escândalo, ou fomentar uma amizade culpável...

EXEMPLO DE UMA EXORTAÇÃO A PAZ

I. Resumo. — Acabais de ouvir, meus irmãos, quais as contas que haveis de prestar a Jesus Cristo e qual a terrível sentença que Nosso Senhor pronunciará contra os pecadores.

II. Aplicação. — O santo varão Jó exclamava ao pensar no julgamento de Deus: *Quid enim faciam cum surrexerit ad judicandum Deus? et cum quaesierit quid respondebo illi?* (Jó 31.) E vós, meus irmãos, que respondereis a Deus quando êle vos pedir contas de vossa vida? Sim, sim, meu irmão, que lhe responderás, tu que guardas ódio a tal pessoa e que, não obstante ao que acabas de ouvir na prédica desta noite, ainda pensas em te vingar?...

III. Prova. — Somente a Deus pertence o vingar-se, porque só Êle é o justo vingador do pe-

cado e a Êle tão sòmente cabe o apelido de *Deus ultionum*. E tu, verme miserável, queres ocupar o lugar de um Deus? Ouve lá quais são os castigos que, como o afirma S. Tiago, hão de ter os que não sabem perdoar: "*Judicium sine misericordia fiet illi, qui non fecit misericordia.*" (Tg 2, 13.) Não queres agora perdoar a injúria que teu próximo te fêz? quando recorrereres à misericórdia de Jesus Cristo, teu Juiz, Êle ta recusará também. E tu mesmo nem ousarias recorrer à misericórdia de Deus, diz S. Agostinho, reconhecendo que Êle não está disposto a usá-la: *qua fronte, diz o mesmo Santo, indulgentiam peccatorum obtinere poterit, qui ei praecipienti dare veniam non acquiescit?* No momento te queres vingar do próximo; pois bem, Jesus Cristo vingar-se-á também de ti. "*Mea est ultio, diz o Senhor, et ego retribuam in tempore*" (Dt 32). Mesmo que não houvesse cometido outras graves ofensas contra o Senhor, lembra-te que é muito grande êrro continuar no ódio ao próximo, quando Jesus Cristo te exorta, nesta noite, a perdoar a teu irmão por amor Aquele que to ordena, que to pede...

IV. Exemplo. — Conta-se que João Gualberto encontrou num belo dia casualmente o assassino de um de seus primos. O criminoso pede-lhe perdão em nome de Jesus Cristo; diante disso João o perdoa e logo em seguida, entrando em uma igreja, nota que o Crucificado acena com a cabeça como que a agradecer-lhe o haver perdoado ao inimigo, por amor a Êle...

Poder-se-ia narrar ainda o seguinte fato: Existiu um poderoso senhor que tinha sete inimigos e de todos êles se desejava vingar. S. Catarina de Sena rogou-lhe que perdoasse por

amor a Nosso Senhor, ao menos a um dos sete. O tal senhor o fêz e experimentou com isso tamanho consôlo interior, que, em procurando S. Catarina, declarou-lhe que a todos perdoava por amor a Jesus Cristo.

IV. Moralidade. — Deus quer bem aos que sabem perdoar as ofensas. Meu irmão, se dejesas o ósculo de paz de Jesus Cristo, perdoa àquêlê que te ofendeu. *Dimittite et dimittimini* (Lc 6, 37). “Perdoa e eu te perdoarei.” Ouve-me, se agora perdoares e quiseses esquecer as ofensas que te fizeram, Deus também se esquecerá das máguas que de ti recebeu e te acolherá como filho.

V. Afeto. — Coragem, pois, cristão, tu que fôste injuriado por alguê, confia-o em segrêdo a teu Pai, ao Padre, êle te conseguirá a reconciliação aos pés do Crucifixo. Bendito aquêlê que primeiro, nesta noite, realizar essa bela ação e que der assim o bom exemplo! Vem, pois, que Jesus te espera!..

* * *

O que fica dito é apenas um resumo de uma exortação à paz. Quis dar sômente uma rápida idéia. Cada Missionário poderá ampliar o dito à sua maneira e como melhor julgar conveniente... Podem-se ajuntar outros motivos, por exemplo:

1. Vem, esta noite, vem dar um prazer a Jesus Cristo, vem perdoar!... Não te rogo que o faças em atenção a mim, mas por amor a Jesus Cristo Crucificado, que te perdoará também. Se assim não o quiseses fazer, não ouses também pedir perdão a Deus, porque êle não te ouvirá no dia do julgamento.

2. O demônio põe sentido, tenta-te neste momento a não perdoar. Ele te insinua que é um ato de covardia o que vais fazer; dize-lhe, porém: E Jesus Cristo também foi um covarde, quando perdoou os que o haviam crucificado? Eia, pois, não dêes ouvido às insinuações do demônio, escuta antes a Jesus que te fala neste momento: Se queres a paz comigo, faze-a primeiro com teu próximo...

3. Que esperas? Esforça-te e não te deixes vencer pelo demônio; dá essa consolação a Jesus e a Maria, que estão à espreita de tua conduta...

4. Que doce prazer sentirás, certamente, ao praticares essa bela ação! Vamos, pois!...

5. Considera bem e treme! Se, nesta noite, não perdoares, Deus te abandonará e te condenará.

6. Ei-lo, ei-lo que vem! Deixai, meus irmãos, deixai-o passar! Vem a Cristo, ao Rei da paz. Viva Jesus Cristo contra quem o inferno rugel!... Alegremo-nos!...

Mais adiante, ao falarmos dos solilóquios para as Comunhões em comum, daremos o exemplo da exortação à paz, que é feita ao povo quando da Comunhão em comum.

CAPÍTULO II

DA RECITAÇÃO DO ROSÁRIO

1. Da parte recitativa

Antes de se recitar o Rosário, faz-se, ordinariamente, uma curta introdução, narrando-se um fato ou exemplo que faz prova da proteção de Maria aos que se dão a essa devota prática. Note-se, porém, que essa introdução deve ser feita quando o tempo o permite ou dela se necessita para conseguir o recolhimento dos fiéis, o que algumas vezes pode acontecer. Aliás, comumente, durante o inverno, e em lugares onde se faça uma instrução durante o dia, o que sucede ordinariamente, o tempo não no permitirá fácil; nesse caso é melhor omitir-se a introdução e reze-se o Rosário, o que reverterá em puro benefício da Missão. Pode-se perfeitamente começar a recitar os mistérios, acompanhados de pequenas reflexões e de moralidades breves, como se verá dos exemplos que dou a seguir; depois, se o tempo o permitir, vem a parte narrativa do rosário ou o exemplo.

Damos em seguida as regras da narração: Contém ela três partes: a *introdução*, o *fato*, a *moralidade*.

1. Primeiro: *quanto à introdução*, a proposição ou argumento, será tirado do fato mesmo que se narra, passando-se do geral para o particular. Se, p. ex., se fala do socorro que Maria proporciona a todos os seus devotos à hora da morte, dir-se-á: A todos os momentos e em tôdas as circunstâncias Maria, nossa Mãe, protege a seus servidores; mas é bem na hora da

morte que êles têm necessidade dessa assistência...

2. *Quanto ao fato*: narra-se, resumidamente, o que diz respeito ao argumento, deixando-se tôdas as circunstâncias estranhas ao caso e não empregando parênteses. E' sempre recomendável que se cite o autor da narrativa e bem assim as circunstâncias de lugar e tempo.

3. Para a *moralidade*: tiram-se as conclusões do fato narrado, tendo-se em vista a parte particular. Por exemplo: Estais vendo, meus irmãos, quanto o Rosário nos pode auxiliar a obter a proteção de Maria para a hora de nossa morte. Em seguida a moralidade: "Assim, de ora em diante, não deixeis de recitá-lo todos os dias e com grande devoção e com ilimitada confiança. Façamo-lo desde já, vamos recitar o Rosário todos juntos; *Deus in adiutorium...*"

EXEMPLOS DE NARRATIVAS

I. Introdução. — Os verdadeiros devotos de Maria podem dizer-se felizes desde esta vida e têm seguro o paraíso. *Qui invenerit me, inveniet vitam et hauriet salutem a Domino* (Prov 8, 35). Quem é, porém, que acha Maria? E' quem a honra de um modo especial e que a ama. Mas, entre todos os meios pelos quais se pode honrar a Maria, não conhecemos qual lhe possa ser mais agradável do que o santo Rosário. Que belas esperanças de salvação não devem manter aquêles que rezam o Rosário devotamente e com perseverança! Os livros estão cheios de exemplos de almas que se salvaram por êsse meio. Ouvi o que diz o próprio demônio em louvor do Rosário, constrangido a isso por S. Domingos:

II. Narração. — O P. Pacciuchelli narra no seu livro sobre a Virgem (Exercício III, sobre a Ave Maria, nº 10) : Um dia estava S. Domingos pregando sobre a devoção do Rosário, quando viu aparecer um herege, que por seu mal falar merecera de Deus um justo castigo: estava possesso. Vinha manietado e levantava terríveis gritos. S. Domingos manda então aos demônios, em nome de Maria, que respondam às perguntas que lhes vai fazer. Interroga-os sobre o motivo por que se apossaram daquele homem e sobre o número deles. Responderam que o fizeram por causa das irreverências que usara contra Maria e que eram quinze mil, sendo quinze os mistérios do Rosário, que êle possesso desprezara. Retorna o Santo e pergunta-lhes se não eram verdadeiras as coisas que êle vinha pregando sobre o Rosário... Neste ponto os maus espíritos se puseram a urrar, maldizendo o momento em que entraram naquele corpo, pois se viam obrigados a confessar uma verdade que lhes prejudicava os interesses. Atendei, cristãos, diziam, tudo que o nosso inimigo diz de Maria e do Rosário, é verdadeiro. E acrescentavam que nenhum poder tinham sobre os seryidores da Virgem; que pessoas havia, que, embora indignas, salvaram-se por invocarem a Maria. Somos forçados a declarar que os que perseveram na devoção a Maria e ao Rosário não se condenarão, porque a Mãe de Deus os protege. A essas declarações S. Domingos faz o povo todo recitar o Rosário e a cada Ave Maria os demônios urravam como se estivessem entre brasas. Terminada a reza, o possesso se encontrou livre dos maus espíritos infernais. Diante desse

fato muitos hereges voltaram à fé e se fizeram ardentes defensores do Rosário.

III. Moralidade. — Vêde, pois, meus irmãos, os que honram a Maria com a recitação do Rosário devem guardar a esperança da salvação. Não o deixeis, por isso, de recitar diariamente com amor e confiança. Os que negligenciaram essa piedosa prática no passado, recomecem-na desde hoje e não a abandonem! Vamos recitar o Rosário todos os dias da Missão, a fim de que Nossa Senhora consiga a todos os moradores dêste lugar verdadeira conversão...

2. Dos mistérios do Rosário

Após a declaração do mistério, vêm a consideração, a moralidade, a prece. Por exemplo: *no primeiro mistério gozoso* — o Anjo Gabriel anuncia à SS. Virgem que ela devia conceber e dar à luz Nosso Senhor Jesus Cristo.

Consideração. — Considerai, irmãos, o amor de Deus para com os homens; poderia ter mandado um Anjo a salvar-nos e nos envia, entretanto, seu Filho Unigênito. “*Ne corda dividere-mus, diz S. Bernardo, voluit esse nobis Creator et Redemptor*”...

Moralidade. — E como correspondem os homens a um amor tão grande da parte de Deus?

Prece. — Roguemos a Maria, ao recitarmos esta dezena, nos obtenha o amor de Deus. O’ Mãe de meu Deus, que tanto amastes ao Senhor, que para nos livrar do inferno se fez vosso filho, alcançai-nos de Jesus Cristo a graça de O amarmos com tôda nossa alma.

Segundo mistério gozoso:

Ao saber a Santíssima Virgem que Isabel, sua prima, estava grávida, parte a vê-la e fica três meses em sua casa.

Consideração. — A visita de Maria foi a salvação para a família toda.

Moralidade. — Feliz da alma a quem Maria faz sua visita...

Prece. — Imploremos a essa Mãe das Graças, nos queira assistir durante as Missões, a fim de nos santificarmos.

Terceiro mistério gozoso:

Chegado o tempo de Maria dar à luz, nasce o Salvador, em Belém, e entre dois animais é colocado numa manjedoura.

Consideração. — Maria achava-se em Belém na ocasião em que deveria dar à luz ao Divino Infante, mas, não encontrando na cidade casa alguma em que se hospedar, viu-se na dura contingência de procurar uma gruta, que servia de abrigo a animais. Ali vem à luz o Filho de Deus...

Moralidade. — Jesus quis aparecer neste mundo como uma criança e ser pôsto numa manjedoura para ganhar a confiança dos pecadores. Que ninguém, pois, desespere!

Prece. — Peçamos à Virgem nos impetre uma confiança sem limites.

Quarto mistério gozoso:

Quarenta dias após o nascimento do Menino, decorridos os dias da purificação legal, Maria apresenta seu Filho no templo, depondo-o nos braços do velho Simeão.

Consideração. — Maria, não lhe era mister purificar-se, porque era isenta de tôda mancha; mas, obediente à Lei e humilde, quer aparecer impura como as outras mulheres.

Moralidade. — Maria, puríssima que era, consentiu aparecer impura e sujeitou-se a uma purificação; e vós, alegando vergonha, não quereis confessar vossos pecados, durante a Missão?...

Prece. — Rogai a Nossa Senhora vos faça vencer êsse falso pudor de vos confessardes.

Quinto mistério gozoso:

Maria perde seu Divino Filho e após procurá-lo, durante três dias, encontra-o, enfim, entre os doutôres, no Templo, a disputar, e tinha o Menino doze anos apenas.

Consideração. — S. José e a SS. Virgem foram em visita ao Templo, em Jerusalém, levando consigo a Jesus Infante. Na volta o perderam. Procuraram-no e após três dias de lágrimas e de corações oprimidos de dor o vão encontrar no Templo.

Moralidade. — Maria só perdeu a presença de seu filho, não a sua graça; não obstante, chorando, o procura... Oh! como não deveria chorar o que perde a graça divina? Mas o que a procura de boa vontade a encontrará seguramente.

Prece. — Supliquemos à Virgem uma dor sincera.

MISTÉRIOS DOLOROSOS

1. Primeiro mistério doloroso:

Jesus Cristo sua sangue, quando reza no jardim das Oliveiras.

Consideração. — Quando o nosso Redentor estêve no Hôrto das Oliveiras, sentiu tristeza tão profunda que, êle mesmo o disse, ela lhe podia causar a morte...

Moralidade. — Eu perguntaria: qual foi a causa dessa aflição de Jesus no Jardim das Oliveiras? que foi que lhe causou o suor de sangue? Foi a contemplação dos nossos pecados. Unamos os nossos sofrimentos aos de Jesus!

Prece. — Impetremos da SS. Virgem a graça dessa união.

2. Segundo mistério doloroso:

Jesus flagelado no palácio de Pôncio Pilatos. Segundo uma visão de Santa Brígida, recebeu milhares de golpes de açoites.

Consideração. — A flagelação de Jesus foi coisa tão cruel, que seu sagrado Corpo ficou como o de um leproso, uma só chaga da cabeça aos pés. Assim já o predissera Isaías: *Et reputavimus eum quasi leprosum.*

Moralidade. — Dizem os mestres que Jesus quis sujeitar-se a êsse terrível suplício para satisfazer pelos pecados de desonestidade. Vêde, pois, pecadores, são vossas faltas contra a pureza que flagelaram a Jesus. Ah! não no façais ainda!...

Prece. — Pedi à SS. Virgem vos livre desse vício impuro com que se enche o inferno... Invocai a Maria nas vossas tentações!...

Terceiro mistério doloroso:

Jesus é coroado com uma coroa de espinhos e diante do Rei Herodes é zombado baixamente.

Consideração. — Após flagelado, os algozes fizeram Jesus sentar-se sôbre uma pedra, co-

locaram-lhe na mão uma cana à guisa de cetro, puseram-lhe em volta às espáduas um trapo como se fôsse manto real, e como diadema um trançado de espinhos, que lhe calcam sobre a cabeça com golpes de varas. E, zombeteiros, mofam-se do Redentor a dizer: *Ave, rex Judaeorum*; e o esbofeteavam...

Prece. — Roguemos a Nossa Senhora antes a morte do que ofender novamente a Deus...

4. Quarto mistério doloroso:

Jesus é condenado à morte por Pilatos; tem que levar sobre os ombros o pesado madeiro.

Consideração. — Jesus recebe em seus braços essa cruz sobre a qual vai satisfazer pelos pecados dos homens.

Moralidade. — E' justo, pois, que, para satisfazer pelas ofensas que temos feito a Deus, recebamos pacientes as cruzes que êle nos envia...

Prece. — Roguemos a Maria nos obtenha paciência e resignação nas tribulações!...

5. Quinto mistério doloroso:

Chega Jesus ao Calvário; é pregado na cruz após ser desnudado. Deve morrer por nosso amor e em presença de sua SS. Mãe.

Consideração. — Consideremos a morte cruel que o Salvador quis padecer para conquistar nosso amor...

Moralidade. — Cada um de nós tenha um Crucifixo e, fixando-o, lhe digamos frequentemente: Jesus, eu vos amo, a vós que morrestes por mim!...

Prece. — Peçamos à Virgem Dolorosa a graça de lembrarmos com freqüência o amor que nos demonstrou Jesus, morrendo por nós.

MISTÉRIOS GLORIOSOS

Primeiro mistério glorioso:

Jesus Cristo ressuscita glorioso ao terceiro dia após sua morte; triunfante, jamais morrerá.

Consideração. — Consideremos a glória de nosso Salvador ressuscitado, vencendo o demônio por sua morte e libertando os homens.

Moralidade. — Que loucura, portanto, a dêses pobres pecadores que, libertados por Jesus Cristo do poder do demônio, a êle, no entanto, se querem escravizar por um vil prazer ou em troca de efêmeros bens desta terra!...

Prece. — Roguemos a Maria o amor a Jesus, a fim de que não nos escravizemos ao demônio!

2. Segundo mistério glorioso:

Quarenta dias após sua Ressurreição, sobe aos céus triunfalmente, em presença de sua Mãe e de seus discípulos.

Consideração. — Antes da morte do Redentor o céu estava fechado aos homens; mas, por sua morte, Jesus o abriu aos que o amam..

Moralidade. — Vêde como o Salvador sofreu para nos garantir o paraíso, êste Reino de felicidade perene... e tantos são os pobres loucos que a isso renunciaram e preferem condenar-se ao inferno, correndo atrás de prazeres miseráveis, após um nada.

Prece. — Que a SS. Virgem nos obtenha luzes necessárias para conhecermos quão miseráveis são as coisas desta terra e compreendermos quão

grandes as delícias que Deus tem preparadas aos que O amam nesta vida.

3. Terceiro mistério glorioso:

Vinda do Divino Espírito Santo, enviado por Jesus, sobre os Apóstolos, que juntamente com Maria estavam reunidos no Cenáculo.

Consideração. — Antes de receberem o Espírito Santo, eram os Apóstolos tão fracos, tão pouco animados do espírito divino, que um deles chegou a trair Jesus, outro o negou, e os demais abandonaram o Mestre nos dias de sua Paixão. Porém, depois que lhes foi comunicado o Divino Espírito, inflamaram-se de um amor tal, que mais tarde todos deram sua vida por Jesus Cristo.

Moralidade. — Diz S. Agostinho: *Qui amat laborat*, quer dizer: quem ama a Deus não padece nos sofrimentos, ao contrário, alegra-se com êles.

Prece. — Peçamos a Maria nos alcance do Divino Espírito Santo o dom do amor de Deus, porque assim os sofrimentos desta vida nos serão toleráveis.

4. Quarto mistério glorioso:

A S. Virgem, bastantes anos depois da Ressurreição de Jesus, morre e é levada aos Céus pelos Anjos.

Consideração. — A morte de Maria foi toda de paz e cheia de consôlo, porque sua vida foi toda de santidade.

Moralidade. — Nossa morte não será assim, pois que os nossos pecados se apresentarão diante de nossos olhos de moribundos; porém,

para os que se corrigiram em vida e foram fiéis servidores de Maria, esta boa Mãe pensará por êles nessa tremenda hora, dar-lhes-á sua proteção e os consolará. Assim tem sucedido na morte àqueles que lhe foram devotados na vida.

Prece. — Ponhamo-nos, portanto, sob o manto dessa boa Mãe; tomemos a resolução de verdadeira emenda; roguemos-lhe nos assista à hora derradeira.

5. Quinto mistério glorioso:

Nesse mistério contemplemos a glória da SS. Virgem coroada por seu divino Filho, e triunfante entre todos os Anjos e Santos.

Consideração. — Coroada por Deus, Maria se fez a Advogada dos homens; ela reza continuamente por nós, como afirma o B. Amadeu: *Adstat B. Virgo semper interpellans pro nobis.*

Moralidade. — Maria pede por todos, mas especialmente pelos que a ela recorrem frequentemente e com confiança.

Prece. — Roguemos-lhe, pois, sempre como o faz a Santa Igreja: *Sancta Maria, mater Dei, ora pro nobis...*

CAPÍTULO III

DOS ATOS PREPARATÓRIOS A CONFISSÃO DAS CRIANÇAS

Antes dos atos que ordinariamente são feitos com as crianças para as preparar à Confissão, faça-se-lhes um sermãozinho, que contenha as três partes: introdução, prova e narrativa.

1. Na *introdução* já vem a proposição; fala-se de como o pecado injuria a Deus, ou da ingratidão do pecador, ou ainda da misericórdia que Deus usa para com os que se arrependem. Será sempre bom que se faça a introdução apresentando-se a mesma verdade da qual se quer fazer prova, por exemplo: se se trata da injúria que o pecado faz a Deus, expor-se-á a honra com que Deus merece ser considerado; se se fala da ingratidão do pecador, a introdução será sobre o dever que temos de amar a Deus pelos benefícios que dêle temos recebido... se é sobre a misericórdia de Deus, discorra-se sobre o castigo que merecem os que ofendem a Deus.

2. Segue-se a *prova* das razões e autoridades; prova pouca, breve e simples, como convém a crianças. Ajunte-se à prova uma curta moralidade.

3. Finalizando, a *narração* que deve corresponder ao argumento, à proposição; esteja também impregnada de uma certa compunção, a fim de preparar as crianças ao ato de contrição.

Vêm os atos; primeiramente os teologais de fé, esperança, e caridade. Sejam precedidos de

motivos. Para o da fé, por exemplo: dizer que devemos acreditar o que nos ensina a Igreja, porque Deus lho revelou; para a esperança: devemos esperar o céu e as graças que no-lo alcançam, porque Deus o prometeu, Deus que é todo-poderoso, bom e fiel; para a caridade: Deus merece ser amado porque êle é a infinita bondade. Faço notar que essa motivação dos atos deve precedê-los e não segui-los, como o fazem alguns Missionários; porquanto já não seriam motivos se não servissem a excitar os atos. Serve essa observação também para os atos que se fazem ao terminar qualquer instrução. Cuide-se, ademais, que os atos de que tratamos estejam em relação íntima com a Confissão que as crianças vão fazer, quer dizer, que no sacramento da Confissão serão perdoados os pecados e que o são pelos méritos de Jesus Cristo...

Excita-se, por fim, o ato de contrição, que compreende três partes: a motivação, o afeto ou movimento, e o ato mesmo. A motivação é uma reflexão ou uma razão que excite à dor; o afeto é o esforço empregado para se sentir a dor; o ato é o arrependimento de que deve estar possuído o pecador. Exemplo: *motivação*: Jesus Cristo diz: *Eum qui veniat ad me non eficiam foras*, o que a mim vier e me pedir perdão eu o não deixarei de receber. *Afeto*: "Ah! meu filho, tu merecerias ser repellido por Jesus, porém é êle mesmo quem hoje te diz que, se o procurares, êle te não repelirá; lança-te, pois, a seus pés e dize-lhe:

Ato: "Ah! meu Jesus, verdade é que vos tenho ofendido; eu vos amo, porém, de todo o meu coração e por isso também me arrependo..."

É bom que se faça com as crianças e também com os rudes o ato de contrição em forma de perguntas, por exemplo: Crianças, a êsse Deus todo cheio de amor por vós, a êle vós amais de todo o vosso coração? E amando-o vós, vos arrependeis de vossos pecados?...

O ato de contrição pode ser tríplice, fazendo-o preceder de diferentes motivos. O que acima expusemos pode seguir-se logo à proposição; em seguida faz-se beijar o Crucifixo e por fim recorra-se ao que a eloquência possa oferecer de mais convincente e terno.

EXEMPLO DE EXORTAÇÃO AS CRIANÇAS

Introdução. — Crianças, se ofendestes a Deus, mereceis um castigo muito grande por êsse crime. E tivestes a coragem de ofender a um Deus tão bom e tão grande? E êle vos criou, morreu por vós, e vós... Ah! agradecei-lhe sua infinita misericórdia!...

Argumento. — Tende certeza que Deus, a quem desprezastes, vos quer perdoar hoje e vos quer receber novamente, se vos arrependerdes de o haver ofendido.

Prece. — Não deveis desanimar, ouvi o que Deus vos diz: *Nolo mortem impii, sed ut convertatur et vivat* (Ez 53, 3). Êle promete ainda esquecer os vossos pecados: "*Si impius egerit penitentiam... vita vivet, omnium iniquitatum ejus non recordabor.*" (Ez 18, 22). (Todos êsses trechos latinos devem ser desenvolvidos com brevidade e bastante clareza). Deus mesmo convida os pecadores: "*Convertimini ad me, ego convertar ad vos.*" (Zac 1, 3).

Exemplo. — Narre-se algum fato, do qual apareça a misericórdia de Deus. Um dos mais

comoventes que se possa encontrar é o que traz S. Lucas, cap. 15, sobre o Filho Pródigo. Desenvolva-se algo a partida da casa paterna, depois o estado misérrimo a que se viu reduzido como guarda-porcos, a fome por que passava, o acolhimento que teve quando de sua volta à casa que abandonara, o pai a recebê-lo de braços abertos e a mandá-lo revestir com ricas vestes, o que significa a graça... Tira-se logo a moralidade: "Vêde, pois, minhas crianças, como Deus é bom para os que a êle tornam arrependidos. Coragem, portanto, tende confiança!... Se fizerdes hoje uma boa confissão, Deus vos receberá em seus braços."

Ajunte-se aqui algum traço sobre castigos que vêm sobre os que se confessam mal, omitindo algum pecado grave, por vergonha. Deve-se demorar sobre êste ponto a fim de que as crianças concebam não somente para o momento, mas para tôda sua vida, um verdadeiro horror de ocultar pecados na confissão.

Depois disso recitem-se os atos, dizendo:

"Antes de irdes à confissão é preciso façais os atos necessários para receber o perdão de Deus:

Ato de fé. — Meu Deus, creio tudo o que a S. Igreja me ensina como coisa de fé, porque vós lho revelastes; creio que sois o Criador de tôdas as coisas; que recompensais os justos no céu, e punis os pecadores no inferno por tôda a eternidade. Creio na SS. Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, três Pessoas e um só Deus. Creio que a segunda Pessoa, o Filho, se fez homem e morreu por nós; e que ao terceiro dia ressuscitou, que está atualmente no céu à direita do Pai, isto é, numa glória igual à do Pai

e que êle há de vir a julgar a todos os homens. Creio que a Igreja Católica Romana é a única Igreja de Jesus Cristo, e só nela há salvação. Creio na Comunhão dos Santos, isto é, na participação das boas obras, que existe entre todos os que se acham na graça de Deus. Creio nos sete Sacramentos: principalmente no do Batismo, pelo qual nossa alma fica livre do pecado (original) e recebe a graça de Deus; no sacramento da Penitência, que nos restitui a graça perdida; no sacramento da Eucaristia, no qual se recebe verdadeiramente e realmente Jesus Cristo, em corpo, alma e divindade. Eu vos agradeço, meu Deus, o me haverdes feito cristão e quero morrer nesta santa fé.

Ato de esperança. — Minhas crianças, o demônio deseja ver-nos desesperados depois de havermos cometido o pecado. Deus não o quer, porém, ao contrário, ordena-nos esperar o perdão e um arrependimento constante. Fazei, pois, um ato de esperança: O' meu Deus, pois que sois fiel, todo-poderoso e misericordioso, confio em vossas promessas, espero pelos méritos de Jesus Cristo o perdão de meus pecados, a perseverança final e a glória do paraíso.

Ato de amor. — Deus vos quer perdoar, mas êle deseja também ser amado por vós. Que direis a isso? Oh! sim, Deus merece ser amado, êsse bem infinito! Digamos a êsse Deus tão bom: "O' meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração e sôbre tôdas as coisas, porque sois a infinita Bondade, o sumo Bem, digno de infinito amor."

Ato de contrição. — Mas, tendes-Lo amado sempre no passado ou já o ofendestes? Fazei, pois, um ato de contrição; tende em vista es-

pecialmente a confissão que ides fazer agora mesmo; mas, notai bem, vossa dor seja sincera para que Jesus vos perdoe!...

Far-se-á primeiramente o ato de atrição: Considerai, minhas crianças, que neste momento deveríeis estar no inferno num terrível fogo, sem Deus e longe do paraíso. Pois bem, não vos arrependereis por haver perdido o céu e merecido o inferno?...

Ato de contrição: Lembrai-vos, porém, que Deus é sumamente grande, digno de infinito amor; amor que lhe deveis por reconhecimento do muito que vos amou, dando-se à morte por vós. E o trocastes por um nada, dêle fugistes; e não vos arrependereis então? Digamos-lhe: "Senhor meu Deus, eu vos desprezei no passado, hoje, porém, quero amar-vos sinceramente. E porque vos amo, arrependo-me das ofensas que vos fiz, dos desgostos que vos causei; sinceramente o sinto, quisera morrer de dor. A vós aprovesse, Senhor, tivesse eu sofrido tôda espécie de males, mas vos não houvesse ofendido..."

Finalizando, proponha-se não mais ofender a Deus, fazendo as crianças levantar os braços como afirmação dessa promessa. Fazê-las também prometer não ocultar jamais um pecado por motivo de acanhamento ou vergonha. Antes de se formular o ato de contrição, excite-se a dor nas crianças, tomando-se do Crucifixo, como deixamos dito anteriormente. No terminar êsses atos, por vêzes, pode-se fazer uma criança subir ao altar e abraçar aí o crucifixo.

CAPÍTULO IV

DOS SOLILÓQUIOS PARA A COMUNHÃO

Durante a Missão haverá dois solilóquios: um para as crianças e outro para todo o povo. A única coisa que os diferencia é que no das crianças se usará uma linguagem mais fácil, mais familiar, mais adequada à capacidade do pequeno auditório, ao passo que no destinado ao povo se ajunta a exortação à paz que se segue ao ato de contrição, como se verá logo depois no exemplo que vamos apresentar. De resto, um como outro consta das mesmas partes e dos mesmos atos. Como na preparação à Comunhão, assim também na ação de graças. Os atos de preparação são comumente: de adoração, de fé, de humildade, de arrependimento, de amor, de desejo. Aliás, podem ser reduzidos a três: ato de fé, de humildade, e de amor; porquanto ao ato de fé se acrescenta o de adoração, ao de humildade o de contrição, ao de amor o de desejo. Nesses atos é útil que se entremeiem palavras de enternecimento. Antes de se recitarem os atos, far-se-á uma breve introdução, como se verá no exemplo a seguir, também no solilóquio para as crianças, menos a exortação à paz, como já fizemos sentir.

Note-se, portanto, que após o ato de contrição, que se recita no solilóquio com o povo, venha a seguir a exortação à paz. Na Comunhão das crianças organiza-se uma procissão, vindo as crianças com uma coroa de espinhos sobre a cabeça e as moças com véu. Entendo aqui por moças as que ainda não chegaram aos seus quinze anos de idade, porque as que já passa-

ram dessa idade farão sua Comunhão à parte e sem procissão.

Antes de ingressar na igreja, deve-se exigir de cada criança o bilhete de Comunhão que o Padre catequista lhe terá entregue. Colocados em fila diante do altar e separados meninos e meninas, far-se-á o resto do solilóquio, seguindo-se os atos de amor e desejo.

EXEMPLOS DE SOLILÓQUIOS

Introdução. — *Gaudeamus et exultemus et demus gloriam ei. Venerunt nuptiae agni et soror praeparavit se.* (Apoc 4, 7). Cristãos, em vez de lágrimas de dor, oh! chorai hoje de alegria! *Gaudeamus et exultemus*, exultai, estai contentes! E por que motivo? *Venerunt nuptiae agni*, Jesus convosco se reconciliou ante o vosso arrependimento e hoje baixará às vossas almas na Santa Comunhão. Vós que tanto desejastes êste dia, ei-lo chegado! Preparai-vos, porque o espôso celeste está próximo e quer entrar em vossos corações.

Ato de fé e de adoração. — Sta. Teresa admirava-se de pessoas que invejavam os que viveram nos dias de vida de Nosso Senhor, porque poderiam ter gozado de sua presença, falar-lhe face a face, pedir-lhe pessoalmente suas graças... Mas não o temos a êsse mesmo Senhor no santo Sacramento, diz a Santa, e aí não sòmente podemos gozar de sua presença, mas até recebê-lo e nutrirmo-nos de seu corpo? Hoje Jesus vos fala ali do altar: Meus filhos, êste pão com que vos ides nutrir, sabeí-o, não é um puro pão, mas meu corpo: *Accipite et manducate, hoc est corpus meum*. Reavivai a vossa fé, pois que para se comungar com piedade se faz

mister uma fé viva. Quem julgais que seja o que reside no Sacramento do Altar? E' Jesus Cristo. Pois bem, que cada um repita comigo: Ah! meu Jesus, sob vossa palavra, creio firmemente que estais todo inteiro, corpo, alma, divindade na Eucaristia. Recebendo-vos estou certo que terei em mim o Filho de Deus, que por mim se fêz homem e que na cruz por mim morreu. Senhor, adoro-vos neste Sacramento e uno essa minha adoração à dos Anjos e à de vossa Mãe Santíssima.

Atos de humildade e de arrependimento. — Nos dias da primitiva Igreja, o diácono dizia ao povo em voz alta, antes da Comunhão: *Si quis non est sanctus, non accedat ad sacramentum*. Irmãos, quereis receber hoje Jesus Cristo, mas sois talvez santos? não o sois? Humilhe-mo-nos e dizei comigo: *Domine, non sum dignus*. Não sou digno, Senhor, de vos receber, nem mesmo de me apresentar a vós. Considerando o número de meus pecados, mereceria ser afastado desta igreja e atirado ao inferno. Porém, irmãos, Jesus quer que o recebais. Ele disse: *Eum qui venit ad me non ejiciam foras* — não repelirei de mim o que me procura de coração arrependido. Ouvistes? Aproximai-vos, pois, e aproximai-vos contritos. (Aqui o Missionário toma do Crucifixo e apresenta-o ao povo). Dizei comigo: Senhor, eis aqui o traidor que amastes tanto, mas que tão ingrato se tem mostrado para convosco. Tenho segura esperança que me haveis perdoado; se, porém, ainda o não fizestes, oh! dai-me agora o perdão, antes que vos receba...

EXORTAÇÃO A PAZ, ANTES DA COMUNHÃO

Irmãos, afirmou Cristo no Evangelho que aquêle que perdoa encontra também perdão: *Dimittite et dimittimini*. E se alguém não perdoa, como poderia, pois, esperar ser perdoado; e como seria possível o Cordeiro cheio de amor e bondade estar contente num coração repleto de ódio? Nosso Senhor determina a seus sacerdotes que neguem a Comunhão aos vingativos e odientos: "*Nolite sanctum mittere canibus.*" Pela palavra cães entendem os intérpretes as pessoas que se deixam possuir do ódio, porquanto elas se assemelham a êsses animais, quando enraivecidos. *Foris canes* (Apoc 22, 15), dizem os Anjos, enxotem os cães do templo! Afirma S. Agostinho que o ódio contra o próximo nos torna filhos do demônio. S. Tomás diz: o santo Sacramento só deve ser ministrado aos filhos de Deus e não aos filhos do demônio, cães cheios de raiva: "*Vere panis filiorum non mittendus canibus.*" Trema, pois, o que, alimentando ódio no coração, ousa aproximar-se da Comunhão. Meditai nesse caso: Uma mulher, tendo ódio concentrado contra certa pessoa, foi a receber a Comunhão pascal. Era público o caso e por isso o sacerdote lhe recusou a Comunhão; mas, para não passar por um vexame diante dos outros, assegurou ela que perdoava. Terminada a Missa, à porta da igreja, encontra-a sua inimiga e lhe vem agradecer o perdão concedido. "Perdoar-te — diz a tal — nunca! prefiro morrer enforcada!" Dissera apenas essas palavras e num golpe apoplético tomba morta à vista de todos. Pela bôca aberta lhe sai a hóstia que paira no ar. Vem o sacerdote, recolhe a sagrada Partícula e o cadáver é re-

tirado. Que vos não aconteça hoje o mesmo! Quem deseja receber Nosso Senhor deve banir de sua alma qualquer laivo de ódio.

Podeis dar a Jesus uma doce consolação; erguei-vos agora e atendei ao que deveis fazer: purificai-vos mutuamente, indo os que se sentem ofendidos às pessoas que os injuriaram, concedendo-lhes o perdão por amor de Jesus Cristo. Filhos e filhas, buscai vossos pais e vossas mães e de joelhos pedi-lhes vos perdoem os desgostos que lhes causastes; maridos, abraçai vossas espôsas! Obedecei! A paz, a paz!... Fora com o ódio agora que ides receber o Rei da Paz em vossos corações!... (Nessa altura, os Missionários exortarão os fiéis a fazerem as pazes).

Ato de desejo. — Certa vez Sta. Catarina de Sena chegou um tanto tarde à igreja para comungar. Apareceu-lhe Jesus Cristo, trazendo o rosto extremamente pálido, o que jamais acontecera naquelas visões. Catarina estranha e pergunta: “Senhor, por que me apareceis desta forma?” Jesus responde: “Minha filha, é para te dar a conhecer o desejo que tenho que me recebas; vem logo!” Almas devotas, desejais receber a Jesus? Ficai sabendo, entretanto, que mais ainda deseja êle ser recebido por vós. Se assim me posso exprimir, tôda essa noite passada, o Senhor como que contava os instantes que o separavam de vós. Eis que agora êle vem; dai-vos a êle! Recitemos o *Eu pecador!* (Neste momento o Padre reza o *Confiteor* em voz alta e o sacerdote que celebra diz o *Misereatur*). Continua o Missionário: Sacerdotes do Senhor, dai agora Jesus Cristo a essas almas que desejam atirar-se a seus braços, contentai ao Senhor que as quer consolar.

O celebrante diz o *Agnus Dei*.

Eis aí Jesus que vem a vós; chamai-o com desejo: “Vinde, ó meu Jesus, minha alma vos deseja! Rogai à Virgem que ela vo-lo traga! Que alegria, que momento festivo para os Anjos! Os sons dos sinos se misturem aos acordes do órgão!... Aí vem o Rei dos Céus, o divino Espôso, para vos estreitar em seus braços! Recebei-o com amor, chamai-o com ardentes suspiros! Vinde, ó meu Jesus, ó meu Deus, eu vos amo, eu vos quero amar sempre!”

Aqui batam-se os sinos, toque-se o órgão; o Missionário cala-se e só de vez em quando, no decorrer da Comunhão, exponha algum novo motivo de afervoramento, faça algum ato... por exemplo:

Senhor, quero mudar de vida, aceitai-me desde já; todo me dou a vós; sereis de ora avante meu único amor. Se de futuro vos devo ofender, que eu morra agora. Dizei o que pretendes de mim, eu o quero fazer. Maria, unime a Jesus!...

ATOS DE AÇÃO DE GRAÇAS

São cinco êsses atos: de acolhimento, de agradecimento, de amor e oferecimento, de bom propósito e de pedido. Aqui vai exemplo de cada um dêles:

Ato de acolhimento. — Alma que recebeste a Jesus, recolhe-te! *Qui manducat meam carnem, in me manet et ego in eo* (Jo 6). Reaviva tua fé, adora Jesus, que está em ti, acolhe-o, abraça-o, Jesus se confundiu contigo, dize-lhe: Senhor, de onde vindes? que vos fêz vir habitar em meu coração? Oh! que aí agora estais, sede benvindo, eu vos adoro, eu vos abraço, eu vos

estreito contra meu coração; não me deixeis mais!

Ato de agradecimento. — Que dizes? Este Rei do Céu, que veio ao teu coração, bem merece que lhe agradeças. Se um rei dêste mundo te visitasse? que de agradecimentos de tua parte?... Mostra, pois, teus sentimentos de gratidão. E de que expressões te poderás servir para agradecer a um Deus que desce do céu a visitar um miserável verme que o ofendeu!... Dize-lho, enfim, como sabes: Senhor, como vos hei de falar? Como poderei fazer para vos agradecer como o merecíeis?... Santos Anjos, Maria, auxiliai-me a agradecer a Jesus.

Ato de amor. — Queres saber, alma devota, o que mais agrada a Jesus na tua ação de graças? E' dizer-lhe: "O' meu Jesus, eu vos quero bem", porque êle deseja teu amor e outro intuito êle não teve em se dando a ti do que conquistar teu amor. Ama-o, pois; oferece-te todo a êle... Sim, ó meu Jesus, eu vos amo de todo o meu coração e dou-me todo a vós. Recebei-me por piedade e eu vos dou meu corpo, minha alma, minha vontade, o meu ser inteiro. Nada mais quero para mim, seja tudo só vosso; de mim dispõe como vos aprouver. Nada mais aspiro do que vos amar...

Ato de bom propósito. — E' grande a minha consolação, meus irmãos, vendo-vos hoje unidos a Jesus Cristo; porém um triste pensamento me preocupa: quem sabe, não haverá entre vós alguém que brevemente expulsará Jesus da alma!... Na noite em que Jesus instituiu a Eucaristia, voltando-se para seus discípulos, lhes disse cheio de tristeza: "*Unus vestrum me*

traditurus est" (Mt 26, 11). Parece-me a mim ouvir Jesus a dizer: Dos que me receberam hoje, muitos me trairão novamente!... Cristãos, será possível que haja em vosso meio, quem após receber tanta graça... ouse... Renovai, por isso, o bom propósito; prometei-lhe estar prontos a sofrer todos os tormentos a abandoná-lo novamente: Sim, meu Deus, é bastante o que já fiz; tantos anos longe de vós! O que me resta de vida farei que se passe sem vos ofender; vós não mereceis ser ultrajado; só a vós quero amar de agora em diante; é a minha promessa. Prefiro a morte a uma ofensa contra vós; tudo quero perder, menos vossa graça.

Ato de petição. — Mas de que servirão realmente nossas promessas, se Deus não nos der a graça de mantê-las? E para no-las conceder, o Senhor quer que nós lhas supliquemos, fazendo-o especialmente depois da Comunhão. E' afirmação de S. Teresa que Jesus, quando vem a uma alma, aí se põe como em um trono de misericórdia e lhe diz: Alma fiel, *quid vis ut tibi faciam?* Fala-me o que queres, eu vim para te participar minhas graças... Patenteia-lhe teu coração, mostra-lhe tuas misérias, fala-lhe dos teus desejos, roga-lhe graças e especialmente pede-lhe a perseverança na sua amizade e no seu amor.

Dizei comigo: Senhor, pois que em vez de me atirardes no inferno, preferistes visitar minha alma, consolai-me, dai-me a graça da perseverança; que eu jamais me separe de vós! E se vêdes que eu vos irei perder, dai-me a morte antes de eu sair desta igreja. Não vos quero perder mais, meu Jesus, porém amar-vos sempre. Suplicai-lhe a graça de o amar: Transfor-

mai, meu Deus, êste coração ingrato, que êle de tudo se esqueça e sômente de vós se recorde, que tanto o haveis amado. Dai-me vosso amor e nada mais quero!

Nosso Senhor no Evangelho prometeu-nos que tudo que pedíssemos ao Eterno Pai em seu nome, havíamos de obter: *Amen, amen dico vobis, si quid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis* (Jo 16). Pedi, pois, em nome de Jesus Cristo ao Pai vos conceda a graça da perseverança e seu amor: “Meu Dus, por amor a vosso Filho, dai-me e a todos nós a santa perseverança e vosso amor.” Roguemos conjuntamente a graça de pedir a perseverança, porque o que não a pede não a terá. Supliquemos também a SS. Virgem no-la alcance...

A seguir se recitará um Pater e Ave pelo Sr. Bispo, pelo Chefe do Estado, pelo Pe. Vigário, pelos sacerdotes, pelo governador, pelos síndicos, pelos hospedeiros dos Missionários e por fim também por êstes. Dá-se então a bênção com a píxide e aqui se pede ainda a graça da perseverança. Ao encerrar-se o SS. Sacramento no tabernáculo, dir-se-á:

“Encerrai ali junto com Jesus os vossos corações, a fim de que permaneçam todos unidos.”

E colocando-se a chave do tabernáculo nas mãos da estátua da Virgem, pede-se-lhe queira ela ser a guarda dos corações de todos, a fim de que jamais êles se separem de Jesus.

CAPÍTULO V

CATECISMO AS CRIANÇAS

1. Observações

1. A maneira de se dar a doutrina deve ser tôda familiar e popular, adaptada à compreensão das crianças e de adultos rudes que venham a escutar.

2. Após a exposição de um mistério ou de um preceito, acrescente-se uma breve reflexão. Por exemplo: explicou-se o que seja um Deus recompensador, diz-se: “Vêde como é muito melhor servir a Deus e que grande mal é o pecado!” Falando-se da Encarnação: “Considerai o grande amor que nos demonstrou o Filho de Deus!” Tratando-se do segundo mandamento: “E’ um grande pecado a blasfêmia e quem o comete será punido terrivelmente no inferno.” Citem-se exemplos e insinuem-se pequenas práticas; por exemplo: “Quando ficardes com raiva, dizei: Senhor, dai-me paciência! Maria, auxiliai-me!”

Note-se, porém, que essas reflexões devem ser muito breves, de outro modo já não haveria aqui instruções, mas sermões, o que, aliás, é do gôsto de certos que pela mínima coisa põem-se a fazer sermões...

3. Explicado um mistério, um mandamento, um Sacramento, interrogam-se duas ou três das crianças, a fim de que essas verdades calem mais fundo, e a essas crianças se dê um santinho...

4. Deve-se-lhes falar freqüentemente dos três grandes meios para se conservarem na graça

de Deus: 1º a fuga das ocasiões perigosas e das más companhias; 2º recomendar-se a Deus, especialmente nas tentações e invocar Jesus e Maria; 3º freqüência dos Sacramentos.

5. O Padre catequista deve impor-se ao respeito desde o começo, a fim de que as crianças não tomem demasiada confiança. Não deve êle dizer injúrias aos que não responderem bem e jamais culpar dessa ignorância os sacerdotes do lugar, antes lançar a culpa sôbre as crianças mesmas por faltarem tantas vêzes às aulas de religião. Não deve outrossim bater as crianças com a mão ou com a vara, não obstante serem más, para que se não tornem mais turbulentas. Auxilie-se do Padre do lugar para as ter mais tranqüilas.

2. O que se deve ensinar

A doutrina a ensinar-se às crianças durante as Missões reduz-se a três coisas principais: 1º os mistérios de nossa santa fé; 2º os Sacramentos, especialmente o da Penitência e o da Comunhão; 3º os preceitos do Decálogo e da Igreja, excetuando o sexto mandamento, que não deve ser explanado, bastando apenas que se diga que por êle são proibidos os pecados desonestos.

1. Os *mistérios* que devemos crer, especialmente os quatro principais: 1º que há um só Deus e quais são suas perfeições; 2º que Deus recompensa justamente; 3º mistério da SS. Trindade; 4º Encarnação e morte de Jesus Cristo.

Expõe-se o motivo pelo qual devemos crer as coisas da fé: Deus, a verdade infalível, revelou-as à sua Igreja e esta no-las ensina.

a) Há um Deus, soberano Bem, infinitamente perfeito; é a bondade infinita e a infinita beleza, Criador de tôdas as coisas, onipotente, pode tudo quanto quer, imenso, presente em todos os lugares, eterno, que existiu sempre e que sempre há de existir.

b) *Deus é justo em recompensar*; dá o paraíso aos bons e os que não estão perfeitamente purificados de suas faltas terão que passar pelo fogo do purgatório para satisfazer à justiça divina; condena os pecadores ao inferno para ali sofrerem eternamente.

c) Expõe-se o *mistério da SS. Trindade*, quer dizer, Deus em três Pessoas distintas: Padre, Filho, e Espírito Santo; estas três pessoas são um só Deus, pois que formam uma só substância, uma só natureza; têm a mesma divindade e a mesma perfeição; eterno o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito Santo; o Pai não procede de ninguém, o Filho, que se chama também o Verbo, procede do Pai Eterno e dêle foi gerado pelo intelecto; que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho pela vontade e do amor mútuo entre o Pai e o Filho.

d) *A encarnação e morte de Jesus Cristo*: como o Filho, que é a segunda pessoa da SS. Trindade, se fez homem revestindo-se de nossa carne no seio da sempre Virgem Maria por obra do Espírito Santo; chama-se Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem; como homem sofreu a morte na cruz para salvar os pecadores, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, onde está à direita do Pai; após nossa morte nos julgará num julgamento particular, mas no fim do mundo nos julgará como a todos os outros homens no juízo universal, após a ressur-

reição dos corpos. Exponha-se que só há uma Igreja, que é a Santa Igreja Católica Romana, fora da qual não pode haver salvação. Explique-se que há uma Comunhão dos Santos, essa permuta de boas obras que se faz entre os fiéis que estão na graça de Deus.

2. Vêm os *sete Sacramentos*: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Penitência, Extrema Unção, Ordem e Matrimônio. Êstes sete Sacramentos foram instituídos por Jesus Cristo e são como canais por onde nos vêm as graças que o Salvador nos mereceu pela sua Paixão.

No Batismo a alma recebe a graça de Deus e é purificada de todo pecado, original e atual.

No sacramento da Confirmação, recebe a graça de resistir às tentações e de combater, sem temor, pela fé.

Na Extrema Unção, recebe socorro contra as tentações do demônio; no momento da morte os pecados, se ainda os há, serão remitidos; a saúde do corpo será restituída, se assim fôr necessário para a salvação da alma.

No sacramento da Ordem, recebe-se o poder espiritual e as graças precisas para bem exercê-lo.

No sacramento do Matrimônio, a alma recebe a graça de suportar os encargos da união conjugal e para bem educar os filhos na lei de Deus.

Quanto ao sacramento da Eucaristia, há diversas coisas a serem explicadas:

1º Na Eucaristia está Jesus vivo como está no céu: alma, corpo e divindade; a Hóstia após a consagração, feita pelo sacerdote na Missa, embora conserve a côr, o gôsto de pão, já não é mais pão, mas o Corpo de Jesus Cristo, e o

vinho não é mais vinho, porém o Sangue de Jesus, que adoramos sobre o altar como adoramos a Deus.

2º Em se partindo a Hóstia não se parte com isso a Jesus Cristo, êle permanece todo em cada partícula da Hóstia; Jesus permanece em cada pessoa que o recebe até que as espécies se consumam.

3º O que comunga recebe a força para viver na graça de Deus, pois como o pão terrestre alimenta a vida do corpo, assim êsse pão celeste conserva a vida espiritual da alma.

4º Enfim, as condições necessárias do corpo e da alma para bem se comungar. Quanto às que dizem respeito ao corpo: o jejum desde a meia noite; se algo se pôs na bôca, mas sem engulir, pode-se comungar. Quanto à alma: deve estar em estado de graça; se alguém se lembra de algum pecado grave, que se confesse antes de comungar, do contrário seria cometer um sacrilégio, exceto, por exemplo, se alguém já se encontra à Santa Mesa da Comunhão e dali se não possa retirar sem escândalo aos que o vêem, neste caso bastaria o ato de contrição.

Seria um grande pecado ir-se à Comunhão após de na Confissão ter ocultado, por vergonha, uma culpa grave. Os que só têm pecados veniais fariam bem se os acusassem na Confissão, mas se comungam tendo-os na consciência, não cometem sacrilégio. Enfim, procure-se esclarecer as crianças sobre o grande bem que é a Comunhão; que muito útil é comungar frequentemente e que não deixem de fazer sua ação de graças e pedi-las a Nosso Senhor.

Quanto à *Penitência*, exponha o catequista as cinco coisas necessárias para receber com fruto êsse Sacramento, e são: o exame, a contrição, o bom propósito, a acusação e a satisfação.

1º A confissão é precedida do *exame*, que deve ser feito com cuidado e sêgundo o tempo que intermediou entre as duas confissões e conforme o quanto de pecados talvez cometidos.

2º A *contrição* deve ser: verdadeira, sobrenatural, universal, suprema e confiante.

Verdadeira, quer dizer, que ela contém um verdadeiro desgosto de haver ofendido a Deus.

Sobrenatural — não se baseia em nenhum motivo natural, por exemplo: perda de bens temporais, estima dos homens... mas sômente porque se ofendeu a Deus, Bondade infinita ou porque se teme o inferno... segundo seja a dor de contrição ou de atrição, unida esta com um comêço de amor de Deus, como explicaremos mais tarde.

Universal — dor que abranja todos os pecados mortais cometidos, desde a última Confissão bem feita.

Suprema — aqui se deplora a perda da graça mais que se o fôra de tôdas as demais coisas.

Confiante — esperando-se o perdão de Deus pelos méritos de Jesus Cristo.

A contrição pode ser perfeita ou imperfeita; contrição perfeita ou simplesmente contrição — quando o pecador se arrepende por haver ofendido a Deus, suma Bondade; contrição imperfeita ou atrição — quando o pecador se arrepende de haver ofendido a Deus, ou porque mereceu o inferno ou pelo horror que causa o

pecado por si mesmo. Assim, pela contrição detesta-se o pecado porque é ele mal de Deus, na atrição porque é mal nosso.

Acrescente-se que, com a contrição só, não se obtém o perdão dos pecados se a ela se não ajuntar a absolvição do confessor. Na contrição perfeita haverá sempre o perdão dos pecados, mesmo antes da absolvição recebida, contanto que se tenha a intenção de confessar. Os teólogos afirmam que à dor dos pecados se deve ajuntar um comêço de amor de Deus, ao que chamam amor começado. Este comêço de amor, dizem eles, consiste na esperança e no desejo do penitente que em se confessando será perdoado e adquirirá a amizade de Deus.

3º O *bom propósito* deve ser: firme, universal e eficaz.

Firme — quer dizer, o penitente deve ter uma resolução atual; deve dizer *quero* e não *quereria* com a ajuda de Deus evitar o pecado.

Universal — estender-se deve o propósito a todos os pecados, sem exceção.

Eficaz — pronto a empregar todos os meios necessários para não recair, para fugir às ocasiões próximas e voluntárias do pecado. E se se propõe fugir ao pecado sem se resolver a fugir às ocasiões o propósito será, seguramente, vão.

4º A *acusação* (ou confissão ou declaração dos pecados). É útil, mas não necessária a acusação dos pecados veniais, porquanto podem ter a sua remissão por outros meios: por um ato de contrição ou por um ato de amor. Mas os pecados mortais de que alguém se recorda (e que ainda não foram confessados) devem ser todos acusados necessariamente, sem o que se faria uma confissão sacrilega e nula; e assim

estão sujeitos a uma nova Confissão todos os pecados que foram contados em uma Confissão mal feita e ademais o sacrilégio. Se o penitente se esquece de algum pecado, sem que haja nisso culpa sua, a confissão é boa, porém, na próxima vez que se confesse, deverá declarar a culpa esquecida.

5º Enfim, deve-se aceitar a *penitência* imposta pelo confessor, satisfazendo-a o mais breve possível. Se se tornar impossível satisfazê-la, procure-se uma comutação com o mesmo confessor ou com outro.

3. *Os Mandamentos.* — Expliquem-se de modo breve os preceitos do Decálogo.

No primeiro mandamento: adorar a um só Deus — fale-se das três virtudes teológicas: *da fé* — pela qual acreditamos os mistérios que nos foram revelados, como ficou explicado mais acima; *da esperança* — esperamos pela misericórdia de Deus, pelo seu poder divino, pelos méritos de Jesus Cristo, o paraíso e as graças precisas para alcançá-lo; *da caridade* — amando a Deus sobre tôdas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. Êste primeiro preceito obrigamos a pedir a Deus seu socorro para nos conservarmos na graça, a fim de obter a salvação.

No segundo mandamento: não chamar o nome de Deus em vão: proíbe blasfemar contra Deus e seus santos, contra os dias e coisas santas; jurar para confirmar uma mentira (diga-se aqui que jurar pela própria consciência não é um verdadeiro juramento). Êste mesmo preceito obriga ainda a cumprir as promessas, quando foram feitas com a intenção de se a elas obrigar.

No terceiro mandamento — santificar domingos e festas: assistir à Missa e abster-se de obras servis, a não ser, neste último caso, que haja necessidade, como em tempo de colheita, de vindima...

Quarto mandamento — que manda honrar, respeitar, obedecer, amar os pais e socorrê-los em suas necessidades espirituais e temporais.

O quinto mandamento — que proíbe o homicídio. Não é permitido matar, nem espancar injustamente o próximo, não lhe desejar mal, nem comprazer-se na infelicidade de outrem ou mesmo entristecer-se de sua prosperidade.

O sexto mandamento — proíbe tôda falta contra a castidade, quer dizer, todo pensamento, palavra e ação desonesta.

O sétimo mandamento — proíbe roubar, tomar, reter ou estragar as coisas de outros, contra sua vontade.

O oitavo mandamento — não levantar falso testemunho: vêm aqui: 1º os juízos temerários: pelos quais se julga mal do próximo, sem motivos; 2º atirar sôbre outrem falta que êle não cometeu ou descobrir defeitos ocultos, embora reais, sempre que isso não fôr necessário para se remediar um grave prejuízo. Acrescente-se aqui que aquêle que escuta (voluntariamente e com prazer) falar mal do próximo, comete um pecado tão grave como aquêle que fala; 3º desonrar o próximo com palavras ou com atos; 4º mentir com prejuízo do próximo.

O nono mandamento — proíbe desejar a mulher do próximo e consentir em pensamentos desonestos.

O décimo mandamento, enfim — proibindo desejar os bens dos outros e comprazendo-se nos prejuízos que possam ter.

Passa-se depois a explicar os preceitos da Igreja...

3. Do sermãozinho às crianças

Não se há de pôr em dúvida que as Missões aproveitam não somente aos adultos, mas também às crianças. Entretanto, não se negará também que são as crianças que mais atrapalham os sermões, que é coisa essencial na Missão, por os não compreender ou por não prestarem atenção. Põem-se nessas ocasiões a gritar, a brincar, a brigar e, conseqüentemente, perturbam o auditório e o pregador. Julgamos, por isso, coisa de necessidade, e assim o temos feito em nossas Missões, levá-las para fora da igreja e reuni-las em outra igreja ou capela, fazendo-lhes o catecismo e terminando êste com um sermãozinho e com o ato de contrição. E isso muito mais lhes aproveita, porque êsse sermãozinho fica à altura de sua compreensão. Pregar-se-lhes-á com expressões apropriadas à sua inteligência, sem mistura de frases latinas e sem divisões em pontos e finaliza-se com um ato de contrição, apresentando-se-lhes o Crucifixo. Antes do sermão um cântico. E o sermão conterà estas partes: 1º a introdução com a proposição, a qual poderá, só ela, servir de introdução; 2º a ampliação; 3º a narrativa; 4º a moralidade; 5º afetos e ato de contrição.

**EXEMPLOS DE UM TAL SERMAOZINHO
SÔBRE A MORTE**

1. Introdução e proposição. — A morte é coisa certa. Todos que nascem já trazem consigo a condenação à morte; ou mais cedo ou mais tarde, quer jovens, quer velhos, todos morrerão.

2. Ampliação. — Minhas crianças, é coisa certa que haveis de morrer; mas o que não sabeis é se sereis pobres ou ricos; se tereis uma boa ou uma morte má; se tereis de morrer em vosso leito ou não, jovens ou velhos. Possível é que morrais antes dos quinze ou vinte anos. Quantas crianças não morreram neste lugar sem haver chegado a essa idade!... Mas, seja como fôr, minhas crianças, mesmo que vossa vida por muito tempo se prolongue, dia virá em que haveis de estar abandonado sôbre um leito mortuário, porquanto, estando alguém a morrer, faz-se sair de seu quarto os pais, os irmãos, as irmãs... Estareis sòzinhos, talvez com o Crucifixo e o Padre a recomendar vossa alma. E Fulano, tu hás de deixar breve êste lugar, êste mundo e para onde irás? para a eternidade, para a eternidade! ou para o paraíso ou para o inferno, a gozar de Deus ou a queimar-te eternamente... Os demônios virão cercar-vos para vos fazer desesperar, apresentando-vos os pecados passados... Infelizes... E se morrerdes súbitamente!...

3. Narrativa. — Escutai cá êste caso. Houve um menino que comungava freqüentemente e a quem todos consideravam um santo. Numa bela noite vomitou muito sangue e foi encontrado morto. Os pais do menino foram ter com o Padre e lhe pediram rezasse pelo falecido. O

sacerdote disse-lhes: Alegrai-vos, essa criança por quem chorais é um Anjo, eu o sei; Deus o quis para si e agora êle está no céu; em todo caso vou dizer a Missa por êle, há de lhe aproveitar se estiver no purgatório. Reveste-se para ir celebrar a Missa, mas antes de sair para o altar eis que um horrendo fantasma se lhe apresenta. O Padre pergunta a essa visão quem era e o fantasma responde que era a alma daquele menino. Mas onde estás? se queres sufrágios, vou agora dizer a Missa na tua intenção. — Qual Missa! que sufrágios!... — responde, estou condenado, estou condenado ao inferno! — Mas por que? interroga ainda o Padre. — Escuta, torna o fantasma, não havia ainda cometido um só pecado mortal, mas na noite passada tive um mau pensamento e consenti nêle. Deus mandou-me a morte em seguida e eu morri no pecado e fui condenado ao inferno. Não digas, pois, a Missa por mim, sofreria assim um suplício ainda maior. Disse e desapareceu.

4. Moralidade. — Dizei-me agora, meus filhos que me escutais: se morrêsseis agora, qual seria a vossa morte? para onde iríeis?... Pois bem, disponde-vos nesta Missão a vos tornar santos, a não cometer pecados graves, a não dizer blasfêmias, palavras feias, a não tirar as coisas dos outros, a não guardar raiva... Queríeis ter a sorte daquele menino, cuja história vos contei?...

5. Afetos-Contrição. — Mas deveis desesperar do vosso passado, por causa dos pecados cometidos? Não, Deus não quer que desesperéis, êle quer que vós lhe peçaís perdão, porque êle vos quer perdoar. Todos de joelhos e arrependi-

dos tereis o perdão de Deus... (Nessa altura se fará o ato de contrição, apresentando dois ou três motivos de arrependimento, por exemplo: Oh! se morrêsseis hoje, esta noite, e que estivésseis em pecado, que seria de vós? para onde iríeis? Agradecei a Jesus Cristo e arrependei-vos. E que dizeis? quereis morrer nos braços de Jesus? Mas, se o quereis, é preciso então o arrependimento...)

Em pregando sôbre a morte, seria bom se lhes apresentasse uma caveira e lhes chamasse a atenção para algum coleguinha conhecido e já morto, dizendo: O' F. onde estás agora? infeliz se és um condenado!...

Dei aqui apenas um resumo de prédica; que se lhe dê mais desenvolvimento, podendo durar meia hora, com o ato de contrição e mesmo três quartos de hora depois do catecismo, que não deve ir além de meia hora. Note-se que às crianças não se deve dizer muita coisa, é bastante se lhes repitam as mesmas verdades e as mesmas práticas para que elas as possam guardar e as ponham em execução.

CAPÍTULO VI

DA INSTRUÇÃO AO POVO

O grande catecismo ou a instrução para o povo é um dos exercícios primordiais da Missão. E assim sendo, o Padre que estiver encarregado disso deve ser muito instruído, ter uma grande prática de confessionário, a fim de que saiba notar as faltas e penetrar nos refolhos das consciências, para aplicar aí os remédios oportunos.

As partes dessa instrução: 1º a introdução, a exposição da matéria e a divisão, e essas três partes formam o *exórdio*; 2º a explicação do mistério, do Sacramento ou do mandamento; 3º a moralidade e a aplicação prática; 4º por fim, respondem-se as dificuldades ou objeções opostas por pessoas pouco timoratas. Faz-se depois um resumo do todo e termina-se com os atos de fé, esperança e caridade.

A *introdução* há de se prender à instrução anterior, para que haja um encadeamento das matérias e para chamá-las de novo à memória dos ouvintes, resumindo-se o que se disse no dia precedente. Todavia, isso não se fará se as matérias não estiverem concatenadas logicamente. A exposição do mistério ou do mandamento há de se fazer como ficou dito anteriormente, mas, quanto ao mandamento, distinguir-se-ão tôdas as coisas que encerra. A divisão boa será se fôr em pontos, para maior clareza da matéria e para que a verdade exposta melhor se imprima no espírito dos ouvintes. Essas três partes, como deixamos dito, formam, por assim dizer, o *exórdio* e devem ser breves.

Passa-se então à *explicação* do mistério ou do preceito: o que se afirma seja provado por autoridade, sem demasiadas citações e que não sejam muito longas, pela razão e por fatos. O emprêgo de semelhanças é um bom meio para se expor com clareza.

Tira-se a conclusão com a *moralidade*. O instrutor deve ter em vista não sòmente esclarecer o espírito dos fiéis, como também mover-lhes a vontade a fugir dos vícios e a pôr em prática os meios e remédios necessários a evitá-los, pois que se cometem mais pecados por malícia do que por ignorância.

A moralidade deve ser breve, apresentada com ardor, mas sem se recorrer ao tom de pregação ou com exclamações. Útil será o emprêgo de exclamações durante a instrução contra um vício qualquer ou contra uma máxima do mundo ou contra as desculpas dos maus cristãos. Sejam, porém, curtas e pouco numerosas, a fim de se evitar o que fazem alguns Padres que transformam em sermões tôdas as suas instruções e que confundem dessa forma um exercício com outro.

Ademais, é preciso na instrução insinuar algumas práticas, ensinar ao povo as palavras mesmas que se devem dizer em determinadas circunstâncias, em que possa delas usar. Ao receber-se uma injúria ou uma ofensa qualquer, dir-se-á: "Deus o abençoe, o Senhor o ilumine!" Se se perde alguma coisa ou se acontece uma desgraça: "Que isso seja pelo amor de Deus! Que se faça a vontade de Deus!..." Repitam-se essas palavras mais vêzes, a fim de que os rudes as possam reter na memória, uma vez que não sòmente não compreendem as pas-

sagens latinas, como mesmo têm dificuldade em entender as outras coisas e as esquecem facilmente. Eles só guardam as práticas fáceis e curtas que lhes são ensinadas e repetidas muitas vezes.

O catequista apresentará em seguida as razões ou dificuldades frívolas que costumam ser opostas como a se escusarem faltas e motivos baseados em falsas razões. Por exemplo, quando afirmam: não é possível viverem uns sem se apossarem dos bens dos outros; que os outros fazem também assim; que não são santos, que são de carne; que seus vizinhos ou um de seus parentes são a causa de seus pecados... Dirá ainda o catequista que, se há ali alguém que deseja vingar-se de uma injúria recebida, está este em estado de pecado e que disso o não livra a máxima mundana: "E' preciso manter a honra."

Respondam-se essas razões com fôrça e calor, a fim de se extirparem êsses prejuízos que o mundo aceita como princípios e que é motivo por que tais pessoas se acham sempre em pecado e se condenam.

Enfim, o *resumo*, breve, substancial, contendo, quanto possível, do que se tenha dito. Ao terminar a instrução apresente-se uma máxima marcante como lembrança, adaptada ao argumento.

Essas regras são comuns a tôdas as catequeses, mas seguem aqui alguns avisos importantes para os catecismos de Missão:

1. *Quanto à MATÉRIA*. A instrução da Missão reduz-se a três coisas essenciais, como já deixamos notado ao falar da doutrina às crianças: os mistérios, os Sacramentos, especialmente o da

Penitência; os mandamentos de Deus e os da Igreja. Catequistas há que julgam ser preferível tratar-se primeiramente da Penitência e depois dos mandamentos. Tenho para mim, ao contrário, que é melhor falar primeiro dos mandamentos, pois que pode suceder que, em os explicando pelo fim da Missão, agitem-se certos escrúpulos nas consciências dos ouvintes, que procurarão confessar-se novamente, o que fará perder bastante tempo aos Missionários. Bem seria, se se quisesse fazer a explicação dos mandamentos, expor-se a primeira parte da Confissão que é o exame.

No que diz respeito à explicação dos mistérios, dos Sacramentos e dos mandamentos, já disso tratamos suficientemente quando falamos da doutrina às crianças no § 2 do Cap. V. As mesmas explicações devem ser feitas na instrução para o povo, porém com maior desenvolvimento e diferenciação; outro método deve ser aqui empregado, quer dizer, apresentar provas de razão e de autoridade.

Como a maior utilidade das Missões está incontestavelmente em reparar as confissões sacrílegas, faz-se mister que em cada instrução se revenha ao assunto fazendo ver como é grande a malícia do sacrilégio e quantas almas se perdem por ocultar seus pecados na Confissão. Há muitas pessoas que, dominadas por essa falsa vergonha, mesmo em se confessando ao Missionário, como nós bem o sabemos, continuam a esconder os seus pecados. E se houver quem durante a Missão não ouse reparar as suas Confissões mal feitas, não estará perdido? Pois se não sabe vencer sua vergonha ao confessar-se ao Missionário, como o fará quando

voltar a confessar-se com os sacerdotes da região. E' por isso, como já o dissemos, que é preciso insistir sôbre o ponto. Eis como nos conduzimos em nossas Missões: o instrutor ao terminar e antes de recitar os atos cristãos, narra um fato terrível dos que conheça e que trate de uma alma condenada por haver ocultado seus pecados na Confissão. Estou de acôrdo que isso não é bem conforme às regras da arte, a qual exige que haja uma ligação qualquer entre a instrução e o exemplo, mas está condzendo com a finalidade da Missão, na qual se pretende remediar as Confissões sacrílegas.

Seja feita a narração após as seguintes palavras: Tende, pois, cuidado de confessar os vossos pecados todos e vossas faltas, do modo como vos tenho ensinado hoje, nada oculteis por motivo de vergonha.

No final dêste capítulo acrescentaremos alguns exemplos, que podem facilitar a tarefa aos instrutores.

2. *Quanto à FORMA.* Erram lamentavelmente os pregadores que julgam dever rechear suas instruções com belas palavras, questões escolásticas, ditos agudos, quando o povo pede um pão nutritivo. Quanto ao modo de se exprimir, tem-se como regra que o estilo da instrução deve ser simples e popular, sem ser facêto, no que nenhuma utilidade haveria e também não seria digno do púlpito. Períodos breves e concisos; o instrutor use frequentemente a forma interrogativa, respondendo êle mesmo. Conseguirá dêsse modo prender melhor a atenção da assistência e mais fâcilmente lhe inculcará o ensinado.

Quanto às questões de escola, mais convém aos exercícios de cátedra do que de púlpito; nem cabem na instrução, onde o auditório é composto em geral de gente rude, que as não entende nem as ouve com atenção. E se alguma pessoa há dentre os ouvintes que seja instruída, se é discreta e prudente, notará prazentemente que o pregador procura ensinar ao povo, do contrário o censuraria.

Quanto às facécias ou chocarrices, peço ao leitor atender bem ao que vou dizer. Não desconheço que há pregadores que o gostam de fazer e julgam ser isso bom para atrair ouvintes, para lhes conservar a atenção e para os não enojar. Mas sei também que os Santos nas suas instruções nunca faziam rir, mas chorar. Lê-se na biografia de S. Francisco Régis que, pregando Missões e ao falar ao povo — e este Santo só fazia instruções — os fiéis choravam de comêço a fim.

Aliás, poderá alguém fazer útilmente uma pilhéria, quando isso nasça da matéria mesma da instrução; por exemplo, em se falando dos homens de má consciência, trazer as escusas que eles apresentam, e assim em outros assuntos. Mas transformar a instrução em uma cena de comédia ou para ela transplantar ridicularias, anedotas baratas, movimentos, gestos, palavras que excitam o riso, creio que isso ultrapassa os limites permitidos pela conveniência e pelo respeito devido à igreja onde se está, à cátedra sagrada de onde se anuncia a palavra de Deus e ao próprio pregador, Ministro de Jesus Cristo. O povo acha prazer, é verdade, em escutar chocarrices e ri-se, mas, pergunto, que utilidade tira a gente daí? Rindo-se torna-se

distraído e indevoto e para novamente se recolher é difícil; muitas vêzes a continuar a dar a atenção à moralidade que o nosso amável instrutor lhe quer apresentar, para, enfim, não passar por um palhaço, tem sua mente voltada para a farsa ou traço ridículo que acabou de ouvir. E, seguramente, o catequista que gosta de praticar dessas gentilezas não gozará, diante de seu auditório, de fama de santidade nem de uma alma fervorosa. Colherá o renome ou reputação de homem espirituoso e chocarreiro. E' êrro certo crer que o povo sòmente acorrerá e há de ficar atento à instrução se se lhe proporcionar divertimento; ousou afirmar, ao contrário, que a gente acorrerá mais pressurosa e tanto maior atenção prestará, quanto vir que, indo à instrução, não perde seu tempo e que, em vez de se divertir, tira proveito.

3. Bem assim não se devem trazer para a instrução doutrinas que possam levar ao *relaxamento*; é verdade que há ensinos, que podem ser aplicados a um em particular na Confissão, mas que pronunciados do púlpito poderiam levar certas pessoas ao relaxamento. Porquanto, certas pessoas que chegassem ao conhecimento de doutrinas, que para outros seriam justas e úteis em sendo aplicadas convenientemente, para as tais trariam más conseqüências. E' bom e mesmo necessário esclarecer a consciência errônea de pessoas que vêem pecado, onde êle não existe. Há almas que pensam fazer julgamentos temerários, e pecar, portanto, em os fazendo, ou suspeitando, quando, aliás, há motivos para julgar e suspeitar; há ainda quem julgue ser um pecado maldizer os anos, os dias, o vento, a chuva; outros que pensam estar fazen-

do detração quando revelam aos pais, os roubos, os maus hábitos, as faltas de seus filhos, embora saibam ser isso necessário para a correção dos mesmos. E mais outros que acreditam estar pecando, quando não observam certos preceitos da Igreja, como por exemplo: não assistir à Missa ou não jejuar, embora disso estejam dispensados... Nesses casos deve-se-lhes explicar que isso não é pecado ou ao menos não o são graves, relativamente. E' preciso que o catequista esclareça quais sejam os pecados certos, especialmente aquêles que são a causa de muitos outros pecados graves. E' necessário ensinar-se ao povo, por exemplo, que peca gravemente aquêle que não foge à ocasião próxima e voluntária de pecar gravemente, mesmo quando não tendo a intenção de pecar e ainda que não soubesse ser uma falta grave procurar essa ocasião, pois que em a procurando êle está certo de sobrevir o pecado. As mulheres devem ser esclarecidas sôbre as superstições ou vãs observâncias, embora se achem em boa fé; seja-lhes dito que estão em estado de pecado quando se comprazem em si mesmas ou que desejam ser procuradas pelos homens, sem intuito de Matrimônio. Há pessoas que julgam não ser pecado grave blasfemar dos dias e coisas santas; sejam advertidas disso, porque do contrário adquiririam o hábito e êste, uma vez contraído, mesmo depois que souberem que são essas blasfêmias uma coisa grave, dificilmente se corrigirão.

Ao se falar do sexto mandamento, cuide-se que não se torne motivo de escândalos para as almas inocentes, excitando-lhes a curiosidade para coisas que ignoram. E' suficiente, nesse

ponto, condenar tudo que fere a castidade sem designar nem espécie nem circunstâncias e de modo que os que se achem culpados dessas faltas aprendam como se devem confessar delas e os outros o fiquem ignorando. E', entretanto, mister instruir o povo sôbre esta matéria e de o esclarecer a respeito dos maus pensamentos quando são ou não pecados. Falar-se-á igualmente dos remédios contra a impureza, designando entre outros grandes meios: a fuga das ocasiões, a freqüência dos Sacramentos, e especialmente a oração, sem o que ninguém se conservará casto. Chamamos a atenção do leitor para o que dissemos acima, quando tratamos da doutrina às crianças, a fim de não termos que repeti-lo aqui inútilmente.

Daremos, a seguir, alguns exemplos de ocorrências deploráveis referentes a pessoas, que, por motivo de se haverem envergonhado de confessar seus pecados, tiveram morte má. E como foi dito, um desses casos deve ser referido cada dia no fim da instrução, antes de se recitarem os atos do cristão. Damos apenas a substância desses fatos, podendo os que querem se servir deles dar-lhes forma mais desenvolvida.

EXEMPLOS DE CONFISSÕES SACRÍLEGAS

1. Eis o que se narra nas crônicas de S. Bento: Havia um eremita chamado Pelágio. Quando pequeno, seus pais o encarregaram de um rebanho. Já naquele tempo levava uma vida tão exemplar, que todos o tinham na conta de Santo. Mortos os pais, vendeu o pouco que possuía e que havia recebido em herança e retirou-se para um eremitério. Consentiu num pensamento desonesto e uma única vez. Depois da queda sentiu uma tristeza extrema, porque receava confessar-se, temendo perder a estima de que gozava. Durante aquêles

dias passou pelo seu eremitério uma personagem misteriosa que lhe disse: "Pelágio, confessa-te! Deus te perdoará e terá novamente a paz com êle"; e desapareceu. Pelágio ficou impressionado. Resolveu fazer penitência de sua culpa, mas sem confessá-la, iludindo-se de que Deus lhe perdoaria sem a Confissão. Entrou para um mosteiro, ali foi recebido sem dificuldade, dada sua boa reputação. Levou lá dentro uma vida dura, tôda mortificada pelo jejum e pela penitência. Chegou, enfim, o momento da morte e êle se confessou pela última vez, porém, como o fizera até então, por vergonha não contou o pecado e recebeu assim o viático e morreu. Foi sepultado com todo o respeito e consideração que se deve a uma pessoa morta em fama de santidade. Na noite seguinte ao sepultamento, o sacristão encontrou o cadáver de Pelágio sôbre a campa; enterrou-o novamente. Na segunda noite e na terceira dá-se a mesma coisa, assim que o sacristão achou dever avisar o Abade. Este, cercado dos monges, dirige-se ao lugar e interroga: "Pelágio, tu que foste tão obediente durante a vida, obedece agora após tua morte, dize-me, da parte de Deus, se é da vontade do Senhor que teu corpo seja colocado em lugar reservado?" E do cadáver parte um grito: "Ai! estou condenado por causa de um pecado que não confessei, vêde, Padre Abade, vêde meu corpo!" Apenas pronunciadas tais palavras, vê-se o corpo todo esbraseado como um ferro candente e a lançar de si fagulhas. Põem-se todos em fuga. Pelágio chama pelo Abade para que êle lhe venha retirar da bôca a partícula consagrada, que ali ainda estava; pede-lhe que retire seu corpo da igreja e o mande sepultar alhures.

2. Lê-se nos anais dos PP. Capuchinhos que um religioso (falando-se ao povo oculte-se essa particularidade, diga-se de um homem qualquer) muito estimado e tido em conta de muito virtuoso, fazia más confissões, entretanto. Fica gravemente enfêrmo e nesse caso foi convidado a se confessar. Pediu para isso um certo Padre do convento. Vem o Padre, mas o tal religioso lhe diz: "Meu Padre, dizei aos outros que me confessel, porém eu não me resolvo a isso." Mas, por que? retorque o Padre. Porque, diz o doente, porque já me

sinto condenado, pois que jamais confessei todos os meus pecados e hoje Deus tira-me a possibilidade de o fazer. A essas palavras põe-se a uivar e a morder a língua e a dizer: "Língua maldita, que te não quiseste confessar direito, quando o pudeste!" E, partindo a língua em pedaços e urrando, morre. O cadáver fez-se preto como um carvão e de dentro dêle saía um barulho horrível e exalava um cheiro nauseante.

3. O P. Serafim Pazzi narra que havia em um lugar da Itália uma nobre dama casada e tida por todos como uma Santa. No momento de sua morte recebeu todos os Sacramentos, deixando um nome venerado. Após a morte a filha dessa senhora recomendava-lhe a alma a Deus cotidianamente. Quando um dia estava em oração ouviu um barulho estranho à porta, levantando os olhos viu um grande e repelente porco, todo envolto em chamas a lançar fagulhas de si e a deitar uma fedentina infeta. Apavorada, a pobre moça quer atirar-se pela janela, quando lhe chegam estas palavras: "Tranquiliza-te, minha filha, tranquiliza-te, sou tua desgraçada mãe, que todos tinham por Santa, mas que foi condenada ao inferno, pelos pecados que cometi juntamente com teu pai e dos quais jamais me confessei, por demasiada vergonha. Não peças a Deus por mim, de nada valeria." Um grito horrível e desaparece.

4. Assim refere o célebre doutor Fr. João de Ragusa: Havia uma senhora dada assim à vida espiritual, ocupando-se na oração e frequentando assiduamente os Sacramentos, que o Bispo mesmo a tinha por santa. Um dia, lançando seus olhares sobre um de seus domésticos, consentiu num mau pensamento. Mas, como seu pecado era apenas interior, iludiu-se ela pensando não estar obrigada a confessá-lo. Sentia-se, entretanto, atormentada em sua consciência, especialmente ao aproximar-se da morte. Não se resolveu, todavia, a confessar sua falta e morreu assim. O Bispo, que era o confessor da tal senhora e que a tinha em grande conta de virtuosa, fez levar o cadáver em procissão pelas ruas da cidade e deu-lhe sepultura em sua capela episcopal. Na manhã seguinte ao sepultamento, ao entrar na capela, o Prelado dá com um cadáver estendido sobre um

braseiro... Ordena o Bispo ao cadáver a lhe dizer quem era. E o cadáver responde: "Sou aquela vossa penitente, estou condenada, por um mau pensamento do qual não me quis confessar." Maldizendo sua falsa vergonha, que fôra a causa de sua eterna ruína, entre clamores horrorosos, desaparece.

5. O P. Manuel del Rio conta que no Peru existiu uma jovem índia, de nome Catarina, que, sendo escrava de uma boa senhora, deixara-se batizar e recebia os Sacramentos. Essa moça confessava-se com frequência mas sempre de modo sacrilego. Próxima à morte, confessou-se nove vêzes, porém tôdas as vêzes sacrilegamente. Terminada sua Confissão ela mesma dizia a suas amigas que havia ocultado pecados. Essas companheiras o referiram à senhora. E esta ficou sabendo da jovem mesma que se tratava de faltas contra a pureza. Foi avisado o confessor, que, voltando para junto da moça, exortou-a a confessar-se bem. Obstínada, Catarina declara não querer revelar suas faltas e acaba a dizer, cheia de desespero: "Padre, deixe-me, não perca seu tempo, não se dê cuidados" e dêle voltando o rosto põe-se a cantar modas profanas. Estando quase a expirar, suas companheiras lhe oferecem o Crucifixo, mas ela lhes replica: "Que Crucifixo, não sei que é isso nem quero sabê-lo." E morre assim. Desde essa noite era tanto o barulho na casa e tamanho o mau cheiro que dali exalava, que a dama viu-se obrigada a mudar de residência. Mais tarde a moça apareceu a uma de suas companheiras e lhe disse que estava no inferno por haver feito mal suas Confissões.

6. O P. João Ramirez S. J., quando certa vez pregava numa cidade, foi chamado para ouvir de confissão uma donzela. Era a jovem de família nobre e levava uma vida santa aos olhos dos homens: comungava frequentemente, jejuava e fazia muitas outras mortificações. Nas proximidades da morte se confessara ao Padre com muitas lágrimas e lhe dera assim muito consolo. Quando torna à casa, o Padre ouve de seu companheiro que enquanto a jovem se confessava notou éle que uma mão negra apertava o pescoço dela. Diante disso o P. Ramirez volta à moribunda, mas ao entrar na casa di-

zem-lhe que ela havia morrido. Torna para seu convento o Padre, põe-se em oração e a pobre donzela lhe aparece envolta em chamas e trazendo pesadas correntes e diz-lhe que estava condenada por haver cometido um pecado com um jovem e do qual se não confessara, temendo perder a estima em que era tida, por parte de seu confessor. No momento da morte quis confessar-se, mas faltou-lhe o ânimo para vencer sua repugnância. Desaparece agitando terrivelmente as correntes, que a prendiam.

7. Narra o P. Francisco Rodriguez, que na Inglaterra, quando ali ainda dominava a religião católica, reinava o rei Auguberto. Tinha êle uma filha, moça de rara beleza, que fôra pedida em casamento por muitos príncipes. Recusara a donzela êsses pedidos dizendo a seu pai que fizera voto de perpétua castidade. O rei pede em Roma a dispensa do voto, porém a princesa nem assim se resolve ao casamento, afirmando que só queria por espôso a Jesus Cristo. Pede a seu pai que lhe conceda poder morar solitária. O pai, que lhe queria muito, proporcionou-lhe uma morada conveniente. Retirando-se da côrte e passando à solidão, levava uma vida santa, cheia de oração, de jejuns, de penitências; freqüentava os Sacramentos, visitava os doentes no hospital próximo. Adoece gravemente e morre...

A dama que fôra a governante da princesa, quando em oração, durante uma noite, ouviu grande barulho e aparece-lhe a figura de uma mulher, no meio de chamas e tôda encadeada entre demônios. E o fantasma lhe fala: "Sabei que sou a filha desgraçada de Auguberto." "Como, possível? diz a senhora, depois de teres levado uma vida tão santa!" Responde a alma: "Fui condenada por própria culpa." "Mas, como?" "Quando era ainda menina, gostava que um pagem, ao qual tinha uma certa afeição, viesse a fazer-me leituras. Uma única vez, terminada a leitura, o jovem tomou de minha mão e a beijou. O demônio começou então a tentar-me e vim a cair gravemente. Fui confessar-me. Comecei a minha acusação, quando o confessor me disse imprudentemente: "Possível? uma rainha fazer tal coisa?!..." Levada por um sentimento de vergonha, respondi-lhe então que

fôra tudo apenas um sonho... Fiz penitência, dei muitas esmolas, a fim de que Deus me perdoasse, porém sempre sem confessar o pecado. No momento da morte disse ao confessor que eu era uma grande pecadora e êle me respondeu que afastasse o pensamento como sendo uma tentação... e depois disso morri. Agora estou condenada por tôda a eternidade."

Fala assim e desaparece por entre um fragor, que parecia querer arrebentar o mundo, e deixa no quarto um horrível mau cheiro, que perdurou por muitos dias.

8. E' do P. João Batista Manni S. J. o seguinte: Existiu uma senhora que se vinha confessando desde muitos anos a ocultar um grave pecado de impureza. Passam certa vez pela região em que habitava a tal dama, dois religiosos dominicanos. Como desde muito ela esperava por encontrar confessor desconhecido, pediu a um dêles a ouvisse em confissão; confessou-se. Partiram os Padres. De caminho o companheiro do Padre que ouvira a confissão narra que notara, durante a Confissão, saírem da bôca da penitente muitas serpentes; mas, vira também mostrar-se a cabeça de uma grande serpente, que, recolhendo-se em seguida, arrastou consigo para dentro as demais cobras. O confessor na dúvida do que isso poderia significar, volta à casa da tal senhora, mas, ao chegar fica sabendo que ela morrera repentinamente, estando a rezar... A infeliz lhe aparece e lhe diz: "Sou a mulher que ouvistes em confissão. Tinha um pecado que não queria confessar aos sacerdotes da região; Deus vos enviou e mesmo assim não tive fôrça para vencer a vergonha; Deus me puniu então, fazendo-me morrer repentinamente e condenando-me ao inferno." E como que se abrindo a terra, a alma desaparece no abismo.

9. Conta S. Antônio: Houve certa senhora viuva, que começara por levar uma vida devota, mas, encontrando-se freqüentemente com um determinado jovem, com êle veio a pecar. Depois disso, faz penitência, distribui esmolas, entra para um convento, mas não se confessa de seu pecado. Foi nomeada Superiora e morre deixando fama de Santa. Uma noite, uma das religiosas que permanecera no côro, ouviu um grande ruído e logo a seguir

percebe um fantasma envôlto em chamas. Aterrorizada, pergunta, entretanto, ao fantasma quem êle seja e obtém a resposta: "Sou a alma da Superiora, estou no inferno." — Mas por que? — "Porque, quando ainda no mundo, cometi um pecado do qual não me quis confessar. Ide, dizei às demais Irmãs que não rezem por mim." E desaparece.

10. Certa mãe, dizem os anais dos Capuchinhos, havia feito confissões sacrílegas. No momento da morte clama que estava condenada por causa dos pecados que cometera e das confissões mal feitas. Entre outras muitas coisas dizia que devia muitas restituições, que não fizera. Fala-lhe então sua filha: "Minha mãe, nós faremos as restituições tôdas, venderemos tudo; queremos a salvação de tua alma." — "Ah! filha maldita, tu és a causa por que me perdi, pelos escândalos que te dei pelos meus maus exemplos." E grita desesperadamente. Pediu-se a presença de um Padre capuchinho, que a exorta a confiar na misericórdia de Deus, mas a infeliz responde: "Que! misericórdia para mim?! estou condenada, já foi pronunciada a sentença contra mim, sinto os tormentos do inferno." E seu corpo levanta-se ao fôrro e abatendo-se sôbre o chão, morre a mulher de repente...

Seguem-se os atos cristãos da seguinte maneira: os atos de fé, esperança, serão feitos como os que apresentamos acima, quando da Confissão das crianças. O ato de fé deve ser extenso como lá está, porquanto é preciso que nêle se faça menção não sômente dos quatro principais mistérios que são de necessidade de meio, como ainda de todos que estão contidos no símbolo, que devem ser cridos como necessidade de preceito; também os Sacramentos, especificando-se os quatro mais necessários aos fiéis: o Batismo, a Confirmação, a Penitência e a Eucaristia. Deve-se apontar também o da Confirmação, porque o Papa Bento XIV na sua bula: "Et si Pastoralis", p. 57 (I. in Bullar. § 3.

n. 4), declara que os fiéis que podem e negligenciam receber êsse Sacramento, pecam mortalmente.

A êsses atos acrescentem-se os de amor, de contrição e bom propósito, mas de uma forma diferente daquela que apresentamos atrás. Por exemplo:

Ato de amor: O' meu Deus, pois que sois a Bondade infinita e digno de um infinito amor, eu vos amo de todo o meu coração e acima de tudo.

Ato de contrição: Sois, meu Deus, a bondade infinita e por isso arrependo-me de vos haver ofendido; sinto-o sinceramente.

Ato de bom propósito: E proponho-me antes morrer do que vos dar um novo desgosto. Eu o proponho confiado em vossa graça, que eu vos peço para êste momento e para todo o futuro. Tomo a resolução de receber os Sacramentos durante a vida e na morte.

CAPÍTULO VII

DA PREGAÇÃO

A fim de procedermos ordenadamente ao falar do grande sermão, que é o exercício mais importante na Missão, trataremos aqui das três partes que, segundo os mestres em retórica, devem formar um bom discurso ou sermão. Falaremos: 1º da invenção; 2º da disposição; 3º da elocução.

1. Da invenção do material

E' grande êrro fazer-se a divisão em pontos e tratar do desenvolvimento antes de se fixar a matéria sôbre a qual se quer discorrer. E' necessário reunir-se com antecedência o material preciso, quer dizer, as passagens da Escritura, as provas de razão, as semelhanças e tudo mais que seja mister para provar o que se vai propor. Para isso se usam as coleções de pregação, como a de Mansi, de Lohner, de Spander, de Houdry, o "Teatro da vida humana" e muitos outros. A retórica, aliás, ensina quais as fontes de onde se podem tirar as provas de que se necessita. Chamam essas fontes: lugares comuns ou particulares. São denominados particulares os que são próprios para determinado discurso, provando a beleza ou deformidade, a necessidade ou inutilidade da coisa que se quer demonstrar. Ordinariamente falando, lugares comuns são os que formam tôdas as pregações. Dêstes falaremos aqui dividindo-os em interiores e exteriores; interiores são os que se encontram na natureza mesma do assunto que se trata; exteriores, na natureza da coisa.

a) Dos lugares comuns interiores

Contam-se os lugares comuns interiores em número de quinze:

1º A *definição* da coisa, por exemplo, quando se prova que o pecado é um grande mal, porque Deus o considera como aversão.

2º A *etimologia do nome* — p. ex.: a temperança é útil à alma e ao corpo; à vida eterna e à temporal; ou afirmando de uma parte o que se nega de outra, p. ex., a desgraça da morte não está em sermos a ela sujeitos ou em termos passado uma vida humilde, mas, sim, depende de nossa conduta.

4º *Palavras conjugadas* — isto é, que uma coisa decorre de outra logicamente, como detestado de detestar, assim se poderá dizer: Deus detesta soberanamente o pecado e aquêle que está unido ao pecado é soberanamente detestado de Deus.

5º O *gênero* — argumentando desta forma: “o pecado é a ruína do homem, assim essa amizade pecaminosa, a posse ilegítima dêsses bens, serão tua ruína.

6º A *espécie* — dizendo-se, por ex.: êle é justo, é, portanto, virtuoso.

7º A *comparação* ou *semelhança*. — Importa notar o seguinte: semelhança é a conformidade ou parecença total entre dois objetos; a comparação exige sômente conformidade de algumas partes dos objetos. Pode haver comparação entre duas coisas iguais, entre coisas grandes e pequenas. E eis aqui um exemplo de semelhança — se o agricultor não cultiva a terra, nada pode esperar colhêr; assim aquêle que não usa dos meios para cultivar sua alma, não tirará nenhum proveito...

Podem ser reduzidos à semelhança: os exemplos, as parábolas e as fábulas. A parábola é uma ficção de ações possíveis, verossímeis; mas a fábula ou o apólogo apresentam coisas impossíveis, pois aqui aparecem a falar os animais ou as árvores.

Nas pregações pode-se empregar fácilmente a parábola; porém raramente a fábula. Seja usada de preferência nas instruções para insinuar a prática de virtudes.

8º *Dissemelhança* — quando se diga, por exemplo: favorecer o apetite das paixões é viver como um bruto; o cristão, entretanto, deve viver conforme com os princípios de sua fé.

9º *A causa* — que pode ser eficiente, final, formal e material. — E' eficiente, quando se diz: Deus criou-nos, por isso é nosso absoluto Senhor; — causa final: Deus criou-nos não para os prazeres vis e efêmeros da terra, mas para os gozos infinitos e eternos do paraíso; — causa formal: a alma humana foi criada à imagem e semelhança de Deus, portanto, é mais nobre e mais vale do que os tesouros do mundo; causa material: nosso corpo é pó da terra, logo, êle há de voltar à terra...

10º *O efeito* — Por ex.: a virtude da paciência nos torna queridos de Deus e nos faz viver em paz...

11º *Os contrários* — que podem ser: 1º oposição: os mansos são amados de Deus e dos homens, os iracundos odiados de Deus e dos homens; 2º privação: p. ex.: o pecador está privado da paz, porque a paz vem com a graça; 3º contradição: por. ex.: o que ama a Deus possui tôdas as coisas e está sempre contente, mas o que não o ama está privado do que há de me-

lhor, que é a graça de Deus e assim está sempre descontente; 4º repugnância: quer dizer, coisas que se não podem reunir no mesmo objeto, por ex.: o amor de Deus e o amor do mundo são incompatíveis.

12º Os *antecedentes* — como: *quid semina-verit homo haec et metet* (Gal 6).

13º Os *conseqüentes* — como: o que está inquieto prova que não está de conformidade com a Vontade de Deus.

14º Os *relativos* — como: Se Deus é um senhor, nós somos seus escravos e lhe devemos obedecer.

15º Os *adjuntos* — que são as circunstâncias enunciadas neste verso célebre: *Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quómodo, quando?*

Quis? — ex.: O pecador ofende a um Deus tão grande, infinitamente bom e poderoso.

Quid? — ex.: O pecado é um imenso mal, pois êle nos priva de Deus, do paraíso e nos rouba a paz.

Ubi? — ex.: o pecador ofende a Deus, presente em tôda parte.

Cur? — ex.: por que perde o pecador a Deus? por um miserável interêsse, por um prazer passageiro.

Quibus auxiliis? — o pecador ofende a Deus servindo-se dos benefícios que dêle recebe, da saúde, das riquezas...

Quomodo? — ex.: o cristão é mais culpado do que o infiel, porque aquêle tem luzes, tem remorsos.

Quando? — ex.: o pecador ofende a Deus, quando o mesmo Deus lhe faz bem, conserva e vela sôbre êle.

b) Dos lugares comuns exteriores

São lugares comuns exteriores:

1º *A S. Escritura* — de onde se tiram as provas mais convincentes e mais próprias à salvação eterna. Assim o fez o próprio Jesus Cristo e todos os Padres que o seguiram. S. Jerônimo diz que não há pregador que mereça realmente êsse nome, que não baseie seus sermões sobre as Divinas Escrituras. E' preciso entretanto aduzir trechos curtos no discurso; apresentá-los em sentido próprio, evitando interpretações e ênfases.

2º *A Tradição.*

3º *Os Santos Padres* — a fim de que se queira dar pêso a essa prova, faz-se necessário trazer as próprias palavras dos Santos Padres, mesmo em latim, e explicá-las claramente aos ouvintes.

4º *A teologia escolástica* — é também útil a provar qualquer verdade, evite-se, porém, trazer para o púlpito questões controversas, ou introduzir subtilezas que seriam mais próprias para confundir do que para esclarecer e persuadir.

5º *Os textos de cânones, os decretos dos Pontífices*, que tenham relação com o assunto.

6º *A história* — especialmente citando fatos da Sagrada Escritura. Narrando-se um fato estranho à Escritura, é aconselhável citar-se o nome do autor que o traz, a época e o lugar. Evite-se a complicação lamentável que fazem certos pregadores!

c) Escolha de material

Para a escolha de material para a pregação, proceda-se da forma seguinte: Quando já se

tem o assunto, tome-se uma fôlha de papel e notem-se aí os sentimentos, as provas de razão, as semelhanças, os exemplos que se encontraram. Depois, relendo-se o todo, procura-se fixar os pontos ou partes em que o sermão haja de ser dividido. A seguir, separadamente, se escrevem os pontos fixados, dando-se-lhes pequenos títulos; referem-se então a cada ponto e com número embora sem ordem, as coisas que foram encontradas. E notou-se que se tem bastante material, então se colocarão em ordem as provas de autoridade, de razão, as moralidades, de maneira a cada uma delas ocupar o lugar que lhe cabe. E começa aqui o trabalho do desenvolvimento, segundo as regras que vamos dar logo a seguir, falando da disposição do discurso.

2. Da disposição das partes

Distinguem-se nove partes no sermão: o exórdio, a proposição, a divisão, a introdução, a prova, a refutação, o epílogo, a amplificação ou a moralidade, e os afetos. Tôdas essas partes, porém, podem ser reduzidas a três: o exórdio, a prova e a peroração. Ao exórdio ajuntam-se a proposição e a divisão em pontos; à prova, a introdução que a precede e a refutação que a segue; à peroração ou conclusão, o epílogo, a moralidade e os afetos. Advirta-se, todavia, que não é necessário que o discurso tenha tôdas essas partes e sempre, porquanto muitas delas são acidentais; indispensáveis e essenciais são a proposição e a prova. Mas, com respeito às pregações de Missão, gostaria de pôr nesse número também a moralidade e os afetos.

a) Do exórdio

O exórdio pode ser tirado de fontes inúmeras; falaremos aqui das principais:

1º *Ex visceribus causae* — ex.: Se tomarmos por assunto — devemos temer uma morte má — poderíamos fazer o seguinte exórdio: Todo homem que vive, vive para morrer, pois que esta terra não é para todos nós senão um lugar de passagem, nós nos dirigimos para a eternidade...

2º *Ab opinione sive judicio* — ex.: E' loucura querer-se esperar uma boa morte, depois de se ter vivido licenciosamente; é a mesma coisa — pode-se afirmar — dilatar a penitência e condenar-se...

3º *A contrario* — Quando se começa com uma proposição contrária à que se quer provar, ex.: E' indubitavelmente uma grande felicidade a daqueles pecadores, que, após uma vida levada em pecado, se converteram e se salvaram; mas são êsses casos raros extremamente; o que acontece ordinariamente é que à má vida corresponde morte má (aqui temos a proposição)...

4º *Ab expositione* — quer dizer, cita-se um trecho da Escritura ou expõe-se simplesmente a importância da matéria de que se vai tratar: ex.: O que pensa no inferno para lá não vai. Quero hoje, irmãos, fazer-vos ver as penas do inferno, a fim de que as eviteis.

5º *Ex abundantia* — isso é, quando o pregador anuncia ser muito vasta a matéria sobre a qual vai discorrer, porém irá reduzi-la a um ou dois pontos, versando sobre o que há de mais importante no assunto.

6º *Ex adjunctis* — quando se começa por uma circunstância de pessoa, lugar ou tempo.

7º *Ex abrupto* — Os exórdios tirados das fontes acima citadas chamam-se exórdios comuns, mas o *ex abrupto* denomina-se extraordinário, porque raramente é empregado. Começa-se sem nenhuma preparação, por uma exclamação, por uma exprobração, por uma palavra de afeto ou de admiração, ex.: Pecadores, até quando fechareis os vossos ouvidos à voz de Deus que vos chama? Ou ainda: Pecadores, pobres pecadores, que levais uma vida tão infeliz neste mundo, para depois ainda terdes uma mais desgraçada no outro! Também: O' Deus onipotente, como podeis suportar a ingratição de tantos homens, que, iluminados, chamados mil vêzes por vós, persistem, não obstante, em vos ofender?!...

Note-se que êsse gênero de exórdio, para não se tornar vicioso, não comporta duração demasiada, nem deve ser empregado em todos os discursos. Ademais, deve o exórdio estar integrado no sermão, porque do contrário já não seria uma introdução ao assunto de que se quer falar.

Os mestres em retórica ensinam que o exórdio compreende sete partes, que são: a introdução, a proposição geral, a confirmação, o retrocesso, a complexão (repetição), a proposição particular, a divisão.

Introdução — é uma pequena insinuação, pela qual se chega à proposição geral, a que se dá o nome de proposição emprestada.

Proposição geral — entende-se por isso a que se anuncia antes de se chegar à proposição particular, que é o assunto principal do discurso.

A confirmação — é uma prova breve da proposição geral já enunciada.

O retrocesso — é a repetição da proposição geral, com passagem à proposição particular.

A complexão — é o laço que prende a proposição geral à particular.

Proposição particular — é o assunto que se deve provar e chama-se por isso, principal.

A divisão — é o assunto dividido em pontos.

Quero advertir que essas partes do exórdio que acabo de enumerar não são tôdas necessárias, especialmente nos discursos de Missão, como havemos de fazer notar. São suficientes três: a proposição geral, a complexão, que é o laço indispensável, e a proposição particular, que constitui o assunto do discurso, seguida da divisão. Suponho, por exemplo, que se queira provar que é muito difícil ao que leva uma vida desregrada ter uma boa morte; dir-se-á então: A salvação de nossa alma é coisa necessária, porque o que se não salva será condenado, não há aqui meio termo. Porém, para se salvar é preciso uma boa morte, o último alento na graça de Deus. Entretanto, é coisa difícil àquele que levou sempre uma vida escandalosa ter uma morte santa... Aqui a proposição geral é: “nossa salvação é uma coisa necessária”; o laço: “porém, para se salvar é preciso...”; a proposição particular: “entretanto, é coisa difícil...”

A proposição geral pode ser ampliada de muitos modos, ex.: Não é necessário ao homem, que êle seja nobre ou rico nesta terra, necessário é que êle se salve...

Quanto à proposição particular ou principal deve ser tirada do próprio assunto da pregação, porque para ela devem convergir, como outros tantos raios, as provas do sermão. Assim essa

proposição seja clara, curta e provável. E' mister sobretudo evitarem-se as proposições fora de propósito. Regra irrefragável ainda é que se conserve a unidade da proposição, porque do contrário não seria um o sermão, mas vários. Essa unidade, todavia, não impede a divisão do assunto em pontos, pois que isso facilita a atenção dos ouvintes e lhes imprime melhor no espírito o assunto de que se lhes fala. Mas é mister que os pontos não formem senão uma única proposição.

A divisão tem formas diversas: a natureza do assunto, ex.: Devemos estar sempre prontos para morrer, porque: 1º: a morte é certa; 2º: incerta a hora em que há de vir; os *efeitos*: os maus hábitos tornam a salvação muito difícil — 1º: porque cegam o espírito; 2º: porque endurecem o coração; as *causas*: ex. a morte do pecador será muito triste — 1º: por causa da tentação do demônio; 2º por causa da recordação dos pecados que êle cometeu; 3º: por causa do abandono em que Deus, encolerizado, o deixará; — *enumeração* das partes: ex. o julgamento universal será coisa terrível — 1º: pela ressurreição; 2º: pelo exame; 3º: pela sentença.

Pode-se ainda tirar a divisão da diversidade de *circunstâncias* contidas no célebre verso:

Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando.

Quis — o pecador ofende a Deus, que é: seu Criador, seu Redentor, seu Conservador.

Quid — O pecado é: para Deus um desgosto, para as almas a ruína. E assim os demais...

Os pontos devem ser breves e apresentados em poucas palavras; não sejam mais de três, ordinariamente dois. E não é raro anunciar-se a proposição particular sem a divisão, por exemplo: O que abusa da misericórdia divina será abandonado. Ou: o pecado é o mais grave delito porque é o desprezo de Deus. Este modo de proceder permite, às vezes, dar maior desenvolvimento ao material que se tem, porquanto aqui não há limites designados.

b) Das provas

Como já ficou dito, a prova contém três partes: a introdução, o corpo de provas, a refutação.

1.º *A introdução* — prepara a entrada no corpo de provas e pode ser tirada:

da definição — ex.: a respeito do escândalo, dando aquela de S. Tomás: *est dictum vel factum minus rectum, praebens alteri ruinam* — desenvolvendo-a em seguida.

da distinção — falando-se das ocasiões, servirá esta introdução: A fim de procedermos metodicamente, vamos distinguir duas espécies de ocasiões, a remota e a próxima; ocasião próxima é aquela...

da dificuldade do assunto — tratando-se da malícia do pecado: Para bem se compreender a malícia do pecado, seria mister se pudesse compreender que grande é Deus em si mesmo; a quem foi dado, porém, compreender a bondade, o poder e a sabedoria divinas?...

da proposição geral passando-se à particular — ex.: tratar do sacrilégio em geral para especificá-lo na confissão sacrílega.

de um silogismo ou de um entimema — passando da consequência à prova do proposto.

De *uma questão célebre*, de uma citação de um dos S. Padres, de uma história...

Cuide-se que essas introduções sejam breves e que tendam diretamente ao fim proposto, passando-se sem demora às provas.

2.º *As provas* — o corpo do discurso deve ser um composto de provas do assunto principal (proposição principal). E' assim que para se persuadirem os ouvintes, o discurso deve formar um perfeito silogismo, não como o fazem os mestres em lógica, mas como os retóricos, quer dizer, de maneira mais clara, mais vasta, aduzindo o menos possível de provas, porém as melhores, as convincentes, porque vale mais pesá-las do que enumerá-las. As diversas formas de que se servem os oradores, são:

a) *O silogismo*, — que se compõe da maior, da menor e da conclusão, mas sempre, como já o dissemos, ampliadamente, provando-se a maior antes de se chegar à menor e provando-se esta antes de se tirar a conclusão. Entenda-se, entretanto, isso se fará se a maior e a menor necessitarem de ser provadas; porque, se não evidentes ou certas por si mesmas, é suficiente ampliá-las sem as provar.

b) *O entimema* — o antecedente e o consequente, acrescentando-se-lhes a prova, se o caso exigir. Queremos aqui avisar o pregador de revestir o silogismo e o entimema de maneira tal, que êles não pareçam no fundo o que realmente são.

c) *O dilema* — é o raciocínio em que encontramos duas proposições opostas e desassociadas, assim que em se negando uma, necessariamente aceita-se a outra; ex.: Ou Deus engana o homem ou é o homem que se engana; ora,

Deus não pode enganar ninguém; logo, é o homem que se engana...

d) *A indução* — existe quando se tira a conclusão de uma premissa certa, ex.: Os que vivem no meio das austeridades, dos sofrimentos — os Santos — tremem... e como não deveriam tremer ainda mais os pecadores que vivem entre prazeres e dignidades!...

e) *A sorites* — consiste em tirar uma consequência particular de muitas outras consequências ou de várias premissas, ex.: a blasfêmia não nos traz nem honra nem prazeres; por que, pois, blasfemar?...

f) *O exemplo* — é um argumento tirado dos semelhantes...

Torna-se desnecessário dizer que é preciso variar as provas o mais possível, empregando-se ora um silogismo, ora um dilema, ora interrogando, ora rebatendo...

Há quem julgue ser melhor começar sempre as provas pelas mais fracas, dando depois as médias e trazendo por fim as fortes; outros pensam de modo contrário e eu estou com êstes últimos, que é melhor aduzirem-se primeiro os arazoamentos mais convincentes, vindo depois os mais fracos e, por fim, as provas de força média, agrupando-os de tal forma que façam um só corpo e assim tenham mais fôrça; porquanto, em se colocando de comêço as provas mais fracas, poderia isso produzir má impressão no espírito dos ouvintes. Assim, aduzam-se em primeiro lugar os arazoados convincentes, ordinariamente falando, aquêles arazoados que necessitem alguma ampliação, e, enfim, os que são mais próprios a mover. A arte está em dar

às coisas sua ordem natural e não em encarreirá-las desordenadamente.

No que diz respeito às transições, para se passar de um ponto a outro, devem ser feitas naturalmente e conservar a unidade do discurso. Nessas circunstâncias servem as seguintes expressões: Vamos ver no ponto a seguir... Depois de têmos visto... De mais a mais... Ainda mais que...

Há outros modos mais elegantes de que se pode servir o orador para unir as derradeiras frases de um ponto ou uma prova aos pontos ou provas seguintes. Essas conexões não se fazem ordinariamente pela substância das coisas; é preciso, entretanto, se não passe de uma coisa a outra, que às vezes não se harmonizam, sem uma transição. Nessa circunstância servem as figuras de preterição, de concessão, de prevenção.

Há duas formas de amplificação: real e verbal; aquela diz respeito às coisas, procura persuadir o intelecto pelo desenvolvimento das provas; esta, refere-se às palavras e tende a mover a vontade.

A *amplificação real* se faz: 1) pela reunião de diversas coisas, ex.: *Domino servientes, spe gaudentes, in tribulatione patientes, orationi instantes* (Rom 12); 2) pela gradação, ex.: é virtude suportar o desprezo com paciência, é maior virtude desejá-lo e, maior ainda, alegrar-se nêle; 3) por arazoado, ex.: quando, amplificando-se as circunstâncias da coisa, comparando-se uma coisa à outra de realce, faz-se ressaltar o assunto de que se trata.

A *amplificação verbal*: tira-se de palavras expressivas, de epítetos, de sinônimos, de metá-

foras, de hipérboles. Cuidado, porém, não se fascine o ouvinte, não se enoje o auditório, não se enfraqueça o discurso com o demasiado de palavras. Não é preciso que sejam amplificadas tôdas as proposições que se apresentam, mas somente as principais.

Podemos dizer da atenuação o mesmo que registamos da amplificação, pois que — é de Quintiliano o parecer — o que conhece o caminho que desce, sabe também subir por êle.

Quanto às reflexões morais, são muitas vêzes colocadas na peroração, embora seja permitido fazê-las vir no corpo do discurso, especialmente quando se trata de certo e determinado vício ou virtude, se se aduziram bastantes provas ou, enfim, se se prega uma Missão. Em regra geral: essas reflexões devem ser breves, a fim de não formarem um sermão à parte, nem tampouco assim mal colocadas que pareçam estar ali à força, nem tão freqüentes a sobrecarregarem o sermão, como acontece, não raro, a certos pregadores, que fazem mil digressões quando narram um fato. Sem dúvida, é permitido trazer assim acidentalmente uma reflexão moral, porém, quando isso se multiplica, torna-se fastidioso aos ouvintes. Igualmente certo é que o sermão da Missão deve nutrir-se mais dessas reflexões, porque são elas que impressionam melhor às pessoas rudes, que formam a parte mais numerosa do auditório. Enfim, a reflexão moral seja sempre análoga ao sermão, posta em seu devido lugar, a fim de que não tire a força às provas.

3.º *A refutação* — têm-se aqui em conta as objeções que possam vir da parte adversária. Os meios para refutá-las são:

a) *a negação* — fazendo clara a falsidade do argumento contrário;

b) *contestação* — demonstrando a maior possibilidade da tese de que se trata à do adversário;

c) *a dissimulação* — prevenindo-se já nas razões apresentadas contra as dificuldades contrárias;

d) *a oposição* — atirando ao adversário dificuldades maiores;

e) *o desprezo* — mostrando-se a falsidade das máximas contrárias;

f) *o contra-silogismo* — voltando o argumento contra o adversário.

Regularmente a refutação se deveria colocar logo em seguida às provas, porém, algumas vezes, vem depois de um arrazoado, que talvez apresente alguma dificuldade.

c) Da peroração

A peroração ou conclusão apresenta três partes: o epílogo, as reflexões morais, os afetos.

1.º O *epílogo* — é a simples recapitulação do que se disse. Deve ser breve, para não se tornar um novo sermão; enfeixe as provas mais convincentes do discurso, revestidas de nova forma, colocadas de maneira a preparar os afetos, que vão seguir. Poder-se-á mesmo nesta recapitulação iniciar-se o movimento dos afetos.

2.º *As reflexões morais* — é preciso neste ponto de, corrigindo-se os vícios, não descer a particularidades, porque tais correções em público só servem para irritar os espíritos, para endurcê-los mais, para lhes tornar odiosos o pregador e a Missão pela vergonha que sentem, vendo-se assim denunciados publicamente.

Aliás, por reflexão moral entendem-se não sòmente as reprimendas, as acusações e as sortidas contra os vícios, mas também a apresentação de meios que remedeiem e façam viver bem.

E saibam os Missionários que o que há de mais importante e de mais proveitoso para o povo numa Missão, é ensinar-lhe certas práticas, que o preservem dos vícios e os meios que o persuadam a uma vida perseverante no bem, como: fugir às ocasiões, aos locais perigosos, às más companhias, às casas suspeitas; a se esforçarem todos a evitar a blasfêmia, as imprecações, dizendo: Senhor, dai-me paciência! Virgem Santa, socorrei-me! O' meu Deus, santificai-me! e outros semelhantes; concitá-los a entrar para uma Irmandade, a ouvir a Missa diariamente; a se confessar semanalmente; a ler livros de leitura espiritual, a fazer a visita ao SS. Sacramento, à SS. Virgem ante uma de suas imagens; a renovar cotidianamente a boa intenção de não querer ofender a Deus e de lhe pedir a graça da perseverança; à noite, fazer o exame de consciência seguido de um ato de contrição; depois de haver cometido um pecado fazer o ato de contrição e o de bom propósito e procurar confessar-se quanto antes; de recorrer logo a Deus e a Maria nas tentações, chamando pelos nomes de Jesus e Maria e pedindo-lhes a sua proteção para que cessem as tentações. Êsses remédios e meios devem ser indicados freqüentemente pelo pregador, insinuados várias vêzes no decorrer das pregações, nada se lhe dando das críticas que possam vir de alguns letrados, que talvez malsinariam o pregador ao ouvi-lo a dizer sempre as mesmas

coisas. O pregador não deve procurar o louvor dos homens instruídos, mas sim a glória de Deus e a salvação das almas e, principalmente, das dos pobres coitados que vêm à Missão e que pela sua ignorância tiram maior proveito das práticas fáceis que se lhes insinuam repetidamente, do que dos avisos ou provas que se lhes possam apresentar. E digo: repetidamente, os rudes esquecem facilmente aquilo que se lhes ensina e daí ser-lhes precisa essa repetição, como a experiência o ensina.

3.º *Os afetos.* — Eis aqui a parte de maior importância e mais útil da pregação, principalmente nas Missões, porquanto o proveito que daí tiram os ouvintes não consiste tanto no se persuadirem da verdade dos dogmas como se resolverem a mudar de vida e se darem a Deus. O pregador de Missão não deve fazer como certos que, terminada a pregação, dirigindo-se ao povo põem-se a gritar: Pedi perdão a Deus! pedi misericórdia! — e depois tomam de um crucifixo, de cordas, de tochas de resina e repetem sempre as mesmas palavras. Fazem muito barulho, mas nenhum efeito produzem. O que deseja produzir frutos, procura estudar o melhor meio para mover os afetos dos ouvintes e fazer nascer nos corações uma compunção sincera e não aparente. E' verdade que a compunção dos corações é obra de Deus, mas o Senhor quer que nós cooperemos da melhor maneira a fazê-la nascer nos corações.

E por isso falaremos de um modo especial sobre êsses afetos e da maneira de evitar as paixões, as quais são as doenças da alma, o ofuscamento do espírito e o enfraquecimento da vontade. Sim, se queremos enternecer um

homem dominado pelas paixões, necessitamos da mão divina. E assim o pregador empregará todos os seus gestos e palavras, de outra forma seus ouvintes serão daqueles de quem fala S. Agostinho: "*Qui mirabantur et non convertentur.*" Dirão: Que excelente pregador! que belo sermão! — e continuarão a dormir no emaranhado de seus vícios. Demais, para comover os outros é mister que o pregador esteja compenetrado da verdade que prega.

As paixões humanas são numerosas, pertencendo umas à parte concupiscente do homem, e outras à irascível.

Segundo S. Tomás as *paixões concupisceíveis* são: amor e ódio, desejo e abominação, alegria e tristeza.

1) *O amor* — pelo qual o homem tende a um bem sensível, à felicidade. E' a mais forte das paixões. Aqui o pregador fará tudo para levar os ouvintes ao amor de Deus e do próximo, expondo-lhes alguns motivos. — Amor de Deus — porque o Senhor o merece pela sua bondade e pelos muitos benefícios com que nos enche; — o amor do próximo — porque Deus no-lo manda.

2) *O ódio* — que se procura excitar contra o pecado, mostrando a malícia dêste e os males que nos causa. E para se demonstrar que êsse ódio não deve ser dirigido ao próximo, prove-se como Deus quer bem a uma alma que sabe perdoar as injúrias.

3) *O desejo* — pelo qual o homem tende a um bem ausente; aqui se mostrará como são pequeninos os bens terrenos, como são efêmeros e perigosos para a salvação, quão grandes, porém, quão imensos e duráveis os da outra vida.

4) *A abominação ou aversão* — que se opõe ao desejo e pela qual se evita o mal ausente; que nos faz conceber horror pela nossa condenação.

5) *A alegria* — que é o gôzo do bem que se possui — aqui se mostrará aos ouvintes a paz que resulta da graça possuída.

6) *A tristeza*, ou a dor — paixão que aflige o homem pelo mal presente; dir-se-á do sofrimento para o pecador, que lhe vem do remorso.

As paixões irascíveis são: esperança e desespero, audácia e medo, ira.

1) *A esperança* — pela qual o homem tende à posse de um bem que, embora árduo e distante, todavia é possível de se alcançar.

2) *O desespero* — quando a consecução do bem é ou parece impossível. Persuada-se ao ouvinte que as riquezas do mundo não poderão fazer felizes os homens.

3) *O medo* ou temor — é a apreensão de um mal iminente ou de qualquer mal futuro.

4) *A audácia* — pela qual o homem se esforça para alcançar um bem árduo ou para fugir a um mal grave; dá, pois, as forças para superar obstáculos e conseguir o bem desejado. Aqui se fará ver a recompensa prometida ao que combate corajosamente contra o vício.

5) *A ira* ou cólera — paixão que conduz o homem à vingança, isto é, a tirar vingança de quem lhe infligiu um mal. Excitem-se aqui os corações ao amor à penitência, castigando o corpo que ofendeu ao Senhor, pois que, diz S. Agostinho, o penitente verdadeiro é aquêlê que justamente se encoleriza contra si mesmo.

No excitar êsses afetos seja-se mais sucinto e nisso muito se ganhará.

3. Da elocução

Após havermos tratado da disposição das partes do discurso, vamos agora falar sôbre os meios a serem empregados para persuadir o intelecto e conquistar a vontade. São precisas três coisas para se obter uma boa elocução, a saber: elegância, composição, dignidade.

1.^o *Elegância*. Ser elegante é falar claro e com expressão, evitando os neologismos e termos arcaicos, palavras chulas ou afetadas. A eloquência do orador há de consistir em saber exprimir devidamente a idéia concebida e fazê-la tão clara aos ouvintes como êle mesmo a apreendeu.

2.^o *A composição*, quer dizer, a harmonia do discurso; e ela provém dos períodos bem ornados e do número dêles convenientes à oração. Período é todo um ciclo de expressões ou frases pelas quais se desenvolve uma idéia. As partes constitutivas de um período chamam-se membros ou cesuras. Êsses membros são denominados ainda as partes principais do período e cesuras as secundárias ou menos principais. Há duas espécies de períodos:

a) o período conciso, composto o mais das vêzes de cesuras que, embora curto, não deve conter menos de dois membros e nunca mais de quatro. Êste período distingue-se por três qualidades que não é mister estejam unidas, são: o número, que diz respeito à quantidade de termos, a correspondência, isto é, a harmonia dos membros, enfim, a oposição; ex.: *Erâtis aliquando ténebrae, nunc autem lux in Dômino* (Efes 5, 8).

b) o período redundante — chama-se aquêle em que as partes formam uma união sonora de sentenças, pensamentos, palavras, que servem

para exprimir sentido perfeito. E aqui se evitará o entrechoque de vogais e consoantes, a repetição dos mesmos termos, das mesmas letras, da mesma quantidade de sílabas e também a reunião de palavras a formarem rimas. Tôda a composição, portanto, contenha o maior número possível de períodos quer concisos, quer arredondados.

3.º *A dignidade* da elocução provém do uso de tropos e figuras, dos quais falaremos depois. Antes, porém, de prosseguirmos, queremos avisados os jovens que se dedicam à pregação, que o que dissemos sôbre os períodos redundantes, compostos de palavras sonoras, podem ser aplicados nos discursos acadêmicos, nos feitos em congressos profanos, mas nunca nas igrejas e nos púlpitos. Bem sei que há quem seja de opinião que isso é necessário nas pregações, a fim de se conseguir auditório para a palavra de Deus. Porém eu sei também que S. Paulo protesta contra tal coisa: *Veni non in sublimitate sermonis aut sapientiae... et sermo meus et praedicatio mea non in persuasibilibus humanae sapientiae verbis, sed in ostensione spiritus et virtutis* (2 Cor 1, 4).

Os pregadores cheios de zêlo e do amor de Deus embaraçam-se menos com expressões escolhidas e períodos sonoros, do que com os meios apropriados a livrar do inferno as almas e a levá-las a Deus. Os pregadores que atraem o povo pelo encanto dos discursos floridos, se conseguem um grande auditório, que frutos entretanto produzem êles? Já se viram fiéis a se confessarem compungidos após tais discursos, talvez enternecidos por essas descrições engenhosas, por êsses períodos perfeitos, por essas

flores, por êsses ornamentos de que estava recheado o sermão? Diz S. Jerônimo que êsses pregadores ociosos parecem-se com mulheres, as quais com sua aparência elegante procuram agradar aos homens, pouco se lhes dando de ofender a Deus e de perder a alma. *Effeminae quippe sunt eorum magistrorum animae, qui semper sonantia componunt et nihil virile, nihil Deo dignum est in eis, qui juxta voluntatem audientium praedicant*" (Hier., sup. Ezech.). O enfêrmo, diz Sêneca, não procura o médico que lhe discursar, mas que o cure. E que há de servir, continua o mesmo, para que há de servir prender-me com vossas belas palavras, quando é preciso para minha cura se usem o ferro e o fogo? *Non quaerit aeger medicum eloquentem, sed sanantem. Quid obletas? aliud agitur; urendus, secandus sum; ad haec adhibitus es* (Epist. 75). S. Jerônimo escrevia a Nepotiano: *Docente te in ecclesia non clamor populi (vivat, vivat) sed gemitus suscitentur; lacrimae auditorum laudes tuae sint* (Epist. ad Nepot.).

Tais pregadores frívolos poderão merecer o louvor de alguns letrados, mas sem proveito. E digo alguns letrados, porque difficilmente um dêsses sermões floridos, qualquer que seja sua perfeição, não deixará de encontrar seus críticos entre os letrados, porquanto um achará defeituoso isto, outro aquilo. E' assim que os pregadores que se pregam a si mesmos, quando deviam pregar Jesus Cristo, apesar de seus esforços para colhêr vãos aplausos, não o conseguem de todos. Ao passo que o que anuncia a Jesus Crucificado alcança sempre o seu fim,

pois que têm a aprovação de Deus, o qual é a finalidade de tôdas as nossas ações.

Oxalá se banissem das igrejas essas pregações fúteis! E', sem dúvida, que, se todos os pregadores falassem com energia e simplicidade, de maneira apostólica, o mundo melhoraria. *Praedicatio christiana*, diz S. Ambrósio, *non indiget pompa et cultu sermonis, ideoque piscatores homines imperiti electi sunt, qui evangelizarent.* (Epist. ad Corint.). O Apóstolo, falando dos que pregavam com pompa, chama-os: *adulterantes verbum Dei* (2 Cor 11, 17). Que expressividade a desta palavra: *adulterantes!* E nota aqui S. Gregório: "*Perversus est quisquis vanae gloriae serviens, recte adulterari verbum Dei dicitur, quia per sacrum eloquium, non Deo filios gignere, sed suam scientiam desiderat ostentare et voluptati magis quam generationi operam impellit* (Mor., l. VI, c. 35).

Que produzem êsses sermões superornados de frivolidades? Envaidecem os que os pronunciam, fazem perder o tempo aos que os ouvem e, o que é ainda pior, debilitam a palavra de Deus, pois os tais ornamentos destroem a fôrça que a verdade eterna em si mesma possui, quando é apresentada com simplicidade. E' êste o sentir de S. Próspero ou de outro antigo escritor, que diz: *Sententiarum vivacitatem sermo cultus ex industria enervat* (Devit. cont. 1. 3).

De S. Paulo são estas palavras: *Misit me evangelizare non in sapientia verbi ut non evacuetur crux Christi* (1 Cor 1, 17). E comenta S. João Crisóstomo: *Alii externae sapientiae operam dabant; ostendit (Paulus) non solum cruci non opem ferre, sed etiam eam exinanire* (Hom. 39 in Cor. 14). Assim a tal subtiliza de pensa-

mentos, a polidez de palavras destroem, por assim dizer, o fruto da Redenção de Jesus Cristo. Oh! que contas prestarão a Deus, no dia do julgamento, os oradores sacros que pregam vaidosamente! S. Brígida teve a visão da alma de um religioso no inferno por haver êle pregado de tal maneira e o Senhor revelou à mesma Santa que não é êle, mas sim o demônio quem fala por tais pregadores mundanos, (Revel. l. 6, C. 35). E' mais aterrorizante o que narra o P. Caetano Maria de Bérghamo, capuchinho, em seu livro intitulado: *O homem apostólico no púlpito* (Cap. XV, 10), fato que lhe foi contado por um pregador de sua ordem e que ao mesmo acontecera:

Era, o que traz o fato, um apaixonado da literatura em seus anos de juventude. Cheio de fútil eloquência, havia pregado na catedral de Bréscia. Alguns anos depois, quando ali voltara a pregar, fizera-o de maneira totalmente apostólica. Interrogaram-lhe a razão de tal mudança e êle respondeu: — Conheci um célebre pregador, religioso, meu amigo e que como eu tinha o gôsto da eloquência frívola. No momento da morte muitos se esforçavam inútilmente para fazê-lo confessar-se. Eu também o fui visitar. Falei-lhe enèrgicamente. Êle olhou-me fixamente sem me responder. Foi então que o Superior determinou levar à cela do moribundo o Viático a ver se assim êle se resolveria a receber os últimos Sacramentos. Chega o santo Cibório e os assistentes dizem ao religioso que Jesus veio para perdoá-lo. Mas o enfêrmo põe-se a clamar em tom de desespero: “Eis o Deus cuja palavra santa eu traí!” Diante disso todos se puseram uns a pedir a Deus usasse de mise-

ricórdia, outros a incitar o doente a pôr sua confiança na bondade de Deus, mas êle desesperado clama novamente: “Eis aí o Deus cuja palavra santa eu traí!... Não há mais misericórdia para mim!” — Continuamos a encorajá-lo, porém êle clama pela terceira vez: “Eis aí o Deus cuja palavra santa eu traí! E’ por um justo julgamento, sim, que estou condenado”, e morre!... Foi êsse fato que determinou a mudança do tom de minha pregação, termina o Padre.

E se nem a todos êsses pregadores o Senhor os condena, certo é que êles expiarão no purgatório por suas pregações inúteis. Que vale no último momento tôda eloquência mundana? Todos êsses aplausos que ela provocou, virão dar tranqüilidade ao moribundo? Contou-me alguém digno de fé que célebre pregador, nosso contemporâneo, que pregava para os aplausos de numerosa assistência, achando-se próximo à morte, mandou que se queimassem todos os seus manuscritos. Do mesmo, narram-me que certa vez, recebendo cumprimentos pela pompa de um de seus discursos, respondeu que aquela eloquência seria um dia o motivo de sua condenação.

Eis aqui o que diz Muratori, no seu livro “Da caridade cristã” (T. II, cap. 25), falando de panegíricos: “Oh! por que tantos panegíricos, que na maioria das vêzes só visam fazer brilhar uma pompa fútil, vazia de espírito e as pretensiosas subtilezas de um cérebro repleto de orgulho, que o povo não compreenderia!... Se quiserdes que um panegírico aproveite, fazei-o com eloquência inteligível, que instrua e toque assim os ignorantes como os doutos. Essa

é preferível a todos os demais gêneros de eloquência, embora pouco conhecida dos que se supõem mais sábios que os outros.” Sêneca escreve a Lucílio que o orador deve preocupar-se mais com as coisas do que com as palavras, pois que, ajunta o filósofo, aquêle que cuida minuciosamente de ornar e embelezar seu discurso demonstra espírito fraco e ser dado a coisas desprezíveis. *Quaere quid scribas, non quomadmodum... cujuscumque orationem videris sollicitam et politam, scito animum esse pusillis occupatum* (Epist. 115). Fala assim um pagão! Maior razão haveria em tal linguagem para um cristão.

Mas, objetam-me, que quereis, pois? Quereis que todos os sermões fôsem sermões de Missão? Responderia, perguntando: Que entende êsse tal por *sermão de Missão*? Se acredita ser sermões feitos ao acaso, sem preparação, sem regras, desordenadamente, eu reprovo, como tôda gente, tal espécie de sermões. Mas, se se entende por tais sermões à maneira apostólica, em estilo simples, ao alcance do auditório, já deixei citado atrás o que sôbre êsse ponto escreveu em sua excelente obra: “Eloquência popular” Luís Muratori, sem contestação um dos grandes literatos da Europa: “Os pregadores que falam para um auditório misto de pessoas instruídas e ignorantes, êstes formando o maior número, devem exprimir-se simplesmente e de maneira popular em todos os seus sermões, pois que tais discursos trazem proveito ao povo, e se os sábios não encontrarem aí o encanto de uma bela dicção, colherão um fruto bem melhor, porquanto tais sermões os iluminarão e os excitarão a trabalhar na salvação

de suas almas." Contudo, se o auditório é constituído de pessoas instruídas, é natural a dicção do pregador seja mais polida. Porém, somente se preocupar no sermão em sobrecarregar a verdade com flores e ornamentos e em exhibir uma erudição rebuscada, em introduzir reflexões subtis ou elevadas, quadros e descrições brilhantes, expressões elegantes, períodos sonoros, eis seguramente o que não convém ao povo.

Deus não pode gostar de tais sermões e nesse caso que frutos se podem esperar?... O Pastor, especialmente, se deve premunir contra a vaidade de palavras; encarregado das almas, tendo de pregar por dever, por zêlo, assiste-lhe rigorosa obrigação de se fazer entendido por todos do rebanho que o ouvem.

Compreende-se que as pregações quaresmais se diferenciem das da Missão. Porém, onde o auditório é composto na maioria de gente pouco instruída, julga Muratori e nós já o citamos, que o pregador deve ser simples e popular, para produzir frutos de salvação e ter a consolação de ver como os ouvintes procuram confessar-se depois do sermão. Recordo-me do Pe. Vitelleschi, que, pregando com grande simplicidade na igreja de "Gesù-nuovo" em Nápoles, não somente se enchia o templo, mas também, depois do sermão, uma verdadeira multidão assediava os confessionários. Quanto às pregações quaresmais em lugares pequenos, onde o auditório é de camponeses iletrados, a linguagem do pregador, diz ainda Muratori, deve ser popular, a mais rasteira possível — são suas palavras — a fim de pôr o assunto do sermão à altura da compreensão dos que a êle assistem. Peço aos pregadores que evangelizam a campanha, caso

queiram conservar seus sermões de estilo elevado, façam, ao menos nas últimas semanas, os exercícios espirituais à tarde, quando os trabalhadores voltam do campo, como é de costume nas Missões. Garanto-lhes que mais proveito recolherão dêsses exercícios familiares do que de cem quaresmais.

Aliás, falando de pregações quaresmais, sinto vivo consôlo, observando que, mesmo nas grandes cidades, como Nápoles, já se abandonou aquêle estilo inconveniente e bárbaro, que foi de uso no século passado. Felicito-me de ver como se prega hoje em estilo familiar e desprezioso. Aflijo-me, porém, e muito, em saber que nas Missões certos jovens Padres começaram a pregar em estilo ornado e florido. Admira-me os Superiores dos tais Missionários, caso queiram ser tidos por tais — permitam-lhes tal maneira de pregar! O Missionário em seus sermões fale como Missionário! Certo dia pregava um jovem Padre de nossa Congregação sôbre a SS. Virgem; exprimia-se com grande rebuscamento e finura de estilo; não só o fiz descer do púlpito imediatamente, como lhe proibi a celebração da Missa por três dias... O Missionário, repito, deve falar como Missionário, especialmente nas Missões, do contrário, dará contas a Deus do pouco fruto que pôde ter feito com seu sermão, do mau exemplo que deu aos outros, abandonando o estilo da Missão, o qual deve ser sempre simples e popular.

Não pretendo que as pregações quaresmais sejam sermões de Missão, mas os sermões de Missão é que seguramente não devem ser pregações quaresmais. Torno a afirmar que os

sermões de Missão não devem ser compostos sem ordem; devem ser certamente conforme às regras da arte oratória, ornados de tropos e figuras, onde isso fôr necessário, como indicaremos mais abaixo, mas, como ensina Muratori, tudo simples, sem afetação, porquanto os sermões de Missão só admitem instruções fáceis, regras de moral apropriadas a cada fiel. Eis aí o que seja realmente partir o pão da palavra como Deus o exige de todos os pregadores e especialmente dos Missionários: "*Frangere esurienti panem*" (Is 58, 7).

Rogo aos leitores queiram fazer comigo a seguinte prece:

Senhor Jesus Cristo, vós que haveis sacrificado vossa vida para salvar nossas almas, dai vossa luz e vosso espírito a tantos sacerdotes, que poderiam converter uma multidão de pecadores e santificar o mundo, se eles pregassem vossa palavra sem vaidade, com simplicidade, como o fizestes vós e os vossos discípulos. Mas eles não o fazem; pregam-se a si mesmos e dessa forma o mundo está cheio de pregadores, mas o inferno se enche de condenados! Senhor, dai remédio a êsse grande mal de vossa Igreja, pela falta de pregadores!

a) Dos tropos

Tropo — é o emprêgo de palavras ou pensamentos numa significação diferente da que realmente têm, motivado por uma semelhança qualquer. As figuras diferem dos tropos, como veremos a seguir. Contam-se os tropos principais em número de seis: metáfora, alegoria, ironia, antonomásia e metonímia.

1.º *A metáfora* — atribui à palavra uma significação que lhe não é própria; basta para a metáfora haja uma semelhança entre a palavra e o significado, ex.: os sacerdotes são a *luz* do mundo, o *sal da terra*. Não importa, entretanto, que essa semelhança se estabeleça entre coisas animadas e inanimadas, ou vice-versa. Não se deve prodigalizar a metáfora no discurso, como também não deve ser ela obscura e tomada de coisas muito elevadas ou muito baixas.

2.º *A alegoria* — é metáfora continuada ou um prolongamento da metáfora, como: Jesus é a vinha e nós somos os ramos; os ramos unidos à vinha produzem frutos; separados, porém, só servem para ser atirados ao fogo.

3.º *A ironia* — faz entender o contrário daquilo que as palavras significam. Necessário é, especialmente em se falando de Deus, que os ouvintes compreendam a ironia claramente e que a entendam no seu sentido irônico.

4.º *A hipérbole* — existe quando, no temor de se não ser bem compreendido, emprega-se a exageração por meio de palavras que rebaixam ou elevam em demasia uma determinada coisa, ex.: quando o Senhor diz a Abraão: *Multiplícabo semen tuum sicut stellas caeli*. Seja-se bem sóbrio no uso da hipérbole!

5.º *A antonomásia* — quando em vez de se denominar uma coisa pelo nome que lhe é próprio, dá-se-lhe um outro, pelo qual se exprime a excelência de bondade ou o excesso de maldade, que existe em tal coisa, ex.: quando se apelida Lúcifer, o Soberbo, o Dragão. A antonomásia pode ser empregada de quatro maneiras diversas:

a) Atribuindo-se a um só, por qualquer qualidade particular, o nome comum a muitos, ex.: quando se chama S. Paulo o “Apóstolo”, a S. João Evangelista “o discípulo amado”;

b) atribuindo-se ao sujeito o nome específico da virtude ou do vício que lhe é próprio, ex.: chamar o glutão de “parasita”;

c) atribuindo-se à pessoa o nome do lugar, ex.: S. Agostinho “o doutor de Hipona” ou “o hiponense”;

d) atribuindo-se à pessoa uma de suas ações de evidência, ex.: S. Francisco Xavier, “o Apóstolo das Índias”.

6.º *A metonímia* — atribui o nome próprio de uma coisa à outra, por motivo de afinidade que as une:

a) a causa pelo efeito — ex.: *Habent Moisen et prophetas*”, entendendo-se os livros de Moisés e os dos profetas;

b) o efeito pela causa — ex.: “*Mors in olla*” fala-se do vaso, em vez das ervas venenosas que êle contém;

c) conteúdo pelo contido — ex.: *Praebe, fili mi, cor tuum mihi*, pede o amor contido no coração do homem...

b) Das figuras

Figuras são ornatos de palavras ou de pensamentos que sublimam o discurso, colocando-o acima da linguagem comum. Ocupar-nos-emos das figuras de palavras e das figuras de pensamentos:

a) *Figuras de palavras*:

Essas figuras podem ser: por adição, por subtração e por semelhança.

1.º Figuras de adição ou união

A *anáfora* — ou repetição da mesma palavra no comêço de uma sentença ou de diversos nomes no mesmo período, ex.: S. Ambrósio a falar de Débora — *Femina iudicavit, femina disposuit, femina prophetavit, femina triumphavit.*

A *epífora* — é a repetição dos mesmos têrmos ao final de uma frase, ex.: *Hebraei sunt? et ego. Semen sunt Abrahae? et ego. Israelitae sunt? et ego.*

Símplique ou *complexão* — que reúne a anáfora e epífora.

Anadiplose ou *conduplicação* — que repete um ou mais têrmos da frase que precede, ex.: êste trecho de S. Gregório: "*Quid miramur, fratres, Mariam venientem an Dominum suscipientem? Suscipientem dicam an trahentem? Sed melius dicam trahentem et suscipientem.* Se se repete a mesma palavra, chama-se *epi-reuse* — ex.: *Consolamini, consolamini, popule meus* (Is 40, 1). E quando se repete a última palavra da frase, a figura se confunde com a *anadiplose*, ex.: *Stantes erant pedes nostri, Jerusalem; Jerusalem, quae aedificatur ut civitas* (Sl 121).

Denomina-se *epanalepse* — quando a palavra que inicia uma frase é repetida no fim da frase seguinte, ex.: *Deus quis similis tibi? Ne taceas, ne comescaris, Deus.*

Políptoto — quando a mesma palavra é repetida em diferentes casos ou em diferentes lugares, ex.: *Notum, autem, vobis facio, fratres, evangelium quod praedicavit vobis, quod et accepistis, in quo et statis, per quod et salvamini* (1 Cor 1, 6).

Climax, ou gradação — quando a última palavra de uma frase é a primeira da seguinte e assim por diante, ex.: *Scientes quod tribulatio patientiam operatur, patientia tamen probationem, probatio vero spem, spes autem non confundit* (Rom 5, 5).

2.º Figuras de subtração

A *síntese*, ou disjunção — quando os membros ou palavras de uma oração não se ligam por conjunção, ex.: Salviano a falar de Davi penitente: *Indumenta deponit, purpura exuitur, diademate exoneratur, cultu, corde mutatur*.

Sinédoque — quando se omitem no discurso palavras que se subentendem no que se diz, ex.: tomando a parte pelo todo ou vice-versa, como em Is 13, 11: *Visitabo super orbis mala*, onde se entende em *orbis*, Babilônia.

Elipse, ou aposiopese — é uma interrupção do discurso, mas que deixa compreender o que se não disse, ex.: *Et anima mea turbata est valde, sed tu Domine, usquequo?* (Sl 6, 4). Subentende-se com S. Tomás: *Usquequo non exaudies et non dabis auxilium ut resurgam?*

Reuma — que faz referir diversos membros da frase a um só verbo, ex.: *Omnis amaritudo et ira et indignatio et clamor et blasphemia tollatur a vobis* (Ef 4, 31).

3.º Figuras de semelhança

Peranomase, ou aliteração — a repetição de um mesmo termo modificado a exprimir uma outra coisa, ex.: S. Agostinho falando do publicano: *Quid miraris si Deus ignoscit, quando ipse se agnoscit?* Também S. Ambrósio: *Fluctus est quidem maris, non fructus*.

Homocoptoto — *similiter cadens*, chamam-na os latinos, quando diversas palavras estão no mesmo caso ou verbos no mesmo tempo, ex.: *Discite bene facere, quaerite iudicium, subvenite oppresso, iudicate pupillo.*

Homoteleuto — *similiter desinens*, dos latinos, quando diversos membros de um período terminam com o mesmo sentido, ex.: *Considera pactum quod spondesti, conditionem qua accessisti, militiam cui nomen dedisti* (J. Crisóstomo).

Isolocolo, igualdade — quando os membros ou as partes de período têm quase o mesmo número de sílabas, ex.: *Occidere vitulos et jugulare arietes, comedere carnes et bibere vinum* (Is 22, 9).

Epanortose, ou correção — quando o orador, parecendo querer corrigir-se, acrescenta qualquer coisa mais própria a seu intento, ex.: *Magna pietas, thesaurizat pater filiis; imo magna vanitas, thesaurizat moriturus morituris* (S. Agost.).

Antítese — reúne no discurso termos contraditórios, ex.: esta passagem de S. Paulo (2 Cor 6, 8): *Per gloriam et ignobilitatem, per infamiam et bonam famam, ut seductores et veraces.*

b) Figuras de pensamento

Servem essas figuras, umas a ensinar, outras a agradecer e mais outras a mover.

1.º Figuras que servem para ensinar

A definição — desta já tratamos acima como também da seguinte figura.

A distribuição — das partes.

A *ocupação* ou *prolepse* — quando o orador prevê uma objeção e a resolve.

A *concessão*, ou *paromologia* — quando se faz uma concessão ao adversário, para dêle se obter o que se deseja e mais além, ex.: *Si peccare vis, quaere ubi Deus te non videat et fac quod vis* (S. Agost.).

A *suspensão* ou *hipomene* — quando se excita a curiosidade do ouvinte, deixando-o como que suspenso.

A *preterição* ou *paralepse* — quando o orador diz resumidamente o que êle protesta não querer dizer, ex.: *Omitto dicere, qui forte, dum vivis, thesaurizas furi* (S. Agost.).

O *paradoxo* — quando para engrandecer uma coisa diz-se algo que parece incrível, mas que é verdadeiro, ex.: *Audi ineffabile paradoxum: per non factum, sed genitum, omnia facta, sed non genita* (Orígenes).

2.º Figuras para agradar

A *apóstrofe* — ou *conversão* — quando o orador emocionado se dirige aos montes, aos animais, aos espíritos celestes.

A *hipotipose* ou *descrição* — quando o orador pinta ou descreve vivamente uma coisa.

A *prosopopéia* ou *conformação* — quando se faz falar um ente inanimado ou uma personagem ou um Santo. Mas nisso deve haver proporção, isso é, as expressões devem estar proporcionadas às pessoas que falam; não se pode pôr na bôca de um rei, de um sábio expressões atribuíveis a um homem do povo.

A *perífrase* — ou *circunlóquio* — quando para se evitar nomear determinada coisa inconve-

niente, empregam-se dizeres para a designar de maneira mais decente ou oportuna.

Dialogismo — quando se põem diversas pessoas a falar entre si; a falar um só, temos o monólogo, ex.: o filho pródigo em S. Luc. 15, 17: *Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus...*

3.º Figuras para mover

Interrogação ou erótese — quando se dirige a palavra a alguém, seja chamando-o, ex.: *Adam, ubi es?*; seja para lamentar, ex.: *Si Dominus ego sum, ubi est timor meus?* (Mal 1, 6); seja para repreender, ex.: *Quid invenerunt patres vestri iniquitatis in me, quia elongaverunt a me?* (Jer 11, 5).

Antifora — quando se faz a si mesmo ou a outro a pergunta e acrescenta-se a resposta, ex.: *Dic cui thesaurizas? Mihi, inquis.*

Efónese ou exclamação — quando se eleva a voz para excitar espanto ou outra emoção, ex.: Que loucura, pecador, levas aqui em baixo uma vida tão infeliz, para a teres depois ainda mais desgraçada no outro mundo!

Epifomene ou epifónese — espécie de exclamação depois de um fato narrado, ex.: citado o fato daquele jovem que, assistindo a um sacrificio que oferecia Alexandre, deixou-se queimar o braço para não perturbar a cerimônia, exclama Tertuliano: *Tanta in puero barbaro fuit disciplina reverentiae, ut naturam vinceret!*

Aporia ou hesitação — quando o orador fica como que suspenso, sem saber o que deva dizer.

Parresia ou licença — quando o orador anuncia qualquer coisa sem temer ser contestado.

Súplica — quando o orador, após haver movido os espíritos com razões, suplica aos ouvintes ponham em prática o que ouviram.

Comiseração — quando se demonstra pena e dó pela infelicidade alheia.

Repreensão — quando se repreende o auditório, o que, aliás, nunca deve ser feito com palavras irritantes.

4. Da memória — da pronúncia — do gesto

a) Da memória

A memória é um dom natural e aperfeiçoável na medida em que é cultivado. Notemos, todavia, que é um grande auxílio para a *memória local* notarem-se de modo especial, com letras maiúsculas ou com números, os pontos do sermão ou o comêço dos períodos mais extensos. E' de utilidade também fazer-se um resumo do sermão, nêle marcando de maneira distinta o comêço de certos períodos, das provas, etc. Dessa forma o pregador gozará da vantagem de se recordar de um ponto marcado, assim ou assim, se de um outro se estiver esquecido; não naufragará, pois saberá apegar-se a uma tábua e não será forçado a descer do púlpito, como tem acontecido a certos oradores.

b) Da pronúncia

Como as palavras exprimem a idéia, assim as modulações da voz dão a conhecer os diversos sentimentos da alma. O pregador há de falar com voz alta, às vêzes com voz moderada e baixa, depressa ou devagar, com doçura ou com majestade (p. ex. quando cita a Escritura), em tom de cólera ou de lamento. Muitos têm o defeito de aborrecer e fatigar o auditório, conser-

vando sempre o mesmo tom de voz, outros em arrastando as palavras, mais outros em as precipitando, outros ainda elevando ou abaixando excessivamente o tom da voz ou passando de um tom elevado a um baixíssimo...

Realmente, um dos melhores meios para prender a atenção dos ouvintes e lhes imprimir fortemente no espírito o que se lhes prega, é usar da variação de tons, porque, em se não modulando a voz, cai-se na monotonia e o ouvinte já não distingue suficientemente as coisas que ouve e que deveriam aliás ser apresentadas com maior ou menor calor ou doçura. Todavia, evitem-se as transições demasiado bruscas, porque isso causa sempre desordens.

O exórdio, ordinariamente, deve ser pronunciado em tom calmo, pausado. Na proposição e divisão a voz se eleve e seja clara e mais distinta; nas provas seja modulada na razão das mesmas de que o orador se ocupa; na peroração, na qual o orador procura mover, mostre-se êle mesmo comovido para poder conseguir excitar a paixão que deseja em seus ouvintes, p. ex., a cólera, o ódio requerem um tom impetuoso; a alegria, uma voz a vibrar; o arrependimento, um tom triste entrecortado de gemidos e suspiros.

Nas Missões, em especial, deve-se levantar a voz quando se propõem as reflexões morais, particularmente em se falando de vícios. Sirva-se aqui do *terceiro tom*, quer dizer, pronunciem-se as palavras com voz forte em lhes prolongando as penúltimas sílabas, especialmente nas últimas palavras dos membros de um período. E bom seria se empregasse êsse terceiro tom por vêzes e quando o assunto o permite, por

exemplo, em se tratando de ameaças e castigos, etc. E dizemos, por vêzes, porque se alguém o usasse com demasiada freqüência, como fazem alguns, não deixaria de aborrecer e, nesse caso, não faria mais impressão, dado os ouvintes se habituarem a isso.

c) Do gesto

E' preciso que se evite o gesto afetado ou demasiado uniforme a ponto de ser sempre o mesmo movimento; também o demais impetuoso numa excessiva movimentação do corpo, bracejando desordenadamente, agitando a cabeça e movendo os olhos...

Gesticula-se comumente com a direita e da esquerda se serve para designar um objeto situado à direita, ou para significar coisa disparatada ou oposta. As mãos não se ergam acima da cabeça, nem se estendam os braços demasiadamente, nem tampouco fiquem presos, assim que não ultrapassem a largura do peito; seria defeito igualmente ficar com as mãos sem movimento.

No exórdio, no primeiro período não se faz gesto, no segundo começam-se a movimentar *as mãos* e êsse movimento continue pelo resto do exórdio. E' conveniente que o pregador esteja de pé e no centro da cátedra. Enquanto gesticula a mão direita, se a esquerda está sem ação, repouse ela sôbre a borda do púlpito e nunca sôbre o peito. Evite-se igualmente colocarem-se as mãos aos flancos, de elevá-las em forma de cruz, de as pôr às costas, de as bater, de esmurrar o púlpito, a não se fazer isso raramente. Cuidar-se-á também de não soerguer a sobrepeliz, de bater com os pés, de se evitar

todo movimento desordenado do corpo, pois que, sob o nome de gesto, compreende-se não só o movimento das mãos, mas de todo corpo, especialmente os da cabeça e dos olhos.

O movimento da *cabeça* regula-se pelo das mãos, ela se voltará para o lado que gesticulam as mãos, exceto quando o pregador quer manifestar horror por alguma coisa, pois que para secundar sua intenção o pregador voltará a cabeça para o lado oposto ao gesto das mãos. E' defeito rodar a cabeça, agitá-la em demasia, tê-la muito levantada ou sempre baixa ou inclinada ou sempre direita e fixa.

Com respeito aos *olhos*, é defeito trazê-los fechados, sempre baixos ou sempre dirigidos para determinado lugar, especialmente se ali se acham mulheres, fazendo notar assim a preferência que dá a tal parte. O movimento dos olhos acompanhará os da cabeça.

A expressão do *rosto* há de variar conforme o assunto, deixando-se ver a tristeza nas coisas tristes, por exemplo, no terror, no remorso, seriedade nas coisas sérias, alegria nas alegres.

A postura do *corpo* seja modesta. E' permitido assentar-se; faça-se isso, porém, raramente. Permite-se também passar de um lado a outro do estrado, mas fazê-lo sem precipitação. Ordinariamente convém que o pregador se mantenha no centro do estrado para se fazer ouvido de todos, o que não impede, entretanto, de se passar de um lado a outro do estrado, tendo-se, todavia, o cuidado de não voltar as costas à parte oposta do auditório. E' defeito igualmente fazer contorsões e inclinar demasiadamente o corpo sôbre o púlpito. Em suma, o pregador representa a Pessoa de Jesus Cristo, por

quem fala; por isso sua linguagem, seus gestos, tudo nêles deve ser sério e conveniente ao ministro de Jesus. E note-se mais: quando o pregador tomar em mão o Crucifixo, não o deve agitar como se fôsse uma bandeira, como aliás muitos fazem, mas tomá-lo e apresentá-lo ao povo com seriedade e respeito.

5. Avisos sôbre sermões de Missão

Embora já tivéssemos chamado a atenção para diversas coisas referentes aos sermões de Missão, cremos útil, entretanto, resumir os principais avisos para que o pregador Missionário tenha-os aqui todos juntos. Indicaremos outros, ainda, que se referem especialmente ao modo de pregar nas Missões.

Quanto ao *fundo*, os sermões de Missão não devem trazer tantas citações em latim como as outras pregações. Comparai os do R. P. Segneri, grande mestre na arte de pregar, nêles encontrareis poucas passagens em latim, muitas reflexões práticas e morais. Citali parcamente as Escrituras, as citações sejam explicadas e medi-as bem. Vale mais citar um único texto bem explanado e do qual se tirem reflexões morais convenientes, do que amontoar citações, que mais serviriam para denunciar vaidade no pregador do que para instrução do povo. No que diz respeito às citações dos Santos Padres, sejam poucas, breves e engenhosas, quer dizer, próprias a explanar o assunto com gôsto e de maneira expressiva.

Desenvolvam-se as semelhanças com simplicidade, em têrmos comuns, sem, todavia, se descer de tal modo a desonrar o púlpito. Os exemplos poucos, dois ou três num sermão; não

devem ser muito longos nem sobrecarregados de minúcias de pequena importância. A reflexão moral deve ser forte, bem pormenorizada, porque nela está, como já dissemos, o fruto principal da Missão. Porém não se sobrecarreguem os sermões com uma série de reflexões, o que se poderia fazer apenas superficialmente, por exemplo, falar-se contra o ódio, contra o roubo, contra a impureza, a maledicência, etc., de uma só vez. É mais razoável combater firme e sem digressão um ou dois vícios dos mais generalizados, por exemplo, a blasfêmia, o ódio, o roubo, especialmente a impureza, que sendo os mais espalhados devem ser fustigados mais frequentemente nas pregações. E quando se tratarem vícios vergonhosos, há de se ter cuidado em usar de linguagem casta e castigada. Em as reflexões morais evitem-se referências particulares, a fim de que os que nelas se reconheçam não se sintam ofendidos e assim não somente nada aproveitem, como mesmo maior seria o prejuízo em se obstinando no mal. Finalmente, tenha-se o cuidado de se não censurarem sacerdotes ou religiosos, mesmo em geral.

Já deixamos tratado no cap. VII dêste opúsculo e na *Selva*, Instr. 4, n.º 4, como deve ser a elocução do sermão de Missão, com respeito à dignidade de estilo. Dissemos do modo de pensar do célebre Luís Muratori, o qual afirma que, em se falando perante um auditório, onde se encontrem iletrados, é preciso que o orador se exprima sempre em estilo simples e familiar; e que, sendo os ouvintes camponeses, sirva-se do estilo mais popular, sem descer a grosserias, a fim de que êsses pobres aldeões sejam instruídos e movidos, à sua maneira. Ademais, os

sermões de Missão admitem mais liberdade e menos encadeamento do que as pregações quaresmais ou dominicais; devem ser assim concisas as palavras que quem não compreendeu a primeira, entenda a segunda, e quem chegou atrasado possa pôr-se logo ao corrente do que diz o pregador. E isso não o conseguiriam as pessoas de pouca instrução, se o sermão fôsse demasiadamente concatenado, assim que quem não escutasse o primeiro período não pudesse compreender o segundo.

Para se ter um auditório sempre atento, é ótimo meio o emprêgo freqüente da *interrogação*, diz Muratori, e mais o uso da figura *antífora*, já descrita, pela qual o orador pergunta-se a si mesmo e a si mesmo dá a resposta. ex.: Dizei-me por que recaem tantas pessoas depois da Missão? E' porque não evitam as ocasiões de pecado. Ou: Que quer dizer o Espírito Santo com as palavras: *Desideria occidunt pigrum?* (Prov. 21, 25). Designa os que, dominados por maus hábitos, desejam sempre mudar de vida, mas não empregam os meios para isso. Ou: Oh! como é tocante o que afirma Jesus Cristo: *Eum qui venit ad me non ejiciam foras* (Jo 6, 37).

Bom meio também para chamar a atenção dos ouvintes e para lhes prender o espírito, é dizer-lhes por ex.: Peço agora vossa atenção para o seguinte... Ouvi bem essa reflexão de um sábio... etc. E' mister, entretanto, variar a forma de estilo para não enfadar o auditório. Para mover as paixões, pode-se recorrer, mesmo dentro do corpo do sermão, a *invocações*, ex.: Meu Deus, quantos infelizes não se condenaram por essa ilusão!... Ou: Senhor, como é possível suportardes êsses traidores que vos prome-

tem, prometem e... Ou: Virgem santa, alcançai luzes para êsses pobres cegos!... Deus de bondade, vós nos procurais para nos salvar e nós vos fugimos para nos condenar!... A *repetição pausada* de uma grande máxima é de efeito, ex.: Havemos de morrer, havemos de morrer; nisto nada poderemos mudar! — Também alguma *exclamação* importante, ex.: Maldito pecado! ó hora suprema da morte! eternamente feliz ou eternamente desgraçado!

Quanto às *modulações da voz*, evite-se o tom enfático dos panegiristas. Entendo aqui aquêles que pregam seus próprios louvores e não as glórias do Santo, porque também os panegiricos, afirma Muratori, devem ser feitos de maneira a produzir frutos de vida e não devem ser apenas um metralhar de palavras sonoras. Quando se trata de excitar temor ou fazer brotar compaixão, use-se o terceiro tom, como já ficou dito. Evite-se o arrebatamento no falar, a exemplo de certos Missionários, que correm assim o risco de romper uma veia ou de perder a voz, ao passo que os ouvintes se afadigam, sem resultado.

O que comove o auditório e prende a atenção é falar modulando a voz para mais baixo e para mais alto, sem saltos bruscos e excessivos. Aqui uma exclamação, ali uma pausa interrompida por um suspiro e coisas semelhantes.

Insistimos especialmente sôbre o *Ato de Contrição*, por ser a parte mais importante do sermão de Missão. O resultado do sermão se poderia dizer quase nulo se os ouvintes ficassem convencidos, sem todavia se sentirem tocados no coração e prontos a mudar de vida. Ora, é o ato de contrição que o há de levar a êsse pro-

pósito. De preferência a avisar o povo a que se ajoelhe, procure o pregador enternecer os ouvintes de maneira a se ajoelharem todos espontaneamente. Em todo caso, depois de ajoelhado o povo, antes de se mostrar o Crucifixo, faça todos repetirem: Senhor, misericórdia! Senhor, perdão! — Vindas as tochas e mostrando então o Crucifixo ao povo, incite-o a fazer dois ou três atos de contrição, propondo para cada um dêles um motivo diferente, a fim de que os ouvintes chorem seus pecados, não levados pela ocasião, mas tocados pela reflexão e por razões persuasivas. De outro modo, como fazem alguns Missionários, se o pregador se limita a gritar: Chora! arrependei-vos! pedi perdão! — sem aduzir motivos, o povo pôr-se-ia a chorar e a gritar, em vendo uns e outros a gritar e a chorar, mas sem saber o por quê; enfim, haveria muito barulho, mas nenhum proveito. Há de se ter cuidado para que não comecem as exclamações antes de serem propostos os motivos, a fim de que os ouvintes os ouçam e compreendam; a não ser assim, o pregador, falando no meio daquele barulhão, há de se esforçar debalde, exaurindo-se. Proporá o motivo quando estiver tudo tranqüilo e exortará o povo ao arrependimento e às lágrimas, ex.: Pecadores, dirigi-vos a Nosso Senhor, dizendo-lhe: Senhor, por que me tendes atendido até agora e suportado apesar de tantas ofensas contra vós? — E êle vos responderá: E' porque vos quero perdoar; arrependei-vos e eu vos perdorei... — Daremos mais logo alguns dêses motivos para comodidade do pregador. Proposto assim um motivo, o Missionário excitará os ouvintes, dizendo-lhes: Cora-

gem! pedi perdão a Deus! levantai vossas vozes e dizei com lágrimas: Senhor, eu vos ofendi, porém eu me arrependo, sinto-o profundamente . . .

O Missionário terminaria essa cerimônia otimamente se êle mesmo fizesse um ato de contrição formal, mais longo, convidando os ouvintes a repetir as palavras que lhes irá sugerindo. Primeiramente, voltado para o Crucifixo, fará um ato de amor seguido de um ato de esperança do perdão, baseado nos méritos de Jesus Cristo, e por fim um ato de atrição. E antes de formular o ato de dor, avisem-se os fiéis de o fazerem tendo em vista sua próxima confissão, pois — como afirmam vários autores com probabilidade — o ato de contrição, como matéria de Sacramento, deve ser feito com vistas à absolvição que se vai receber. Seguirá o bom propósito, firme, de não mais ofender a Deus, de se confessar quanto antes, de não ocultar nenhum pecado por motivo de vergonha na confissão que naquela noite mesma ou na manhã seguinte irá fazer. Aliás o pregador terá o cuidado de repetir sempre no começo, no decurso e no fim de cada sermão, que todos o escutem com intenção de se confessar quanto antes, à noite ainda ou na manhã seguinte; isso para que as confissões se não vão diferindo todas para o fim da Missão, o que iria causar confusões e produzir pouco fruto.

Ademais, quando se faz o bom propósito, após o ato de contrição, insinue-se uma resolução especial a respeito de determinada falta mais habitual, como: de não blasfemar mais, de restituir, de perdoar, de não faltar contra a castidade, sobretudo de fugir às ocasiões perigo-

sas; espalhar pelo sermão o aviso que o que não foge às más ocasiões não pode ser absolvido. E' bom que insista o pregador, e faça-o fortemente, sôbre êste ponto do bom propósito, dizendo, por ex.: Apressai-vos, decidi-vos a fazer aquilo que vos pede Nosso Senhor, apressai-vos! Quereis que Deus vos abandone e não vos decidis? apressai-vos, pois!...

Antes de se terminar um sermão, há de se exortar o povo a *recorrer a Maria*, para lhe pedir uma graça especial, como a da perseverança, a de uma boa morte, a do amor de Deus... etc. Pelo fim, ao se dar a bênção com o Crucifixo, sugira-se aos ouvintes que em a recebendo, digam por exemplo: Meu Deus, não me quero separar de vós; ou: Senhor, antes a morte que vos tornar a ofender. Senhor, não permitais que me separe de vós! Bastam os pecados passados, não vos quero ofender mais. Meu Deus, ofendi-vos no passado, daqui por diante quero amar-vos.

Terminado o sermão, o pregador não deve recomendar ao povo o rezar as Ave Marias pelos que o pediram, porquanto elas já devem ter sido recitadas antes do sermão, de outra forma essa recitação de Ave Marias só serviria para esfriar a compunção dos ouvintes. E' melhor se avisem as mulheres voltem para casa refletindo sôbre as palavras que acabaram de ouvir e os homens fiquem na igreja, a fim de acompanharem os Missionários que vão sair para as exortações.

Diversos motivos para o Ato de Contrição

1. Pecadores, afastai de vós, nesta noite, todo temor! Que temeríeis? Há quantos anos não

fugis de Deus e Deus não tem deixado de vos seguir... E hoje que quereis mudar de vida, que vos arrependeis das ofensas feitas ao Senhor, Deus vos há de abandonar? Eia, pois, arrependei-vos...

2. S. Agostinho afirma: Se um pobre pastor perde uma novilha, chora; êle chora ainda se perde uma ovelha, e não chorareis, perdendo a Deus, supremo bem?...

3. Meu irmão, Deus te procura para fazer as pazes contigo e tu não o quererias?...

4. Temeis acaso que Jesus Cristo vos repila? Não, atendei para o que êle diz no evangelho: *Eum qui venit ad me, non ejiciam foras* (Jo 6, 37). Não repelirei o que vier a mim cheio de arrependimento. Ouvistes? Apressai-vos, pois...

5. Oh! como Deus gosta de ver um pecador chorar suas faltas! Meu irmão, que de desgostos não causaste a Deus! Porém, agora dá-lhe êste consôlo e dize-lhe: Senhor, eu me arrependo de vos haver ofendido.

Tais são, pois, as regras da pregação; mas, de tôdas a primeira é a que o R. P. Ávila deu a um sacerdote que lha pediu para poder pregar bem: "Se queres pregar bem, ama Jesus Cristo." Pregiar bem é ter como finalidade, em todo sermão, converter os ouvintes a Deus e fazê-los pôr em prática o que se lhes prega; ora, é isso precisamente o que têm em vista os pregadores que amam a Deus.

A crônica dos Carmelos reformados por S. Teresa narra (Liv. 4, c. 17, n.º 21) que um Padre Carmelita, Fr. Julião de S. Paulo, bem que de poucas letras, tinha sempre um grande auditório, que êle convertia. Perguntados alguns dos ouvintes que era que êles achavam de

especial naquêlê pregador, que todo mundo vinha ouvir, responderam: "Nós o vamos escutar porque êle é um Santo: celebra a Missa entre lágrimas, come pouco, traz os olhos sempre baixos, está sempre em oração, só fala das coisas de Deus e de nosso progresso espiritual, de forma que fazemos o que êle nos diz." O P. Ávila tinha realmente razão para dizer que a regra mais importante para se bem pregar é: *Amar a Deus*.

Vários sermões de Missão

Além do sermão sôbre o *pecado mortal* — no qual se demonstre a malícia do pecado, que nos torna inimigos de Deus — e dos três sermões sôbre os Novíssimos: *morte, juízo e inferno*, que nunca devem ser omitidos, não se deixará de falar, ainda que fôra antes dos sermões sôbre os Novíssimos, sôbre a *Confissão*, procurando-se demonstrar a enormidade do sacrilégio e a ruína causada à alma pelo pecado de se calarem faltas graves, voluntariamente, na Confissão.

Imediatamente após o sermão sôbre o inferno, se pregará sôbre a SS. Virgem, dizendo da confiança que devemos depositar nessa divina mãe; da necessidade de recorrermos à sua intercessão para vencermos as tentações, para morrermos bem.

Não se há de omitir também o sermão sôbre a *oração*: isto é, sôbre a necessidade de recorrermos a Deus para obter a graça da perseverança e da eterna salvação. Indicar-se-á ao povo, nesse sermão, um método prático para se recomendar a Deus pela manhã e à noite, na Missa, na Comunhão, à visita ao SS. Sacramen-

to e à SS. Virgem, e especialmente nas tentações que nos venham perturbar. Esse sermão se fará em tôda Missão, porque sem oração não se poderá perseverar. E caso seja o tempo pouco, em Missões de curta duração, ao menos quando se fizer o sermão da bênção final, há de se discorrer extensamente sôbre a oração.

A escolha dos demais sermões depende do pregador, que os determinará segundo seus gostos e seu espírito. Poderão versar sôbre a misericórdia de Deus, os castigos espirituais e temporais do pecado, o chamamento de Deus, a importância da salvação, a pequenez dos bens e dos males dêste mundo em relação com os grandes males e sofrimentos eternos, o número dos pecados, o abandono de Deus (sermão muito útil para a perseverança dos pecadores convertidos), a impenitência final, o escândalo, a perseverança, sendo isso o assunto do último sermão da bênção papal.

6. Da oração mental

A oração mental é um dos exercícios mais úteis da Missão. As almas que deixam o pecado levadas tão somente pelo temor dos castigos divinos, terminada a Missão e dissipada a emoção, voltam facilmente a seus antigos vícios. Porém as que permanecem prêsas a Deus pelos laços do amor, perseveram sem dificuldade em sua conversão. Por isso, ousou dizer: o exercício da oração mental é muito útil, pois o que aí se tem em vista é proporcionarem-se meios de perseverança, de inflamar os ouvintes no amor a Jesus Cristo, trazendo-lhes à mente a sua Paixão e o amor de que nela nos deu prova. Causa realmente dó ver como a maioria dos

pregadores discorrem sôbre tudo, menos sôbre o amor a Jesus Cristo, não obstante tudo quanto o Salvador fêz e sofreu para obter nosso amor!... Porém voltemos a nosso assunto.

No último dia da Missão, antes do sermão do encerramento, e em lugar da pregação costumeira, faz-se o exercício da oração mental, o que será por três dias ou ao menos dois nos lugares pequenos. Em cada uma dessas noites o Missionário, durante meia hora, fará uma prática ou instrução, ensinando os meios para se levar uma vida cristã e, sobretudo, a maneira de se fazer a oração mental, demonstrando ser isso útil e até necessário a tôda pessoa que queira se conservar em estado de graça. Porquanto os cristãos conhecem bem os mistérios da fé, porém, como não refletem, não vivem também como devem. Ensine-se o modo de fazê-la facilmente, a fim de que todos a ela se dêem. Já expus o método para a oração mental na *Prática dos Confessores* (Apend. 4, § 3). Aliás todo o ensino a respeito reduz-se a isto: primeiro — colocar-se na presença de Deus: ato de humildade e pedido de luzes; depois — lê-se um ponto ou, se não se sabe ler, medita-se sôbre um dos Novísimos ou sôbre a Paixão de Nosso Senhor ou sôbre coisa semelhante; seguem-se atos de contrição, de amor, de confiança, súplicas, e tomam-se algumas boas resoluções.

Os Missionários pedirão ao Pároco cuide êle que seus paroquianos façam a meditação em comum, à noite ou pela manhã, durante a Missa, lendo-se um ponto que se biparte: leia-se a primeira parte no começo do santo Sacrifício e o segundo depois da consagração. Pre-

vina-se o povo e avisem-se os que não podem vir à igreja fazer a meditação com os outros, que devem supri-lo em suas casas mesmas, recolhendo-se aí no momento mais propício; os que, enfim, não tiverem tempo nem facilidade, façam-no ao menos no trabalho ou andando. Exortem-se os pais a mandarem seus filhos à igreja, a êsse exercício ou a fazê-lo em casa com todos da família, como já é costume entre alguns.

Terminada esta instrução, o pregador se ajoelhará e dará para a meditação um ponto de um mistério ou sôbre a Paixão de Jesus Cristo. Podem-se mesmo apresentar dois pontos de vez, como: flagelação e coroamento de espinhos; subida ao Calvário e crucifixão. O Missionário poderá servir-se aqui das considerações sôbre a Paixão, que ajuntei ao livrinho das Visitas ao SS. Sacramento.

Antes de se iniciar a meditação é bom se cante um cântico sôbre a Paixão, para melhor se disporem os ânimos à compreensão e ao amor, pois que na meditação não se falará de coisas que excitem o terror, mas as reflexões morais, os sentimentos devem tender todos à prática da virtude e especialmente a um amor verdadeiro a Jesus Cristo. O pregador dirá no comêço: "Eu vos não peço, nesta tarde, lágrimas de temor, mas, sim, de ternura e de amor"... Começará a meditação, preparando-a com os atos costumados de fé na presença real de Jesus no SS. Sacramento, ato de adoração, de humildade unido ao de contrição, pedido de luzes. E depois de haver recitado uma Ave Maria passará à meditação do mistério. Contém essa meditação quatro partes: representação, refle-

xão, afetos, e propósitos. A *representação* — é um quadro vivo, traçado ante os olhos dos ouvintes, do mistério em questão com as circunstâncias mais tocantes e mais salientes, por exemplo: “Imaginai-vos, meus irmãos, ver Jesus Cristo ligado à coluna, a cabeça inclinada, olhos baixos na expectativa dos suplícios que lhe preparam os algozes... Segue a *reflexão*, ex.: Considerai a dor de Jesus Cristo e sua confusão em se vendo tratado como escravo e lembrai-vos que sois pelos vossos pecados as causas dêsses sofrimentos do Salvador. Vêm os *afetos*: que brotam não só da compaixão por Jesus Cristo, ponto sôbre o qual os pregadores insistem muito, mas principalmente do ódio ao pecado e do amor para com êsse Senhor. Note-se que essa é a parte principal da meditação e que é aí que o Missionário deve prender-se. Dirá por exemplo: Repeti comigo: Eis-me aqui, ó bom Jesus, ensinai-me o que quereis que eu faça, estou pronto a executá-lo; a esta hora devia estar no inferno onde vos não poderia amar, mas ainda me é permitido amar-vos e eu o quero fazer. Ou: Alma cristã, não vês que Deus te chama a seu amor? agradece-lhe e diz: Meu Deus, como foi possível no passado ter sido eu tão ingrato convosco que me amastes tanto? O restante de minha vida quero empregá-lo todo a chorar os desgostos que vos dei e amar-vos com todo o meu coração. Pecados malditos, que fizestes? Obrigastes-me a ultrajar a meu Salvador, que quis morrer por meu amor. Meu Deus, dou-me todo a vós; aceitai-me, Senhor, porque vos não quero ofender mais... Enfim, o *propósito*, que é a resolução de pôr em prática os meios que a cada um são dados para

sua santificação. E' necessário dizer espaçadamente: Coragem, alma cristã, dá-te a Deus; não vês que Jesus Cristo te chama para seu amor? Não percebes que êle pretende teu amor? Não resistas mais! Êle quer que te apartes, que renunciés a êsses empecilhos... A Missão vai terminar, apressa-te na tua decisão! E verás com quantas graças Deus te presenteará, se ouvires sua voz. Apressa-te a dizer: Oh! sim, Jesus querido, quero fazer teu agrado, quero cumprir tua vontade; socorrei-me, dai-me vosso amor, nada mais desejo!...

Entremeie-se a meditação com outros atos de resolução, de agradecimento, de oferecimento, de resignação, súplica, solicitando especialmente a perseverança no amor de Deus. Finalizando, far-se-ão atos resumidos das virtudes teológicas, de fé, de esperança, de caridade, com ato de atrição, e o pregador procure demorar-se mais nesses dois últimos atos. Na primeira noite, quando se faz o ato de contrição, pode-se mostrar ao povo a imagem do *Ecce Homo*, na seguinte o Crucifixo.

7. Do sermão de encerramento

Depois das noites consagradas ao exercício da oração mental, faz-se o sermão do encerramento com a bênção papal. Sei que é costume de várias Congregações — e já foi também uso nosso êsse — de fazer antes tal sermão; porém, ensinou-nos a experiência que é melhor fazê-lo no encerramento com a bênção papal, porque, recebida a bênção, o povo se dispensa do exercício da oração mental, julgando terminada a Missão. Pelo contrário, enquanto durar a ex-

pectativa da bênção, todos virão espontaneamente a êsse exercício.

No dia da bênção não haverá mais instrução, mas recitar-se-á o Rosário, ao que os Missionários darão mais demora com narrações e reflexões morais. Antes de iniciar o sermão far-se-á uma curta procissão com o SS. Sacramento, formando nela apenas os sacerdotes. Dizemos, uma curta procissão, porque terá um breve percurso portas a fora. A porta dar-se-á a bênção tríplice com o SS. Sacramento: uma no centro e as outras duas para a direita uma e outra para a esquerda, abençoando os campos, e canta-se na ocasião: *Ut fructus terrae dare et conservare digneris, te rogamus, audi nos!*

Entra a procissão e, colocado o SS. sôbre o altar e velado, inicie-se o sermão. O assunto será a necessidade da perseverança para se conseguir a salvação. Indicar-se-ão os meios necessários a serem postos em prática para vencer os inimigos da salvação: o mundo, o demônio, e a carne. *Vence-se o mundo*: dominando-se o respeito humano. E' necessário falar-se extensamente sôbre o respeito humano, pois que muitos que se convertem na Missão e começam uma vida melhor, cedendo à influência do respeito humano, a temerem os sarcasmos, abandonam a vida cristã reiniciada, para voltarem a seus antigos hábitos. Avisar-se-ão os ouvintes, pondo-os de sobreguarda contra os ímpios, que, não praticando o bem, não o podem sofrer nos outros e daí as zombarias e as ironias. *Vence-se o demônio* e as tentações que êle sugere, em se recomendando a Deus na oração, e há de se repetir freqüentemente no sermão que no momento da tentação é preciso

solicitar o socorro de Jesus e de Maria, invocando-lhes os santos nomes. *Vence-se a carne*: a impureza, pela oração, pela fuga das ocasiões e aqui se falará sôbre as consequências funestas das más companhias e das relações fáceis entre pessoas de sexo diferente.

Como últimos avisos aconselhem-se: a frequência dos Sacramentos, a meditação cotidiana, a visita diária ao Santíssimo e à SS. Virgem; recomendem-se a recitação do têrço em família, a reza das três Ave Marias ao levantar-se e ao deitar-se, pedindo-se ao mesmo tempo a perseverança; insinuem-se o jejum aos sábados; confessar-se e comungar nas festas da SS. Virgem; a recitação do Ángelus e às três horas, ao bater do sino, três P. N. e três A. M. em memória da agonia de Nosso Senhor Jesus Cristo. Recomende-se ainda o belo costume de se anunciar, com sete badaladas no sino grande, a agonia de alguém que esteja à morte e então recitar-se 7 P. N. e 7 A. M. pelo moribundo. Salutar costume êsse, não sômente proveitoso ao moribundo, mas também porque é um lembrete a todos de que a morte virá para cada um. Enfim, lembrar a recitação do ato de contrição cada noite.

Terminados êsses avisos, fará ajoelhar os seus ouvintes e dirá: Eia, pois, a Missão está terminada; mas quero, antes de partir, deixar-vos sob a proteção de Maria. Repeti comigo: Rainha, advogada e esperança nossa, minha Mãe, eu mereceria ser afastado de vossa presença, mas, sabendo que sois Mãe de misericórdia e que não repelis ninguém que venha a vós, coloco-me sob vossa proteção. Prometo amar-vos e servir-vos de ora em diante e fazer os

possíveis esforços para que também os outros vos amem. Prometo-vos que, no momento em que me sentir tentado a ofender a Deus, a vós recorrerei, dizendo-vos: Minha Mãe, socorrei-me! E vós, Senhora minha, ajudai-me nas tentações e nos perigos em que me encontrar de perder a graça de Deus. Especialmente, ó terna Mãe, não me abandoneis na hora da morte; assisti-me então com vossa proteção e salvai-me! Protesto que quero viver e morrer sob vosso auxílio.

A despedida

Terminada a prece, o pregador antes de dar a bênção fará a despedida ao povo da seguinte forma: Está, pois, encerrada a Santa Missão. Antes, porém, de partir quero, meus irmãos, que perdoeis desgostos que involuntariamente possa ter causado com minhas palavras a algum de vós. Posso garantir-vos, entretanto, que sempre tive a intenção de falar em geral sem querer melindrar quem quer que fôsse em particular. Tudo quanto em minhas palavras ou atos pôde parecer duro ou severo, não se dirigia a vós, mas contra os vícios, porquanto vos queria todos salvos. Aliás, se ultrapassei os limites, se vos causei aborrecimento, se acaso fui demasiado em reprimendas e se, por minha culpa, causei vosso afastamento da Missão, rogo-vos me perdoeis e de vossa parte pedi a Jesus Cristo que me perdoe também.

Agradeço-vos o comparecimento nesses dias de Missão e a obediência que me haveis testemunhado. Bendigo os suores, as fadigas experimentadas no decorrer da Missão, e a Deus os ofereço todos para vossa salvação eterna. Posso vos garantir que estaria pronto a dar minha

vida em favor de cada um de vós, se êsse sacrificio fôra necessário para a salvação sua e para nos encontrarmos todos um dia no paraíso.

Parto contente ante o grande bem que se realizou nesta Missão. Um só pensamento me aflige: quem sabe se dentre vós há alguém que, apesar da Missão, se obstina em continuar a viver na inimizade com Deus! Mas, pecador, se tal se encontra entre vós, preciso que saibas que, se a Missão está encerrada, a misericórdia de Deus a teu respeito não se esgotou. Não desesperes; se queres ainda fazer as pazes com Deus, é tempo, pede perdão e serás perdoado. Eis aqui (mostrando o Crucifixo), eis aqui Jesus que te chama, êle tem os braços abertos para te acolher e para te perdoar. Dizei todos: Senhor, espero que vós já me haveis perdoado, mas se por culpa minha ainda não foi dado o perdão, concedei-mo agora neste último dia da Missão, porquanto, ó Deus, Bondade infinita, eu me arrependo de vos haver ofendido... Porém, tranquilizai-vos, meus irmãos, eu espero que Deus vos tenha perdoado a todos; o que deveis fazer agora para serdes salvos é manter-vos firmes na graça de Deus, porque, se tornardes a trai-lo após a Missão, temo grandemente que êle vos abandone. Coragem! Tomai uma resolução firme, se ainda o não fizestes; cristãos, proponde-vos hoje renunciar o mundo. Que bem vos adveio de tantos pecados cometidos? Eia, pois, dai-vos a Deus, começai a amar a êsse Deus que tem usado convosco de tanta misericórdia e que tanto vos ama, como eu o creio. Não percais todos êsses bens que ganhastes nos dias da Santa Missão.

Meus irmãos, eu parto, mas eu vos deixo êste Deus (mostrando o Crucifixo); consistam vossas delícias em o amar. Parto e vos deixo êste excelente Amigo que vos ama bem mais que outro qualquer, do que um parente, do que vosso irmão e mesmo mais do que vossos pais, mais que qualquer outra pessoa no mundo. Senhoras, casadas ou não, parto, mas deixo em vossos corações êsse Deus que vos amou a ponto de morrer por vós; abraçai-o, cercai-o com vosso amor! A todos vós me dirijo, almas redimidas por Jesus Cristo; não ofendais daqui por diante êsse Deus tão bom! Que dizeis? Haveis de ofendê-lo ainda? Oh! seguramente, nunca mais! E como o direis? elevai vossa voz: Meu Deus, nunca mais, antes morrer mil vêzes que perder vossa graça! Levantai vossas mãos e prometei a Jesus que nunca mais o ofendereis. Vou dar-vos a bênção, porém prometamo-nos mutuamente: vós rezareis por mim e eu diâriamente vos recomendarei no santo sacrifício da Missa; rezareis por mim cotidianamente três Ave Marias, depois de recitado vosso têrço. E quando a vós chegar a noticia de minha morte, eu vo-lo rogo, comungai pelo repouso de minha alma!

A bênção papal

Ao terminar êste dia, na qualidade de ministro de Jesus Cristo, embora indigno, em nome da SS. Trindade, em nome do Pai que vos criou, em nome do Filho que vos remiu, em nome do Espírito Santo que vos ilumina, em nome da SS. Virgem Imaculada, em nome de S. José, de S. Miguel Arcanjo, dos vossos Anjos da Guarda, de todos os vossos Santos Patronos, de todos os Santos e Anjos do paraíso, eu vos aben-

ção a todos. Não ousou abençoar vosso Bispo, a ele compete abençoar-me, somente peço a Deus o queira abençoar e torná-lo cada vez mais santo. E vós, meus irmãos, recomendai-o a Deus porque tendes o dever de gratidão, sendo que ele não deseja senão o vosso bem. Não ousou outrossim abençoar o Revmo. Vigário Geral, os senhores Cônegos, vosso respeitável Pároco, os sacerdotes, seus dignos Coadjuutores; peço a Jesus que os abençoe! Senhor Pároco, eis aí vosso rebanho, nós o deixamos na paz com Deus; continuai a mantê-lo nessa união a fim de que possais apresentar vossas ovelhas a Jesus dignas da salvação, no dia do julgamento. Abenção, na minha qualidade de sacerdote, as Autoridades civis, os Superiores das Congregações, a todos os que na Missão nos trataram com benevolência, ou conosco não se simpatizaram.

A vós, meus irmãos, agora vos abençôo em nome de Jesus; abençôo vossa alma e vosso corpo. Abençôo vosso corpo com todos os seus sentidos; abençôo vossos olhos, para que, em os guardando modestos, não os lanceis sobre nenhum objeto que vos possa induzir à tentação, eu os abençôo (faz o sinal com o Crucifixo); abençôo vossos ouvidos, para que eles estejam fechados às coisas que ofendam a Deus; abençôo vossa boca para que ela não profira blasfêmias, imprecações ou palavras desonestas e canções lascivas (nova bênção com o Crucifixo); abençôo vossos pés para que, quando vos seja possível, venhais à igreja para a oração mental, para a visita ao SS. Sacramento e à SS. Virgem; abençôo vossas mãos — elevai vossas mãos, ó jovens, para que eu as abençoe (sinal com o Crucifixo para o lado dos homens). Abençôo

vossos filhos, para que dêes façais uns Santos e um dia possai estar todos no céu. Abençôo todos os vossos parentes, que não puderam vir à igreja. Abençôo vossas terras para que produzam frutos com abundância (dará uma bênção com a cruz para a direita e para a esquerda, visando os campos). Abençôo os vossos negócios todos, vossas posseis, vossas criações, vossas esperanças. Meus irmãos, mantende-vos bem com Deus Nosso Senhor e êle vos cumulará de bens espirituais e temporais. Em resumo, abençôo o pão que comeis; a terra sôbre que andais, o ar que respirais, quero compreender tudo nesta minha bênção.

Porém, acima de tudo, abençôo vossa alma, esta alma que é o preço do Sangue de Jesus. Abençôo a alma e tôdas as suas potências: a memória, a inteligência e a vontade; a memória para que guardéis uma perpétua lembrança das graças tôdas que Deus vos outorgou nesta Missão e especialmente nesta igreja. Quando virdes êste púlpito de onde Deus vos falou, êste altar onde comungastes, êsses confessionários onde Cristo vos perdoou, recordai-vos então de tôdas essas graças que recebestes e sêde reconhecidos. Abençôo vossa inteligência para que façais diâriamente a oração mental, para que penseis muitas vêzes em Deus, que pensa continuamente na vossa felicidade. Abençôo de modo especial vossa vontade para que ameis a Deus, que tanto vos ama e que merece todo vosso amor. Abençôo todos os passos que destes para vir à igreja a ouvirdes a palavra de Deus, tôdas as Confissões e Comunhões que fizestes, tôdas as lágrimas que derramastes durante a

Missão, tôdas as boas resoluções e promessas feitas a Jesus Cristo para serdes fiéis a elas.

E antes de vos dar a derradeira bênção, pedi à SS. Virgem que ela vos abençoe do alto do céu e conjurai-a que vos faça abençoar por seu divino Filho. Recebei agora a bênção papal: Senhor Jesus Cristo, como abençôo êste povo na terra, abençoai-o do alto do céu e perdoai-lhe os pecados! E vós, meus irmãos, renovai o arrependimento sôbre tôdas as vossas faltas mortais e veniais, a fim de que vos possa dar agora a indulgência plenária de todos os vossos pecados. E dissei, enquanto vos dou a bênção: Senhor, arrependo-me de tôdas as ofensas que vos tenho feito; de ora em diante vos quero amar. (Dará a bênção papal com o Crucifixo, pronunciando em voz alta, devagar, as palavras: *Benedictio Dei Omnipotentis...* e avisará a seguir): Enquanto se canta o *Te Deum* dissei 5 P. N. e 5 A. M. e 5 G. P. para ganhar a indulgência, segundo as intenções do Sumo Pontífice. Vai-se cantar o *Te Deum* e sabei-o que é para agradecer a Deus as graças que êle vos fez na Missão, e enquanto os Padres o cantam, agradecei a Deus tôdas as graças que dêle recebestes. Descobre-se o SS. Sacramento, o pregador, do púlpito, entoa o *Te Deum*, e o Clero, reunido diante do altar, o continua; voltando-se para o povo: Eis Jesus Cristo, agradecei-lhe com lágrimas e prometei-lhe que haveis de vos santificar.

Depois do *Te Deum* e das preces prescritas pelo Ritual, o celebrante, que deve ser um Missionário, recitará cinco orações: A primeira, a oração de ação de graças: *Deus cujus misericordiae non est numerus...* a segunda, a da

SS. Virgem: *Concede nos famulos tuos...*; a terceira, a do Patrono da igreja; a quarta, pelo Soberano Pontífice, e a quinta, pelo chefe do Estado. Segue-se o *Tantum ergo* com os incensamentos de rubrica, o versículo *Panem de caelo* e a oração *Deus qui nobis sub sacramento...* O diácono tomará o SS. e o dará ao celebrante. O Padre, voltando-se para o povo, sustém o Sacramento e o pregador, do altar, dirá: Irmãos meus, eu vos abençoei com o Crucifixo, mas Jesus vai agora abençoar-vos êle, realmente presente no SS. Sacramento. Ei-lo, reanimai vossa fé, pedi-lhe que um dia estejais todos reunidos no paraíso, como o estais agora aqui nesta igreja. Mas quem é que vai para o paraíso? Aquêlo que ama a Deus. Dizei, pois, a Jesus enquanto êle vos abençoa: Jesus Cristo, meu Senhor, eu não quero deixar de vos amar... Abençoai-os, Senhor! Que ressoe o órgão, que os sinos badalem, e vós clamai com lágrimas: Jesus, meu Salvador!...

8. Várias outras observações

a) Cerimônias no fim de alguns sermões

Flagelação. — Terminado o ato de contrição, o pregador bater-se-á duas ou três vêzes com uma corda, não com a cadeia, porque, se a cadeia fôr de anéis maciços prejudicará ao pregador, que, no ardor do zêlo, se flagelará sem discricção; porém, se ela fôr de anéis frágeis, hão de notar todos que faz muito barulho, mas causará pouca dor... Nos últimos dois ou três dias tomando da corda se flagelará por bom espaço de tempo, para que não pareça aquilo apenas simulação. Evitará, entretanto, amarrar a corda ao pescoço como que querendo estran-

gular-se, como o fazem alguns, pois que percebem todos que aquilo não passa de pura simulação. Terá o pregador o cuidado de avisar antes de se flagelar que se não impõe aquela penitência por causa de seus pecados, assim o dizem alguns, mas para obter de Deus o perdão para algum obstinado que ali se encontre na igreja.

A caveira. — No *sermão da morte*, antes do ato de contrição, o pregador costuma apresentar ao povo uma *caveira*. Interpela-a nestes termos: Caveira, dize-me, onde pára hoje a alma que te animou? Está no paraíso ou no inferno? Dize-me, no dia do julgamento hei de te ver coroadada de estrélas, ou terás em volta chamas e serpentes?... Dize-me, fôste uma cabeça de homem ou de mulher? Se és a caveira de um homem, fala-me agora: que foi feito dos teus projetos de fortuna, de ambição?... Onde o teu orgulho, tu que nunca pretendias ceder passo a ninguém? Se és a caveira de uma mulher, onde tua beleza, que foi feito dos teus lindos cabelos? Oh! os vermes os consumiram! E teus olhos fascinantes? serviram de pasto aos vermes!... Onde tua língua com que modulaste tão belas e voluptuosas melodias? Os mesmos vermes a devoraram. Envaidecias-te de tua formosura, eis-te aí agora horrenda a fazer mêdo!... — E o pregador, dirigindo-se então ao povo, dirá: Meus irmãos, o que aconteceu a esta caveira, a nós nos sucederá também um dia. Não poderemos fugir, morreremos, morreremos! — Faça-se a seguir a introdução para o ato de contrição.

A figura do condenado. — No *sermão do inferno* apresenta-se a figura de uma pessoa con-

denada. Acontece na Missão que pecadores empedernidos, insensíveis a tôdas as pregações, ficam de tal modo comovidos à vista dêsse quadro, que se convertem. Esta cerimônia faz-se assim: o pregador, após recitado o ato de contrição, ajunta: Eu vos falei hoje sôbre o inferno, mas que foi que vos fiz conhecer do inferno? Nada. Sômente o conhece de fato quem experimenta seus tormentos. Oh! se uma daquelas almas condenadas pudesse vir para vos falar o que seja o inferno!... Pelo menos, pecadores, permiti que vos mostre a representação de um condenado para que êle vos fale por minha bôca. Ei-la: Pecador, contempla êste quadro e vê aqui o que deverias ser, por causa de teus pecados!... O quadro será levado por um Missionário, mantido alto, uns três metros, e precedido por dois outros Missionários, que carregam dois grandes tocheiros e terão cuidado para os manter baixos e distantes do quadro, a fim de que a fumaça não impeça uma visão clara do mesmo. O Missionário porta-quadro caminhará por entre o povo desde o altar-mor até à porta de saída, parando várias vêzes, rodará lentamente o quadro para tôdas as direções e por fim o levará ao pregador que o exhibirá do alto do púlpito. Ficarà aqui exposto o quadro até à tarde seguinte. Toma o pregador o Crucifixo e dá a bênção.

Estátua da SS. Virgem. — Uma das cerimônias mais tocantes é a que se realiza, levando processionalmente à igreja uma estátua da SS. Virgem, no fim do sermão. Faz-se assim: A estátua fica exposta tôdas as noites; porém nesse dia ela sai da igreja. Logo a seguir-se ao ato de contrição (já deve estar tudo prepara-

do), abre-se a porta da igreja e os sacerdotes vestidos de sobrepeliz carregam num andor a estátua da Virgem; passando por entre os fiéis, vão colocá-la no lugar acostumado, junto do púlpito.

Procissão da disciplina. — E' também útil que todos os Missionários façam numa noite uma procissão em hábito de penitência, cobertos de cinza, corda ao pescoço. Entram processionalmente pela porta grande e fazem a disciplina no meio da igreja. Em outra noite os Padres do lugar poderão fazer uma procissão idêntica.

Ato de reconciliação. — Pode-se igualmente e bem a propósito, depois do sermão e do ato de contrição, convidar o povo a fazer o ato de reconciliação geral, abraçando-se os homens entre si e também as mulheres umas às outras. Porém, antes de se chegar ao ósculo da paz, o pregador fará que todos se levantem e avisará que durante a cerimônia da reconciliação geral as moças se dirijam às suas mães e os rapazes a seus pais a lhes pedir perdão, e que as pessoas que receberam ofensas procurem as que as ofenderam. Cuidarão os Missionários que durante a cerimônia os homens estejam separados das mulheres, para que não haja desordem alguma. Se acaso o povo parece pouco disposto, é bom chamem-se os Missionários para o exortar e mover.

b) O Cruzeiro

Nenhuma cerimônia é mais tocante do que a da ereção do Cruzeiro. Far-se-á da seguinte forma: Depois do último exercício de oração mental, o pregador avisará que vai ser feita a ereção de um Cruzeiro, como lembrança da

Paixão de Jesus Cristo e como recordação da Missão. As pessoas que visitarem o dito Cruzeiro ganharão dez mil anos de indulgência, recitando 5 P. N., 5 A. M. em louvor da Paixão de Nosso Senhor e das dôres de Nossa Senhora (App. p. Viva in append. jubil. in calc. trutinæ § ult.). Depois da meditação sairão os Missionários de detrás do altar-mor, carregando cada um uma cruz, enfileirando-se um após outro, cada cruz com dois tocheiros ao lado. Chegados ao local da ereção das cruzes, aí serão elas colocadas, fazendo-se um sermão à medida que forem plantadas.

O pregador terá o cuidado de avisar, ao sair a procissão da igreja, que os homens saiam primeiro e a seguir as mulheres, para evitar assim se misturem uns com os outros. Durante a prática, no levantamento das cruzes, vigiem os Missionários que os dois sexos fiquem separados, a fim de que não resulte nenhum inconveniente, visto que essa cerimônia se realiza geralmente à noite.

As práticas serão bem curtas, incendiarão o fervor sem aborrecer o povo. Haverá cinco cruzes e portanto cinco práticas, recordando os cinco mistérios principais da Paixão, os mesmos do têrço doloroso: a oração ou agonia do Hôrto das Oliveiras, a flagelação, o coroamento de espinhos, o caminho do Calvário e a crucifixão. — Cada prática terá estas três partes: a exposição do mistério, a indicação da graça que se pede, e a prece. Expõe-se, pois, primeiro o mistério que se quer recordado com a ereção daquela cruz; a seguir indica-se a graça que deverá pedir, pelos méritos de Jesus Cristo, quem visita essa cruz, segundo o mistério que

ela lembra, por exemplo, a oração no Hôrto: pede-se o perdão dos pecados; a flagelação: a virtude da castidade; o coroamento de espinhos: a vitória sôbre os maus pensamentos; a subida ao Calvário: a paciência nas aflições; a crucifixão: a santa perseverança. — Ao levantar-se cada cruz pedir-se-á a graça própria do mistério. Ao terminar cada uma das práticas, um Missionário entoará um cântico.

Exemplo da primeira prática

O que distingue a primeira prática das demais é que ela deve ter uma curta introdução, à qual se hão de seguir as outras três partes que indicamos.

Introdução. — Meus irmãos, eis-nos chegados ao fim da Missão. Em a terminando, quero chamar vossa atenção para o quanto sofreu por vós Jesus Cristo. E' preciso vos não esqueçais do amor que o nosso divino Salvador vos testemunhou na sua Paixão, nem das graças que êle vos fêz nesta Missão, nem das promessas que lhe fizestes, e por isso iremos erigir essas cruces.

Exposição do mistério. — A primeira cruz é erigida para lembrar o suor de sangue de Jesus Cristo na sua oração no Horto das Oliveiras. E quando aqui vierdes visitar esta cruz, rezai um P. N. e uma A. M., recordando-vos do suor de Sangue, da agonia que sofreu Jesus no Jardim das Oliveiras, pensando na vossa ingratidão...

Indicação da graça. — Pelos méritos dêsse Jesus que sofreu no Jardim das Oliveiras, supplicai ao Padre Eterno uma grande dor dos vossos pecados e o perdão dêles...

Pedido de graça. — Eia, pois, comecemos de hoje! — Erguei essa cruz — ajoelhai todos. Adoremos a Cruz e digamos: S. Cruz, nós vos adoramos, lembrando-nos do suor de Sangue e da agonia de Jesus no Hôrto das Oliveiras, e vós, Eterno Pai, pelos méritos dêsses sofrimentos de vosso Filho amado, dai-nos uma grande dor dos nossos pecados e o perdão de tôdas as ofensas que vos fizemos...

Entoa-se o cântico. E dessa forma se farão as outras práticas para a plantação das demais cruzes.

c) A situação do auditório e do púlpito

Deve merecer especial cuidado do Superior da Missão a colocação do auditório e do púlpito, porquanto dependerá disso o sucesso da Missão. O auditório deve estar disposto da seguinte maneira: as mulheres sejam colocadas de face para o púlpito, na parte superior da igreja, isso é, mais próximas do altar-mor; os homens terão lugar na parte da igreja, que se avizinha da porta, porém, não devem estar assim tão longe do púlpito, que não ouçam o pregador, porque do contrário as palavras do Missionário lhes não fariam impressão, parecendo que a êles não fôsem dirigidas. Por isso é preciso que o púlpito seja colocado de forma a ficar no centro ou quase no centro, entre os homens e as mulheres. E' êsse o motivo por que em nossas Missões usamos de púlpitos portáteis, que podem ser colocados facilmente no centro das igrejas e cujo exterior modesto con-diz aliás com o estilo familiar da Missão. Nos lugares, porém, de grande população, ou onde são grandes as igrejas, especialmente se são elas

muito longas, os púlpitos portáteis são incômodos, dada a sua pouca altura, e assim o pregador não pode ser visto e ouvido com facilidade, de sorte que se use então do púlpito da igreja.

Por meio de bancos ou de uma armação, procure-se separar os homens das mulheres, o quanto necessário, de maneira que as mulheres não possam ser vistas.

Nas nossas Missões não se faz a exposição diária do SS. Sacramento, mas somente por ocasião do sermão do encerramento e da bênção papal.

Ao lado do púlpito, expõe-se uma grande estátua da SS. Virgem, assim que o pedestal da estátua esteja quase à altura do púlpito.

d) A hora do grande sermão

Alguns Senhores Párocos querem que o sermão esteja terminado antes do entardecer, pretendendo que resultariam escândalos se êle terminasse à noite! Há nisso, porém, um prejuízo e um erro, mesmo em se tratando de Missões. Nas Missões, realmente, o auditório, especialmente o das povoações, compõe-se na sua maioria de pessoas que vivem do seu trabalho jornalheiro e que dêle necessitam para o sustento da vida. Se o sermão fôr feito muito cedo, a êle assistirão apenas os padres, algumas pessoas abastadas e um pequeno número de mulheres devotas que podem deixar suas ocupações caseiras; porém a maior parte, os homens principalmente, que mais necessidade teriam da pregação, lá não estariam. Poderão vir apenas nos dias de festa, no dia do encerramento e bênção e isso de nada lhes há de aproveitar,

porquanto estarão insensíveis, não tendo tido ocasião de ouvir as pregações. Demais não terão recebido a absolvição e assim permanecerão no seu estado criminoso anterior e a Missão nesse caso é de todo perdida. Sei de experiência isso, porquanto se deu tal coisa em certo lugar, onde os sermões estavam já terminados quando os homens voltavam do campo. E certo é que o melhor fruto de uma Missão é a conversão dos homens, pois que, se êles permanecem nos seus pecados, também as mulheres nisso ficarão, imitando-os.

Objeta-se, entretanto, que, em se fazendo a Missão à noite, surgirão não poucos inconvenientes. Ora, sabe tôda pessoa que *non sunt facienda mala*, porém não está dito que *non sunt permittenda mala, ut eveniant bona*. Por vêzes será útil permitir-se um pouco de mal para que se não negligencie o bem, especialmente se se trata de bem geral. De outra forma ter-se-iam que evitar todos os inconvenientes que se podem produzir nos exercícios de devoção, quer dizer haviam de se abolir tôdas as festas na Igreja, tôdas as procissões, a exposição do Santíssimo, as Confissões e Comunhões, porque nesses exercícios podem sobrevir inconvenientes. ... A Igreja, porém, os permite para não pôr obstáculos ao bem comum. Ademais, posso responder que êsses tais supostos escândalos ocorrem raramente nas Missões; nessas ocasiões o povo está mais prêso; os maus se abtêm de suas más ações para não passar por homens sem fé e o fazem também, ao menos, porque presumem que não teriam nenhum sucesso junto das pessoas que quereriam tentar. Senhor Deus! os ímpios e mal-intencionados têm tan-

tas ocasiões e meios para praticar o mal e se há de querer que êles só o façam no tempo da Missão e por meio da Missão!... Acrescentamos que com respeito aos escândalos, que dizem respeito à castidade, ainda menor será a possibilidade moral, porquanto o recinto da igreja estará muito bem iluminado por muitas luzes, (há de se cuidar de boa iluminação à noite), e cheia de espectadores; nas ruas as mulheres vão sempre acompanhadas de outras pessoas e isso não permitiria o menor escândalo, sem uma repulsa.

Mas, de acôrdo que houvesse algum escândalo por vez, em certos lugares, que mal seria maior: permitir um dêsses raros inconvenientes ou deixar a região no estado em que se encontra, com os mesmos pecados, nas mesmas práticas perigosas, nos mesmos vícios, nos mesmos sacrilégios, nos mesmos escândalos? Eu não compreendo o zêlo daqueles que, temendo alguns raros inconvenientes e que difficilmente se darão, querem impedir o proveito certo da Missão, tirando ao povo a facilidade de ouvir o sermão.

Na primavera, quando os dias são longos, é possível ainda fazer-se o sermão de dia. Porém, no inverno é impossível o bom êxito de uma Missão, se o sermão termina lá pelas cinco horas. Nessa época do ano êle só deve começar às quatro horas depois do meio-dia e, caso haja habitações algo distantes, não deve ser iniciado senão às cinco horas, e talvez mais tarde.

CAPÍTULO VIII

DE OUTROS EXERCÍCIOS DA MISSÃO

1. Da meditação da manhã

No decorrer da Missão, pela manhãzinha, antes do nascer do dia, far-se-á uma meditação, para cômodo dos trabalhadores que devem estar cedo em seu labor. Não se trata aqui daquela espécie de meditação que fazem comumente e diariamente as pessoas devotas ou as Comunidades, mas daquela que se faz na Missão e que na substância é composta das mesmas partes de um sermão. Há apenas essa diferença: o estilo é mais modesto e mais animado, há menos sentenças e provas, é mais breve. O sermão dura ordinariamente uma hora e um quarto, incluído o ato de contrição; a meditação não deve ir além de três quartos de hora. As partes da meditação: o exórdio com a preposição, a preparação e as provas seguidas de reflexões morais, de máximas práticas e enfim do ato de contrição com o propósito firme. Nisso se há de observar o que já deixamos dito no cap. VII, § 2, quando falamos do sermão. Com respeito à preparação para a meditação, diferenciando-se do sermão, veja-se o que ficou tratado sobre a oração mental no mesmo capítulo, § 6.

Note-se que em cidades de maior população, e em dias em que haja grande concurso de fiéis à igreja, além da meditação, far-se-á pela manhã um outro sermão, especialmente em dias de festa.

2. Conferência a associados

Meio utilíssimo para fazer andar os homens em bom caminho, é emprazá-los a freqüentar qualquer confraria ou congregação, na qual haja um diretor espiritual, que lhes faça um sermão aos domingos e os ouça em confissão. Os Missionários procurarão esforçadamente persuadir os homens a darem seus nomes a uma associação e o pregador os exortará a isso de modo muito especial. Assim, em certa noite, após o sermão, chamar-se-ão aquêles que querem entrar para a associação, para dar os seus nomes e o Missionário mesmo os inscreva, ali na igreja. Depois, será bem que o mesmo pregador ou outro Missionário vá à capela ou local onde se reuna a associação, na manhã de um dia de festa e lhes faça um sermão especial. Ter-se-á cuidado de avisar a reunião na noite antecedente. A finalidade desta pregação será fazer conhecer o grande bem que resulta da freqüência das associações religiosas, principalmente daquelas que são dedicadas à SS. Mãe de Deus.

EXEMPLO DE UM TAL SERMAO

Venerunt autem omnia bona pariter cum illa (Sab 7, 11). Na Antiga Lei, o dilúvio afogou todos os homens e apenas oito pessoas se puderam salvar na arca. Em nossos dias assola a terra não um dilúvio de água, mas de pecados e poucos são os que se salvam e falo principalmente da gente do mundo. Apenas alguns se vêem que, para se salvar, refugiam-se na arca de salvação, quero dizer, nas congregações de Nossa Senhora. Dentre as pessoas do mundo, a quem vêdes levando uma vida cristã? Aquêles

que freqüentam a congregação. Meus irmãos, vindes assistindo a Missão e espero que Deus já vos terá feito conhecer que o único bem e a única vantagem desta vida são: salvar a alma. O mundo chama feliz o homem possuidor de riquezas e coberto de honrarias, infeliz o pobre e o desprezado. O que é verdade, porém, é que realmente feliz é quem se encontra em estado de graça e que se salva, o único infeliz é o inimigo de Deus e que se condena. Uns poucos dias e virá a morte e tudo se acabará para o homem. E que lhe terá servido haver ganho todo um mundo, se morrendo perde sua alma e há de gemer eternamente no inferno! Ora, quero mostrar-vos, meus irmãos, qual a esperança de salvação que deve ter o que freqüenta a congregação da SS. Virgem.

Quando um leigo me pergunta o que deve fazer para se salvar, não sei aconselhar-lhe meio mais útil e mais seguro do que entrar para uma associação religiosa. Porque a associação inclui em si todos os demais meios, mesmo os mais infalíveis para a eterna salvação. Dirá, pois, o associado com razão: *Venerunt mihi omnia bona pariter cum illa.*

Em primeiro lugar, é para o leigo um grande meio o poder ouvir muitas vèzes a *palavra de Deus*. Os Santos Padres afirmam estar condenados os que a desprezam, pois que as ovelhas de Jesus Cristo ouvem de boa vontade a sua voz, voz que lhes chega pela pregação de seus ministros: *Oves meae vocem meam audiunt* (Jo 10, 27). Os homens do mundo, ficando afastados das pregações, deslembram-se fàcilmente dos males e bens da outra vida e assim atiram-se de todo aos prazeres da terra, vivem e mor-

rem no pecado. Os associados, porém, os que freqüentam a associação, ouvem falar da morte, do julgamento, do inferno, da eternidade, resistem fãcilmente com a ajuda divina às tentações que os vêm assaltar. Disse o Espírito Santo: *Memorare novissima tua et in aeternum non peccabis* (Ecli 7, 40).

Em segundo lugar: um leigo não pode manter-se na graça se não *freqüentar os Sacramentos*, os quais lhe nutrem a alma e conservam a vida, especialmente a Sagrada Comunhão, a que se chama Pão, porque êste Pão celeste conserva a vida da alma como o pão terrestre guarda a vida do corpo. E' doutrina do S. Concilio de Trento que o SS. Sacramento do Altar nos livra dos pecados veniais e nos preserva dos mortais.

Terceiro: os que freqüentam a associação ou congregação da Virgem, recebem dessa divina Mãe muitas graças, porquanto o Senhor a fêz dispensadora delas: *Mecum sunt divitiae*, diz ela, *ut ditem diligentes me*. Escreveu S. Boaventura: *Qui acquirit gratiam Mariae, agnosceatur a civibus paradisi et qui habet caracterem ejus, adnotabitur in libro vitae*. E isto se há de entender dos confrades das congregações marianas, pois que se pode afirmar: os que estão inscritos no registo da congregação têm seu nome notado no livro da vida, dado que haja perseverança na freqüência e na observação do regulamento. Naturalmente de nada valeria ter o nome no registo, se não se freqüentasse a congregação, e se se freqüentasse sem se aproximar dos Sacramentos, o que é o ponto essencial. Há os que freqüentam a congregação não tanto para honrar a Virgem SS., mas para demonstrar domínio ou para governar, de onde

nascem barulho e discussões, como se fôra em casa de jogatina. Melhor fôra, por certo, que os de tal procedimento jamais a freqüentassem!

Recomendo-vos, pois, e a cada um em particular, primeiramente, que freqüenteis a congregação; não o negligencieis fâcilmente, como fazem uns tantos, que, para se divertir ou passear, e por motivos outros a êsses iguais, não comparecem. E quando se lhes pergunta o por quê, dizem: Padre, os negócios não mo deixaram. — E eu lhes haveria de dizer: Meu filho, de todos os negócios do mundo é o mais importante a salvação de tua alma; se a perderes, tudo estará perdido para ti. Dize-me, deixarias de lucrar mil ducados para te preocupares com uma moeda de pequeno valor?... E' melhor que tudo se perca e não a alma. Aos domingos, deixai tudo para virdes à reunião! Podeis ter certeza que Nossa Senhora não permitirá que tenhais um prejuízo. *Domestici ejus vestiti sunt duplicibus* (Prov 33, 21). Os servos de Maria vestem-se duplamente, êles possuem dois tesouros: um espiritual e outro temporal.

Aconselho-vos ainda que, freqüentando a congregação, vos confesseis e comungueis como indica o regulamento; aliás, de que vos serviria estar na associação, se caís no pecado e não vos levantais dêle?...

E, finalmente, vos recomendo vir à congregação com o único fim de fazer as vossas devoções. Cada um no seu lugar, obediente, cumprindo o seu cargo e não tendo outra finalidade que salvar sua alma. Se assim fizerdes, a SS. Mãe de Deus vos há de proteger, corpo e alma. Especialmente à morte ireis sentir sua especial proteção. Que consolação, à morte, haver ser-

vido a Maria! Conta o P. Bineti (Pref. S. V., c. 31) que, assistindo certa vez a um moribundo, que fôra grande devoto da Virgem, ouvira-o dizer: Padre, se soubésseis que alegria sinto de ter servido a SS. Mãe de Deus! Eu não vos posso descrever o meu contentamento! — E morre numa paz que pressagiava o paraíso. De minha parte tenho por certo que uma bela morte está reservada a todos os confrades que hajam freqüentado a congregação de Nossa Senhora. O duque de Poplio dizia que tôdas as graças que havia recebido de Deus o foram por intermédio de Maria, porquanto havia freqüentado sempre a congregação. No momento da morte, êsse mesmo duque chama seu filho e lhe diz: Meu filho, freqüenta a congregação de Maria, é a mais bela herança que te posso deixar e que te deixo.

*Ato de agradecimento e promessa
à SS. Virgem*

Ajoelhemo-nos aos pés de Maria, meus irmãos, vamos prometer-lhe fidelidade à congregação. Que cada um repita comigo: O' minha Soberana e minha Mãe, devia estar a queimar no inferno; à vossa proteção, porém, devo estar ainda aqui; recebei agora nossos agradecimentos. Peço-vos me perdoeis as tantas vêzes que por negligência, sem motivos, faltei à congregação. Quantos pecados não teria evitado, se a tivesse freqüentado sempre! Perdoai-me, minha Mãe, e pedi a vosso Filho que me perdoe também. Oh! sim, meu Salvador, pelos méritos infinitos do Sangue que derramastes por mim e por amor a Maria, perdoai-me, pois arrependo-me... Mas, digamos a Maria, prometendo-

lhe: Mãe de Deus, prometo-vos que daqui por diante, a não ser por motivo sério, não faltarei à congregação, eu vo-lo prometo e sujeito-me a todos os castigos, se chegar a faltar com minha palavra. Socorrei-me, Soberana do mundo, em tôdas as minhas necessidades, especialmente nas ocasiões em que possa estar de ofender a Deus. Na hora da morte assisti-me, fazei que morra sob vossa proteção!... — Pois bem, meus irmãos, sêde fiéis à promessa que acabais de fazer a Maria e de sua parte eu vos prometo que ela vos há de ajudar na vida e na morte. Vinde honrá-la nesta capela e ela vos levará um dia para o céu a reinar. Em nome de Maria vos abençôo e lembrai-vos sempre da palavra que lhe empenhastes. (O Padre dá a bênção com o Crucifixo).

Seria muito útil ainda instituir-se, em proveito das almas e em honra da divina Mãe, uma congregação secreta, composta dos confrades mais fervorosos. São êstes os exercícios que se praticariam nessa congregação: 1.º Faz-se meia hora de leitura espiritual. 2.º Recitam-se as vésperas e completas do ofício do Divino Espírito Santo. 3.º Rezam-se as ladainhas da SS. Virgem e durante essa oração pratiquem-se penitências, como sejam trazer uma cruz sôbre os ombros ou coisa semelhante. 4.º Far-se-á um quarto de hora de meditação sôbre a Paixão de Jesus Cristo. 5.º Acusa-se cada um das faltas cometidas contra o regulamento e receberá por isso uma penitência do diretor. 6.º Um dos confrades fará a leitura dos ramalhetes das mortificações da semana anterior e anunciará as novenas a serem feitas, etc... Por fim se fará a disciplina durante um *Miserere* e uma Salve

Rainha e cada um beijará os pés do Crucifixo colocado sôbre o altar.

O regulamento exige de cada confrade, diariamente, o seguinte: 1.º oração mental; 2.º visita ao SS. Sacramento e à SS. Virgem; 3.º exame de consciência, à noite; 4.º leitura espiritual; 5.º evitar diversões e conversações mundanas; 6.º Comunhão freqüente e alguma mortificação com o cilício, disciplina, etc.; 7.º recomendar a Maria cotidianamente as almas do purgatório e os pecadores; 8.º visitar os confrades enfermos.

3. Conferência a donzelas

Santo Inácio, mártir, escrevendo a seus discípulos, exortava-os a vigiar de modo especial que as virgens fôsem constantes na sua promessa feita a Jesus Cristo de guardar sua virgindade, o que era grande coisa diante de Deus. A milícia das virgens consagradas ao amor do divino Espôso é chamada por S. Cipriano a parte mais nobre da Igreja: *Illustrior portio gre-gis Christi* (De disc. et lab. virg.). Muitos Santos Padres como S. Efrém, Ambrósio, Crisóstomo, Cipriano e outros escreveram obras inteiras exaltando a virgindade. Milagres fez o Senhor para defender a pureza das virgens. O que venho afirmando tem por fim demonstrar que não é coisa inútil, pelo contrário, muito agradável a Deus, o trabalho dos sacerdotes que exortam jovens a consagrar sua virgindade a Deus. E' costume em nossas Missões que, na manhã de um dos últimos dias, em local reservado, um Missionário, na presença de um sacerdote de idade avançada, faça a tôdas as donzelas um sermão sôbre êsse ponto.

Exemplo de um tal sermão

Minhas irmãs, não tenho intenção, neste momento, de vos expor as vantagens e os bens reservados às jovens que consagram sua virgindade a Jesus Cristo, quero apenas vo-los indicar:

Primeiramente — tais jovens, aos olhos de Deus, são belas como os Anjos do céu: *Erunt sicut angeli Deo in caelo* (Mt 22, 30). Segundo — uma moça que abandona o mundo para se consagrar a Jesus Cristo, torna-se espôsa do Salvador. No Evangelho o divino Salvador é chamado Pai, Mestre, Pastor das almas, mas quando se trata das virgens êle recebe um nome mais doce, é chamado Espôso. *Exierunt obviam sponso*. Em se tratando de casar, uma jovem avisada e prudente procura informar-se, dentre os que lhe pretendem a mão, qual seja o mais nobre, o mais rico. Informemo-nos junto à espôsa dos Cânticos, que conhece seguramente os méritos do celeste Espôso, o que êle é. Dizei-me, espôsa minha, quem é aquêle que vos faz a mais feliz das mulheres? *Dilectus meus rubicundus, electus ex milibus* (Cant. 5, 10). Meu dileto, diz ela, rebrilha alvíssimo pela sua pureza, irradiando côres vivas pelo amor em que se abrasa, em uma palavra, é tão belo, tão nobre e tão cheio de doçura, que se torna assim o mais amável dos esposos. Tinha razão a ilustre virgem S. Inês, conforme nos conta S. Agostinho (Lib. de virg.), quando lhe ofereciam por espôso o filho do prefeito de Roma, de responder que já havia achado partido bem melhor: *Sponsum offertis? Meliorem reperi*. S. Domitila deu igual resposta a certas mulheres que a queriam persuadir esposasse o conde Aureliano,

porquanto êle consentia em que ela conservasse sua fé cristã. Porémizei-me, declara a Santa, se a uma donzela fôsse proposto um monarca e um vilão, a quem deveria escolher por espôso? Renunciar ao Rei do céu para desposar Aureliano seria rematada loucura; não o farei. — E para permanecer fiel a Jesus Cristo, a quem havia consagrado sua virgindade, deixou-se queimar viva, suplicio a que a atirou o próprio Aureliano (Croiset, *Ano cristão*, 12. 5).

Quem, fazendo-se espôsa de Jesus, deixa o mundo e o despreza, torna-se a bem-amada do Salvador; tais são chamadas as primícias do Cordeiro: *Primitiae Deo et Agno* (Apoc 14, 4). E por que? Porque, explica o Cardeal Hugo, assim como há frutos uns mais agradáveis do que outros, assim as virgens são mais gratas a Deus do que outras pessoas. O divino Espôso apraz estar entre os lírios: *Qui pascitur inter lilia* (Cânt 1, 16). E quem são êsses lírios senão as donzelas que consagram sua virgindade a Nosso Senhor! Beda o Venerável afirma, com razão, que o cântico das virgens, isso é, os louvores que elas dirigem ao Senhor, conservando intacto o lírio da pureza, é mais agradável a Deus do que o cântico dos demais Santos. O mesmo Espírito Santo diz que não há o que se possa comparar ao tesouro da virgindade: *Non est digna ponderatio continentis animae* (Ecl 6, 15). E' por isso, observa ainda o Cardeal Hugo, que se dispensam os demais votos facilmente, não sendo assim com o de virgindade, pois que os tesouros da terra não se igualam ao da virgindade. Chegam a afirmar os Doutores que a SS. Virgem teria renunciado à suprema dignidade de Mãe de Deus, se tivesse tido

necessidade de perder a jóia preciosa de sua virgindade. Ninguém, na terra, será capaz de se imaginar a glória que Deus tem preparada no céu às virgens, suas espôsas. As virgens terão no céu, afirmam os sábios, uma auréola particular, uma coroa ou alegria especial, que não é dada aos outros Santos, que não conservaram sua virgindade. Porém tornemos ao assunto principal de nossa conferência.

Diz-me lá uma jovem: E se eu me casar não me poderei santificar assim? — Não responderei, vai fazê-lo S. Paulo; êle mesmo esclarecerá a diferença que há entre uma donzela e uma mulher casada: *Mulier innupta et virgo cogitat quae Domini sunt ut sit sancta corpore et spiritu. Quae autem nupta est, cogitat quae sunt mundi, quomodo placeat viro.* E ajunta ainda o Apóstolo: *Porro hoc ad utilitatem vestram dico... ad id quod honestum est quod facultatem praebeat sine impedimento Dominum obsecrandi* (1 Cor 7, 34). Primeiramente, afirmo que as mulheres casadas podem ser puras em espírito, mas não o serão de corpo; as santas virgens, porém, o são de corpo e alma, porquanto consagraram sua virgindade a Jesus Cristo: *sancta corpore et spiritu.* Ademais notai essas palavras: *quod facultatem praebeat...* Quantos obstáculos não encontram as mulheres casadas para se santificarem! e as de maior nobreza mais dificuldades sentem! Para se santificar é preciso que a mulher empregue os meios para isso, que se dê especialmente à oração mental, que frequente os Sacramentos, que pense sempre em Deus. Mas onde pode uma mulher casada achar o tempo necessário para pensar nas coisas de Deus? *Nupta cogitat quae*

sunt mundi et quomodo placeat viro. A mulher casada há de cuidar da alimentação, dos vestidos para a família, a educar seus filhos, a contentar seu marido e aos parentes dêle; e dessa sorte, como o disse S. Paulo, o seu coração está dividido entre seu marido e filhos de um lado e Deus de outro. Que tempo lhe há de sobrar para a recepção dos Sacramentos, para a oração, para comungar freqüentemente, se lhe cabe a obrigação de cuidar desvelada pela sua casa? O marido quer ser servido, os filhos choram, gritam e pedem mil coisas. Fazei oração em meio de tantos cuidados e perturbações! Apenas lhe será possível aos domingos ir à igreja a recolher-se um pouco e a comungar. Haverá seguramente a boa vontade, mas lhe será difícil dedicar-se de maneira conveniente às coisas de Deus. Isso tudo será para ela um motivo de merecimentos, uma vez que se submeta à vontade de Deus, que naquele estado não exige dela senão resignação e paciência, mas lhe não há de deixar de ser difícil no meio de tanta perturbação, sem oração, sem Sacramentos, ter essa virtuosa paciência e essa santa resignação.

Oxalá as senhoras casadas não estivessem expostas a males outros que não fôsse apenas estarem privadas de fazer facilmente suas devoções! O maior mal é o perigo em que se encontram essas pobres senhoras de perder a graça de Deus pela convivência com seus cunhados, parentes outros e com os amigos de seus maridos, em casa mesmo e fora. As jovens nem o podem supor, sabem-no, entretanto, as mulheres casadas, que têm que enfrentar êsses perigos, conhecem-no os sacerdotes a quem elas

se confessam. Já não queremos falar dessas mi-sérias a que estão sujeitas tôdas as mulheres casadas: maus tratos do marido, os cuidados com os filhos, com os domésticos, o assujeita-mento às sogras ou às noras, as dores do parto, os escrúpulos de consciência com respeito à educação dos filhos: tudo isso, enfim, levanta uma verdadeira tempestade dentro da qual a mulher casada vive a gemer. Oxalá no meio dessa tormenta ela não venha a perder a sua alma e assim tenha a sofrer um inferno nesta vida e na outra! E' êsse o destino que se preparam as moças que se casam! Mas será possível, dirá alguém, não há Santas então entre as mulheres casadas? — Sim, existe tal, mas quem? a que se santificou por entre êsses márti-rios, sofrendo tudo por amor de Deus, sem mur-murações e com uma grande paciência. E quan-tas são as mulheres casadas nessas condições de perfeição? São raras. E ao encontrardes uma, ouvi-la-eis se queixar que melhor lhe teria sido viver consagrada a Nosso Senhor a ter-se ca-sado. Não me recordo, dentre as muitas senho-ras casadas que eu já tenho visto, que uma só tenha estado contente com sua sorte.

A verdadeira felicidade têm-na as jovens que se consagram a Jesus Cristo. Não correm os pe-rigos a que estão expostas as senhoras casadas; não estão ligadas nem a filhos nem a homens mortais nem a bens, enfeites, nem a galanterias; enquanto que a casada está obrigada a or-nar-se e a vestir-se com cuidado para agradar a seu marido, a jovem que se consagra a Jesus Cristo não necessita mais do que de um simples vestido para se cobrir e seria até escandaloso, se ela quisesse aparecer tôda adereçada. Ade-

mais as virgens não têm que andar com cuidados de casa, de crianças, de marido; todos os seus cuidados são para agradar a Jesus Cristo a quem consagraram a alma, o corpo e todo seu amor. Isso dá-lhes maior liberdade de espírito para se ocuparem de Deus e mais tempo para se dedicarem à oração e para freqüentarem a Sagrada Mesa.

Examinemos as escusas apresentadas pelas jovens que se não deixam incendiar pelo amor a Jesus. Dirá uma: Renunciaria ao mundo, se me fôsse possível entrar para um mosteiro ou, pelo menos, se me fôsse dado poder ir diàriamente à igreja a fazer minhas devoções; mas vivo numa casa, onde meus irmãos me maltratam e meus pais não me permitem freqüentar a igreja. — Porém eu te perguntaria: Desejas deixar o mundo para te santificar ou para levar uma vida de comodidades; para fazer tua vontade ou a de Jesus Cristo? Se o abandonas para ser agradável a Jesus, para te santificar, eu te faria esta pergunta: Em que consiste a santidade? A santidade não consiste em se morar em um mosteiro e a estar o dia todo numa igreja, sim em fazer oração e comungar quando se pode, a obedecer, a fazer a sua obrigação em casa, a viver retirada, a suportar as fadigas e os desprezos. E mesmo se entrardes para um convento, que julgais sejam ali vossas ocupações? Credes, talvez, que haveis de passar vossa vida no côro ou na cela, de onde saireis apenas para ir ao refeitório ou a passear? Nos conventos há horas fixas para a oração, para a Missa e Comunhão, porém o resto do tempo é empregado pelas religiosas, especialmente pelas irmãs

conversas, que não estão obrigadas ao côro, no trabalho da casa.

Clamam tôdas: um convento, um convento! E no entanto, quanto não é mais fácil a uma jovem cristã fazer suas orações e santificar-se junto de seus pais, especialmente se são pobres, do que dentro dos mosteiros! Sei de experiência própria, quantas não se arrependeram de entrar para o convento, sobretudo se nêle há muitas religiosas, porquanto as pobres irmãs conversas têm apenas o tempo preciso para recitar o rosário!

Mas, Padre, dizeis, as exigências de meu pai e de minha mãe, os maus tratos de meus irmãos, não me permitem ficar em casa. — Pois bem, casai-vos e ninguém vos maltratará? A sogra, as cunhadas, filhos insolentes, um marido! Meu Deus, e não é sòmente isso! Podereis suportar, caras filhas, os maus tratos de um marido, que de princípio vos fêz grandes promessas e que pouco tempo depois já não será para vós um marido, mas um tirano; que vos há de tratar, não como espôsas, mas como escravas. Interrogai as senhoras casadas e elas reafirmarão a verdade de minhas palavras. Porém, mesmo sem as interrogardes, tê-lo-eis visto no exemplo de vossas mães. No mínimo a terdes que sofrer alguma coisa em casa, suportá-lo-eis por amor a Jesus Cristo e Jesus tornará mais leves e mais agradáveis essas cruces. E que triste sofrer para o mundo e sem tê-lo merecido! Ânimo, pois, se Jesus vos chama a seu amor, se êle vos quer por espôsas, êle saberá encher-vos de alegria, êle vos consolará no meio dos sofrimentos.

Mas êsse consôlo vos há de vir, se o amardes e procurardes viver como espôsas fiéis. E eis aqui os meios que deveis empregar para viverdes como verdadeiras espôsas de Jesus e para vos santificardes. Para se tornar uma Santa não é bastante que a jovem guarde sua virgindade e que se lhe dê o nome de espôsa de Jesus, é preciso que ela pratique as virtudes. O Evangelho diz que o céu é das virgens, mas de que virgens? Não o será das virgens loucas, mas, sim, das prudentes. Estas entraram para as núpcias, aquelas tiveram fechadas as portas da sala do festim, ouvindo essas terríveis palavras do Espôso: *Nescio vos*, sois virgens, porém eu não vos reconheço por minhas espôsas.

As verdadeiras espôsas de Jesus seguem-no para onde quer que êle vá: *Sequuntur agnum quocumque ierit* (Apoc 14, 4). Que quer dizer seguir o Espôso? S. Agostinho diz ser imitar suas virtudes, seguindo-o de alma e corpo. Depois de lhe haverdes consagrado vosso corpo é mister lhe sejais devotadas de todo vosso coração, de maneira a amá-lo de tôda vossa alma. E' mister, pois, que apliqueis os meios para serdes totalmente de Jesus Cristo.

O primeiro dêsses meios é: *a oração mental* — a que vos deveis dar. Porém, notai que para meditar não é preciso se esteja em um mosteiro ou se deva demorar todo o dia em uma igreja. Se em vossas casas há muito barulho e muita perturbação, por causa da muita gente, que a freqüenta, não obstante, quando há boa vontade, sempre se há de encontrar lugar e tempo para se rezar, quando estiver tudo mais tranqüilo, de manhã antes que os outros se levantem, ou à noite depois que os outros se deitem.

Para se rezar não se exige que se esteja sempre de joelhos; pode-se rezar mesmo quando trabalhando, andando, dado não se encontrar tempo mais azado. Basta se levante o espírito a Deus, pense-se na Paixão de Jesus Cristo, ou em outro assunto de devoção.

O segundo meio: *a freqüência dos Sacramentos* da Penitência e da Comunhão. Com relação à Confissão, é preciso que cada uma tenha o seu diretor a quem seja de todo obediente, do contrário se desviaria facilmente. Ao confessor cabe decidir sobre o comungar; à penitente pertence desejá-la e pedi-la, a Comunhão. Esse pão celeste é para os que têm fome. Jesus quer ser desejado. A Comunhão freqüente conserva a fidelidade de suas espôsas e especialmente a pureza delas. A Eucaristia fortifica a alma em todas as virtudes, mas de modo particular é eficiente na conservação da virgindade, segundo afirma o profeta a dizer deste Sacramento: *Fruentum electorum et vinum germinans virgines* (Zac 9, 17).

O terceiro meio: *o recolhimento e a prudência: Sicut lilia inter spinas, sic anima mea inter filias* (Cant 11, 2). A moça que pretende conservar-se fiel a Jesus Cristo por entre as diversões e distrações mundanas quer o impossível; sua fidelidade se há de manter através dos espinhos da abstinência, das mortificações, guardando inteira reserva e modéstia com os homens em seus olhares e em suas palavras, para isso empregando grande severidade e até mesmo rudeza, se mister fôr. Eis aí os espinhos que protegem os lírios, quer dizer as virgens, de outra forma elas se perderão. O Senhor diz que as faces de sua espôsa são belas como as

da rôla: "*Pulchrae sunt genae tuae sicut tur-turis* (Cant. 1, 6). E por que? Porque a rôla foge à companhia dos demais pássaros, isola-se. E uma virgem será tanto mais bela diante de Jesus Cristo, quanto mais amante é da solidão; fugirá aos olhares dos homens para viver desconhecida. S. Jerônimo chama a Jesus um Espôso zeloso: *Zelotes est Jesus*. Eis por que êle não gosta de ver que uma virgem que lhe consagrou o amor, procure ostentar-se e cativar os homens. As donzelas santas de preferência desejam aparecer feias para não serem desejadas e há na história da Igreja belos exemplos de virgens que se desfiguraram. Porém, se não é permitido a uma jovem mutilar-se senão por divina inspiração, todavia o amor a Jesus deve levá-la sempre a não se deixar desejar pelos homens. Tôdas as moças cristãs têm no mínimo o dever de guardar modéstia e se mostrar o menos possível aos olhares dos homens. Se acontecesse que uma jovem, sem culpa sua, devesse sofrer uma afronta, não seria menos pura por isso. Era o que dizia S. Lúcia ao tirano que ameaçava desonrá-la: "Se me ultrajas contra minha vontade, não fazes mais do que procurar-me duas coroas." Tendes por certo que, quando uma donzela é modesta e reservada, ninguém a ousa tentar.

O quarto meio: para conservar a pureza é a *mortificação* dos sentidos. Diz S. Basílio que uma virgem para se conservar pura deve ser casta em sua linguagem: falar sempre com modéstia, dirigir-se aos homens só em caso de necessidade, e com poucas palavras; casta com seus ouvidos: evitando conversações puramente mundanas; casta com seus olhos: fechando-os

ou os conservando baixos em presença dos homens; casta com seu tato: reservadíssima nesse ponto quer quanto aos outros como quanto a si mesma, e especialmente casta em espírito, esforçando-se para resistir a todos os pensamentos impuros, auxiliando-se nisso com invocar logo a Jesus e a Maria. Para chegar a isso mortificará seu corpo com jejuns, abstinências, disciplinas e cilícios; mas tudo isso ela fará com consentimento de seu confessor, de outra forma essas práticas poderiam prejudicar bastante sua alma, insuflando-lhe orgulho. E se lhe não é permitido exercer essas penitências sem o aviso do confessor, é-lhe, todavia, dado desejá-las e mesmo lhas pedir, porquanto, se o diretor lhe não vê êsse desejo, não lho consentirá, naturalmente. Jesus é um Espôso de sangue, esposou nossas almas sôbre a cruz, onde por elas deu todo seu Sangue: *Sponsus sanguinis tu mihi es* (Ex 4, 25). Da mesma maneira as espôsas que o amam querem bem aos sofrimentos; aceitam as tribulações, as enfermidades, as dores, os maus tratos, as injúrias não só com paciência, mas mesmo com alegria. E' assim que se há de entender aquela passagem do Apoc. 14, 4: *Sequuntur agnum quocumque ierit*. Elas seguem a Jesus, o divino Espôso, por tôda parte e o bendizem com alegria nos opróbrios, nos tormentos, como o fizeram tantas e tantas virgens santas que foram às torturas e à morte apressadas e prazerosas.

Enfim, minhas irmãs, para perseverardes nessa santa vida é necessário que vos recomendeis freqüentemente à SS. Virgem Maria, à Rainha das virgens. E' por intermédio dela que se realizam e se concluem essas santas núpcias;

é ela quem conduz a seu divino Filho as virgens que o desposam: *Adducentur virgines post eam* (Sl 44, 15). E' ela, enfim, que faz fiéis essas espôsas escolhidas: sem a sua assistência elas abandonariam o Espôso.

Prece a Jesus Cristo

O pregador fará que as jovens se ajoelhem aos pés de um Crucifixo ou de uma estátua do Menino Jesus, se assim parecer mais conveniente para êste sermão, e continuará assim: Animo, pois, vós que não quereis mais pertencer ao mundo, mas a Jesus! Falo às que se sentem chamadas pelo divino Espôso a deixar o mundo por amor a êle. Não vos peço façais agora o voto de perpétua castidade, fá-lo-eis depois, se Deus vo-lo inspirar e com o assenso de vosso confessor; quero que, apenas por um simples ato, sem caráter obrigatório, agradeçais a Jesus Cristo a graça que êle vos fêz de vos chamar a seu amor e a êle vos ofereçais inteiramente nesta vida. Dizei, pois, comigo: Amável Jesus, meu Deus e meu Redentor, que sacrificastes vossa vida por esta vossa pequenina criatura, permiti vos chame meu Espôso, porquanto sinto que me dais esta honra. Como poderia eu agradecer-vos êsse favor; deveria estar no inferno e em vez de me castigar chamais-me para vossa espôsa. Oh! sim, quero deixar o mundo, tudo quero deixar por amor a vós, inteiramente e sem reserva a vós me consagro. O mundo! Oh! o mundo! O' divino Jesus, doravante sêde Vós meu único bem, meu amor único! Sinto que desejais possuir todo inteiro o meu coração. Esquecei, Senhor, todos os desgostos que vos causei no passado; arrependo-me de todo o coração;

porque não morri antes de vos haver ofendido! Perdoai-me e inflamai-me no vosso santo amor; auxiliai-me a vos ser fiel, que jamais eu vos abandone! A mim vós me destes todo e eu tôda me consagro a vós. Minha amável Soberana, minha Mãe Maria, prendeí, acorrentai meu coração a Jesus e de modo tal que êle dali se não despenda jamais...

O pregador dará, terminando, a bênção com o Crucifixo e dirá: Vou dar-vos a bênção e com ela pretendo unir-vos a Jesus, assim que dêle vos não separeis mais. E enquanto vos abenço, elevai vosso coração a Jesus e falai-lhe: Doce Jesus, meu Espôso, desde agora só a vós quero amar e a mais ninguém.

CAPÍTULO IX

EXERCÍCIOS DEVOTOS A SE PRATICAREM DEPOIS DA MISSÃO

1. Exercícios para os fiéis

Recomendem-se à prática dos fiéis:

a) A meditação em comum na igreja. Pode ser feita facilmente de manhã, durante a primeira Missa, da forma seguinte:

Um sacerdote ou simples clérigo, antes de se iniciar a Missa, lerá os atos preparatórios indicados em um livro, e a seguir um ponto bem curto de meditação; começa a Missa e meditar-se-á o ponto lido. O segundo ponto será lido à consagração da Missa e pelo fim se hão de recitar os atos das virtudes teologais, também indicados no livro. Recomende-se ao encarregado da leitura não fazer considerações, mas apenas a ler. Sem dúvida que muitos sacerdotes poderiam fazer com facilidade essas considerações, porém disso podem resultar dois inconvenientes: primeiro, êle se deixaria arrastar a falar todo o tempo e dessa forma o povo se habituaria a ouvir e não a meditar; e se algum não pudesse vir à igreja ou não encontrasse alguém que lhe fizesse a meditação, não a sabendo fazer êle mesmo, abandonaria por fim êsse exercício. Segundo, porque, se o Padre não pudesse ou não quisesse vir sempre à meditação, em sua ausência essa útil devoção não poderia realizar-se. Deu-se isso mesmo em alguns lugares, onde o sacerdote fazia cotidianamente a meditação com o povo; porém, fôsse porque o Padre se aborrecesse de tal, deixou de o

fazer e foi o bastante para se suprimir a meditação em comum. Ter-se-á o cuidado de se fazer a leitura em voz alta, lentamente, para que todos ouçam e entendam. Recomenda-se ainda que êsse piedoso e aproveitável exercício não seja omitido, mesmo que a êle poucos assistam, como pode suceder muitas vêzes; basta que venham alguns perseverantes.

b) A visita ao SS. Sacramento, que pode ser feita assim:

Um Padre revestido de sobrepeliz e estola exporá o santo cibório, entre seis velas acesas; recitará os atos de fé, esperança e caridade, tais quais se encontram no livrinho próprio para essas visitas. Leia-se a seguir o ato da visita. Faça-se essa devoção na hora em que o povo, de volta de seu trabalho, possa assistir a ela facilmente.

c) Como útil devoção recomende-se também a visita às cruzes.

d) A prece pelos agonizantes, da qual falamos já, quer dizer: quando alguém se acha em agonia, dar-se-á um sinal com cinco badaladas no sino grande e cada um dirá três P. N. e três A. M. para o feliz trânsito daquela alma.

e) Para as moças se recomendem os seguintes exercícios de devoção, que elas farão cada domingo em uma igreja qualquer ou em uma capela: recitarão o têrço, terminando-o com um cântico piedoso; depois o Padre fará uma curta instrução sôbre coisas que as moças deverão praticar no decorrer da semana, conforme o que vamos expor mais abaixo. Êle as instruirá sôbre a maneira de fazer a oração mental, atos para a Comunhão, para a visita

ao Santíssimo, como assistir à Missa, atos para as horas de trabalho a levantarem frequentemente seus corações a Deus; sôbre a prática das virtudes da mortificação, da humildade, da paciência e especialmente da oração, ensinando-lhes a se recomendarem a Deus pela manhã, à noite, durante o dia, nas tentações principalmente, invocando os nomes de Jesus e Maria, até que se sintam vitoriosas. Terminada a instrução recite-se a coroa de Nossa Senhora das Dóres. E finaliza-se tudo com um pequeno sermão ou meditação, que não dure mais de quinze minutos, compreendido o ato de contrição. A matéria dêsse sermão ou dessa meditação deverá ser ordinariamente: o pecado, a morte, o julgamento, o inferno, o paraíso, a Paixão de Jesus. Após o sermão irão fazer a visita ao Santíssimo Sacramento e à SS. Virgem, voltando então para suas casas. Tôda a duração desses exercícios não deve ir além de hora e meia.

O Padre encarregará duas moças de mais idade para dirigir as demais, para começar o têrço, para notar as faltas e disso darem conhecimento aos pais. Designará também duas zeladoras encarregadas de avisar ao diretor as faltas daquelas que se não conduzirem bem, a fim de que êle as possa repreender ou corrigir.

Regulamento para as associadas

1.º Pela manhã, ao se levantar, dará graças ao Senhor e lhe oferecerá tudo quanto haja de fazer ou sofrer no decorrer do dia. Rezará depois três A. M. à santa Virgem para pedir-lhe a proteja naquêle dia e a preserve do pecado.

2.º Fará meditação de meia hora ou pelo menos de um quarto de hora, sôbre a Paixão de

Jesus ou sobre uma verdade eterna qualquer. Será essa meditação na hora e no lugar que lhe fôr mais conveniente, na igreja ou em casa.

3.º À noite o exame de consciência, seguido dos atos de fé, esperança, caridade e de contrição; antes de se pôr no leito recitará três A. M. para se colocar sob a proteção de Nossa Senhora.

4.º Comungará cada domingo, e mais vezes se puder, mas sempre conforme parecer de seu diretor.

5.º Rezará cada dia o terço para assim honrar a Virgem Santíssima; jejuará aos sábados a pão e água, se puder ser, e também nas novenas das sete festas de Nossa Senhora, como lhe indicar o confessor.

6.º Estará sempre em recolhimento, evitando assistir a festins e festas, freqüentar casas de outros, ainda que parentes. Fugirá absolutamente fazer gracejos e rir-se com homens e até mesmo não lhes falará; se isso se fizer necessário seja em poucas palavras e de olhos baixos. Não se há de pôr à janela com afetação, sentar-se diante da porta da casa ou cantar canções profanas.

7.º Guardará silêncio na igreja, não falará nas ruas e na própria casa terá uma hora de silêncio.

8.º Vestir-se-á modestamente, usando roupas de côr escura, cobrindo a cabeça e os olhos, na igreja e na rua. Não se enfeitará com ouro ou jóias ou qualquer objeto de vaidade.

9.º Procurará evitar tôdas as faltas veniais voluntárias, especialmente a mentira, as imprecações, as impaciências; suportará em paz as fadigas, as injúrias, as adversidades e dirá

nessas ocasiões: Jesus, meu Deus, seja tudo por vosso amor; Santa Virgem, dai-me paciência!...

10.^o Obedecerá a seu confessor em tudo aquilo que diz respeito à sua alma e a seus pais em tudo que concerne ao govêrno da casa. E diremos "govêrno da casa" porquanto, se seus pais a quisessem obrigar a casar-se, não estaria sujeita à obediência.

11.^o Morta uma das associadas, as demais colegas deverão fazer, na intenção da defunta, cinco Comunhões e rezar por ela o têrço, durante a semana.

2. Exercícios para sacerdotes

Recomendar-se-á aos Padres do lugar frequentarem sua congregação, onde se há de fazer um quarto de hora de leitura, depois um quarto de hora de meditação e, por fim, se discutirá um caso de consciência. Para instrução de jovens sacerdotes seria muito proveitoso um exercício de sermões, de instruções, de entretenimentos, durante o tempo do Natal ou da Paixão. Procure-se pelo menos discutir-se um caso de consciência, podendo-se fazer assim: primeiramente o sacerdote designado tratará algumas questões, examinando as razões pró e contra e concluindo dará sua opinião; os outros a seguir darão seu parecer e apresentarão suas dificuldades. Mas, indiferente ao caso de consciência discutido, na congregação, seria bom, caso possível, se instituísse uma conferência de moral, onde se discutisse por turno, duas ou três vêzes na semana, os tratados mais importantes, como: *de restitutione*, *de contractibus*, *de poenitentia*, *de matrimonio*, *de censuris*, *de conscientia*, *de legibus*, *de praeceptis de-*

calogi, etc.... E certo é que mais se havia de instruir um nessas conferências do que em seus estudos de gabinete, pois que a moral é uma ciência vasta, complicada, encerra em si tantas coisas variadas, que o que se limita a estudá-la sem discutir, lerá muito e guardará pouco. Na conferência não só compreende melhor a doutrina como também melhor se imprime ela na memória, fixando-se aí. Dessa forma muitos Padres se tornarão capazes de socorrer as almas, evitando ao mesmo tempo o ócio, que é ordinariamente a perda do Padre secular.

Há de se recomendar ainda aos Párocos e a outros sacerdotes instruídos fazer um pequeno sermão todos os sábados em honra de Maria, terminando pela narrativa de alguma graça concedida pela Santa Virgem a seus devotos. Que façam anualmente, em qualquer das festas de Maria uma novena solene, com exposição do Santíssimo e pregação todos os dias.

Os sacerdotes devem recordar-se das promessas de Maria aos que procuram fazê-la honrada de outros, como se lê nas lições de seu ofício: *Qui operantur in me non peccabunt. Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt* (Ecli 24).

CAPÍTULO X

AVISOS PARA A BOA DIREÇÃO DAS MISSÕES

1. Onde pregar Missão

Há Superiores que fazem pregar a Missão em um *ponto central*, nos lugares onde há ali por volta várias povoações, distando pouco uma das outras. Julgam assim que as populações dos arredores virão tôdas a êsse ponto central e dessa maneira se aproveitarão todos da Missão. Porém êsse modo de ver e de agir dêsses Superiores não é tão útil quanto o acreditam, porquanto tais Missões, longe de aproveitar aos lugares vizinhos, servem tão sômente ao lugar onde é dada e assim mesmo pouco êxito há de ter, visto a confusão que sobrevém com o concurso de ouvintes. Haverá, indubitavelmente, um grande concurso na igreja central, porque mesmo que venham poucos de cada povoação, formarão assim grande multidão, mas, de ordinário, o resultado será medíocre. Tais Missões prestam-se unicamente para que se diga que houve Missão em tal lugar, mas foi apenas de nome. E eis aqui o motivo desta minha afirmação: o povo só tira proveito de uma Missão quando ouve com assiduidade os sermões, todos os sermões, ou ao menos quase todos, na ordem em que são pronunciados.

Os sermões sôbre as verdades eternas, quer dizer: sôbre a importância da salvação, sôbre a malícia do pecado, a impenitência final, etc., com os sôbre os Novíssimos, causam viva emoção nas almas que estão sepultadas no vício e

as ganham para Jesus Cristo. Ora, e sendo a Missão pregada exclusivamente na igreja mais central, que acontece? Sucede que a maior parte dos fiéis, que residem nas povoações vizinhas, não assistem a todos os sermões; ouvem apenas dois ou três, pois que, em sendo a Missão pregada longe de suas residências, só podem vir em se revezando os da casa. E depois, para poderem voltar a tempo às suas moradias, os que residem longe, deixam muitas vezes o sermão no ponto mais importante. Ademais, se tais Missões são úteis às almas piedosas dessas povoações diferentes, de nada servem às outras pessoas que delas mais necessitam, pois que, embaraçadas suas consciências e pouco desejosas da palavra de Deus, essas pessoas arranjam-se uma porção de desculpas para não frequentar a Missão, alegando que é preciso ir muito longe, que a pregação termina muito tarde da noite, que faz frio, que a igreja é pequena, etc. Mas, quando a Missão é pregada na própria povoação, assistida por todos, homens e mulheres, os pecadores, embora contra a vontade e mais por respeito humano para não serem apontados como que a ficarem sòzinhos, vão também à igreja e Deus toca-lhes o coração, como de fato se tem visto em numerosos exemplos.

Concluo, pois, diante do que ficou exposto, que é de muito maior vantagem dar-se a Missão em cada povoação, embora se não pudesse fazer isso no mesmo ano, do que fazê-lo em um ponto central; produzirá frutos mais abundantes para todos e especialmente para aquêles que mais necessitam. Por emulação as povoações procurarão ter a sua Missão nos anos seguintes

e assim se poderá dizer realmente que tiveram a sua Missão, quando de outra maneira não seria verdade.

Quando se prega uma Missão em cidade ou lugar de muita população, principalmente se há muitas moradias longe da igreja matriz e também se a igreja não pode conter tôda a população, será bom e até necessário *pregar-se a Missão, ao mesmo tempo, em diferentes igrejas*. Esse método, que aplicamos em várias cidades, como Nola, Sarno e, especialmente, em Fógia, onde além da Missão na catedral, pregamos Missões independentes em cinco outras igrejas, produziu abundantes frutos. Para se agir com ordem faça-se assim: procede-se à abertura da Missão na igreja principal, onde os trabalhos hão de durar uns quinze dias no mínimo; e, durante essa Missão, oito ou dez dias após de começada, escolhido um dia de festa para a abertura, iniciam-se as pequenas Missões, que se prolongarão por uns outros doze dias, mais ou menos. A experiência tem demonstrado que essas pequenas Missões se mostraram mais úteis do que a grande.

2. Número de Missionários

O Superior deverá cuidar que haja em cada Missão o número suficiente de Missionários para atender às confissões. Fará o seu cálculo pela população das povoações e terá em vista que o fruto principal das Missões, especialmente nos lugares pequenos, onde há poucos confessores ou que são dali mesmo do lugar, consiste em reparar muitas confissões sacrílegas ou nulas, providas da grande repugnância que sentem os penitentes de confessarem seus pecados a

um confessor que conhecem e que com êles entretêm relações diárias. Mons. Falcoia, Bispo de Castelamare, que foi a princípio um dos Pios Operários e o primeiro diretor de nossa Congregação e que passou quarenta anos missionando, dizia que, quando os Missionários são em pequeno número, a Missão terá como resultado, em certas regiões, de perder muitas almas em vez de as salvar. Não há aqui um paradoxo, pois que os sermões de Missão agitam as consciências e os que os ouvem e que antes estavam tranqüilos em sua boa fé, agora se acham assaltados por mil dúvidas. Ora, se essas almas não podem confiar seus escrúpulos a confessores estranhos, terão repugnância de o fazer aos confessores do lugar, e como então já se acham em estado de dúvida, farão confissão sacrílega e a Missão terá sido a causa de sua perdição.

Nas Missões que tenho organizado, quando não tinha o número proporcionado de Missionários ao dos fiéis da região, preferi não dar af a Missão e ir a outro lugar, onde eram suficientes, pois que, se fôr necessário utilizar-se dos Padres do lugar para as confissões, não se remedia a nenhum sacrilégio ou, pelo menos, muito pouco. Porquanto, se há um grande número de almas que não podem vencer a vergonha e continuam a se confessar sacrilegamente, mesmo aos Missionários, que não as conhecem e que as devem deixar logo, que esperança se poderá ter que hajam de superar essa vergonha em se dirigindo aos confessores do lugar, seus vizinhos e conhecidos? E que se não diga que tais pessoas têm facilidade de se dirigir a estranhos e por isso não procurarão os do lugar, pois que uma penitente, em percebendo seu

diretor no confessionário, sentir-se-á constrangida a deixar-se ver aproximar de um confessor estranho e assim continuará a cometer sacrilégios. Por êsse motivo convém dar-se Missão em lugar onde o Ordinário retira aos Padres dali o poder de ouvir confissões. Se o Bispo o não fizer, o Superior da Missão, pregando os exercícios aos sacerdotes, pedirá aos confessores locais queiram de boa mente, durante a Missão, deixar a seus penitentes a liberdade de se confessarem aos Missionários e até mesmo lhes recomendar isso como obrigação, porque, infelizmente, pessoas das quais não se julga, é que têm disso a maior precisão.

Os Missionários hão de cuidar que, embora não seja necessário que todos façam sua Confissão geral, e especialmente se há grande número de pessoas para se confessarem ou o tempo preme, um penitente pedindo para fazer uma Confissão geral, julgada indispensável por causa de nulidade ou de sacrilégios antecedentes, deverá consentir nisso e procurar realizá-la com tôda a exatidão que é possível, quanto ao número e espécie de pecados. Quando, porém, não fôr patente a nulidade das confissões precedentes, o confessor deixará falar o penitente à vontade e por fim o interrogará: Acusa-se de todos os pensamentos maus, palavras, ações e omissões de tôda sua vida? — E' preciso deixar o penitente dizer tudo, porque do contrário, não ficando satisfeito e desejando fazer uma Confissão geral, irá em procura de outro Missionário, como já tem acontecido, o que faz perder não pouco tempo.

Outrossim, os Missionários cuidarão que no decorrer da Missão, principalmente quando hou-

ver muito concurso ao confessorário, não se demorem a examinar e a instruir pessoas devotas para as fazer avançar no caminho da perfeição; não será possível ocupar-se com tal, quando há outros que esperam para ser libertados do miserável estado de condenação em que se encontram.

3. Durante as pregações

Durante o sermão ou instrução é bom não se ouçam Confissões, porque o ruído causado pela voz, pela pregação, impede ao confessor e ao penitente de se ouvirem bem mutuamente, o que faz gastar-se tempo dobrado para as Confissões, que se realizam perturbadas e inquietas.

Ademais, é preciso que na Missão, para que ela produza bons frutos, todos ouçam o grande sermão, que é o exercício mais importante. Mas, quando se confessa alguém durante o sermão, que sucederá? O sermão se tornará inútil não somente para quem se está confessando, como também para os que ali estão em volta do confessorário, pois que hão de dar pouca atenção à pregação, com estarem preocupados com o desejo de acusar quanto antes seus pecados e de chegar quanto antes ao confessorário. Além disso, o barulho que causam ao entrar para o confessorário perturba pregador e auditório.

4. Faculdades necessárias

Antes de se iniciar uma Missão em determinado lugar, é mister se obtenham do Ordinário *os necessários poderes*, como o de absolver os casos reservados ao Bispo, mesmo que haja a censura; a comunicação do capítulo *liceat*; o

poder de dispensar votos, juramentos, impedimentos ao uso do Matrimônio. Também se não há de começar uma Missão num lugar sem que se haja pedido para isso a licença ao menos do Pároco.

5. Repetição das Missões.

Não se devem repetir com demasiada frequência as Missões no mesmo lugar. Convém sejam pregadas com um intervalo ao menos de três ou quatro anos. Igualmente não se tenha em conta de menos frutuosa uma Missão pregada pela segunda vez, só porque não conseguiu agitar os espíritos como da vez primeira. E' natural que uma Missão dada em lugar, onde desde muito tempo não fôra pregada, produz impressão mais funda do que quando ali se volta após três ou quatro anos. E se há menor agitação, nem por isso os frutos deixam de ser maiores, muitas vêzes, pois que essa segunda Missão remedeia quedas e firma inteiramente no bem os que perseveraram.

Terminamos chamando a atenção para vários excelentes avisos ou máximas do R. P. Paulo Segneri, célebre Missionário da Itália, dadas para a boa direção das Missões e dos Missionários:

1.º Confessar mulheres somente no confessorário.

2.º Não se permitirá nenhuma confissão pública especialmente às senhoras e não se fará nenhuma reconciliação pública, sem primeiro sondarem-se as partes interessadas.

3.º Os confessores não se encarregarão de restituções de seus penitentes sem real necessidade e no caso em que os penitentes não qui-

sessem recorrer a outros, êles o farão, exigindo um recibo àquele a quem se fez a restituição.

4.º Os Missionários, a não ser em caso muito especial, não recolherão esmolas para pobres nem se encarregarão de lhas distribuir, para com isso não darem motivos a perturbações ou a calúnias. Eu acrescentaria que os Missionários jamais se imiscuem em negócios temporais, porque, se a sua intervenção é útil a uns, pode ser nociva ou desagradável a outros; ocasionam por isso barulho molesto e fazem perder a muitos os frutos da Missão.

5.º Os Missionários não se dividirão pelas casas para suas refeições ou para pousada.

6.º Terminada a Missão, retirem-se imediatamente, recusando qualquer convite para permanência, com intuito de descanso.

7.º Não se perturbem à vista de dificuldades que os maus suscitem para pôr obstáculos ao feliz êxito da Missão. Também se não devem desencorajar, se forem mal recebidos, pois que estejam certos que no final terão conquistado o afeto de todos.

8.º Notem bem isso: não de esperar, por recompensa de suas fadigas e de seus sofrimentos, os desprezos e a ingratidão, tal é ordinariamente o galardão dos que trabalham exclusivamente para a glória de Deus.

CAPÍTULO XI

DEVERES DO SUPERIOR DA MISSÃO

1. O horário

Preliminarmente, o Superior da Missão fará o horário ou determinará as horas para os exercícios da Missão e para os outros deveres, da seguinte maneira:

- levantar-se às seis horas da manhã;
- meditação às seis e meia horas;
- volta ao trabalho a uma hora da tarde;
- instrução e catecismo, êsses dois exercícios se fazem ao mesmo tempo, às 4 hs;
- sermão grande às cinco horas;
- ceia às nove e meia hs;
- repouso às onze da noite.

E' êste o horário comumente adotado, especialmente no inverno, que é a estação mais conveniente para Missões. Eu digo "ordinariamente" porque, se o concurso de penitentes é muito grande, fica-se por tôda a manhã, sete horas seguidas, no confessionário, uma vez que é costume nosso de não atender confissões após o meio dia e nenhum Missionário poderá deixar a igreja sem licença expressa do Superior. Isso no inverno, porque em tempo de primavera não se tem sete horas de sono, porém só seis e meia, por causa da hora ou hora e meia que se toma de repouso no decorrer do dia. Nesse caso o horário seria o seguinte:

- levantar-se às três e meia;
- deitar-se às nove horas.

Meia hora após levantar-se vai-se para a igreja, ficando a meditação para depois do

repouso da tarde. No inverno, depois de levantados, guarda-se meia hora de silêncio, seguindo-se logo a meditação em comum e vai-se após para a igreja.

Durante a *refeição*, sentados todos conforme precedência, guarda-se silêncio e faz-se a leitura de uma vida de Santo. Cada um lerá algo, começando pelo Superior e continuando os outros sucessivamente. À ceia fará a leitura um único Padre e por algum tempo, de um livro sobre a SS. Virgem. Há de se ter cuidado em não ser melindroso na escolha dos alimentos, porque nada edifica tanto o povo como a mortificação e a frugalidade na alimentação dos Missionários; e nada, pelo contrário, o escandaliza mais do que sabê-los a passar à tripa fôrra. Na Missão informam-se quais as iguarias que são servidas aos Missionários. Em certos lugares, onde há muito haviam sido dadas Missões, encontramos pessoas que se escandalizaram porque os Missionários não tinham recusado carne de aves, frutas escolhidas, vinhos estrangeiros... Em outra parte dêste reino a Missão fôra pregada por excelentes pregadores e confessores, mas como os Missionários serviam-se em mesa demasiadamente fina, afirmou-se que seus trabalhos produziram pouco fruto. E' por isso que em nossas Missões temos o costume de, nos dias de jejum, usar somente de sopa e cozido; nos demais dias: sopa, um prato de magro; à noite, uma salada com qualquer outra coisa, queijo e frutas. Só no dia do encerramento e bênção serve-se um prato a mais, porém nunca carne de aves, de veado, peixes delicados, pastelarias e entremeios finos.

A mesa servirá cada um a seu turno, como fôr designado pelo Padre ecônomo.

Depois do almoço e da ceia haverá meia hora de *recreação*, após a qual, cessadas as conversas e entretenimentos, cada um dos Missionários se dará à ocupação que lhe foi determinada, ou, se nada tiver a fazer, irá para o confessional até à hora da instrução ou se dará à prece ou ao estudo. Durante a instrução ou sermão, os que estão marcados para pregar na manhã seguinte preparar-se-ão para isso. No mais, todos os Padres, a não ser que haja uma dispensa do Superior para algum ficar em casa, todos e, principalmente, os Missionários jovens, se não estão ocupados alhures, deverão assistir à instrução ou ao menos ao grande sermão. Terminados o sermão e a disciplina, voltarão todos para casa e atenderão os homens em confissão até à hora da ceia. Em tudo isso o Superior dará o exemplo, principalmente quanto ao levantar-se, atendendo ao sinal dado de manhã, quanto ao deitar-se, ao silêncio, às confissões, pois que, em faltando êle à regra, imitando seu exemplo, os outros a transgrediriam também e, o que é pior, faltando êle, já lhe não sobraria força moral para repreender os outros.

2. Obrigação de cada Missionário

Em segundo lugar, o Superior designará a cada Missionário os exercícios da Missão que lhe caberá desempenhar. Marcará um Padre para o sermão, um outro para a instrução, outro para a meditação da manhã, outro para o catecismo (das crianças), que será feito ordinariamente por um clérigo. Êste terá a cargo também avisar os Padres a hora em que devem

celebrar a Missa um depois do outro, para que não suceda virem a celebrar diversos em último momento. O Superior determinará outro Padre para dar os exercícios aos sacerdotes e mais outro para os seminaristas, que terão seus exercícios separadamente, caso haja um seminário por ali; os seminaristas não aproveitarão grande coisa, se participarem dos exercícios dos sacerdotes. E mais, destinará um Padre para os exercícios às pessoas mais distinguidas, que os farão à parte, de manhã, numa sala de congregação ou em uma capela. Êsses exercícios produzirão grande fruto nas pessoas instruídas da região, porque, se em certos lugares essas pessoas não vão à Missão, em todo caso, se se lhes pregam os exercícios especialmente, elas os frequentarão e como se lhes fala ali de um modo familiar e que lhes toca o coração, muitos se dão a Deus e seu bom exemplo traz a reforma de toda a região. Outro Padre marcará ainda o Superior para dar exercícios nos mosteiros de religiosas, se os houver por ali, e se elas o pedirem, do contrário seria inútil oferecer-se para isso ou dar qualquer passo nesse sentido. Outro Missionário será determinado para os exercícios aos presos e para os confessar. Os demais exercícios menos importantes, como: as exortações, o têrço, a disciplina, etc., os Missionários nêles se revezarão. Todavia, o Superior encarregará um ou dois Padres para que atendam às confissões dos enfermos que o peçam. Determinará mais um ou dois Missionários para saírem à rua a convidar o povo a vir à igreja a assistir às instruções, isso especialmente no início da Missão. Enfim, no comêço da Missão terá o cuidado de fazer visitar as pes-

soas mais consideradas do lugar. Quanto ao Sr. Bispo ou ao Vigário Geral, o Superior pessoalmente os visitará e, se êles se não acham no lugar em que se prega a Missão, mas em lugar vizinho, lhes enviará ao menos dois Padres para os visitar, e lhes pedir a bênção para os esforços dos Missionários.

3. Encargos

Em terceiro lugar: marcará a cada um o seu emprêgo. Estabelecerá um ecônomo, ao qual incumbe administrar a Missão, provendo as coisas para a casa, cuidando de tôdas as despesas que se hão de fazer durante aquêles dias.

Marcará um prefeito-de-igreja, encarregado de providenciar sôbre o púlpito e sôbre a imagem da SS. Virgem ao lado dêsse, de preparar o Crucifixo, as tochas, de procurar os clérigos para as carregar; de tudo dispor para a Comunhão em comum e para a bênção do dia do encerramento; mandar fazer as cruzes ou o Calvário a serem erigidos.

Designará um prefeito para as reconciliações, cabendo a êste informar-se das inimizades, que possam existir na região, para serem aí implantada a paz e o perdão das injúrias.

CAPÍTULO XII

VIRTUDES A SEREM PRATICADAS PELOS MISSIONÁRIOS NO DECORRER DA MISSÃO

1. Obediência

Sem uma obediência exata ao Superior da Missão, tudo se fará desordenadamente, perturbado e confuso e a Missão não terá êxito. Não se obedecendo exatamente às determinações e ordens do Superior é fora de dúvida que os exercícios se misturarão e não serão feitos algumas vêzes. As desinteligências entre Superior e subordinados e entre os mesmos subordinados, fazem brotar as concorrências, as invejas, as murmurações, que dão origem a grandes desgostos e contratempos. E seria assim a Missão para a maior glória de Deus?... Terá, seguramente, uma má viagem o navio conduzido por vários pilotos. E por isso cada Missionário procurará obedecer cegamente às ordens do Superior. Sem dúvida que se poderá lembrar ao Superior as coisas que êle ignore ou de que se esqueça; mas, após chamar-se-lhe assim a atenção, é preciso que se guarde a calma, abstenha-se de réplicas ou ao menos não se entre em discussão; de outra forma isso haveria de perturbar o Superior, perturbar-se-ia o próprio Missionário e, perturbado o espírito, trabalha-se a contragosto, ao passo que para o bom desenvolvimento do trabalho de Missão faz-se mister agir com tranqüilidade.

2. Humildade

Nenhum Missionário será temerário bastante para pretender um cargo evidente ou o encargo de pregador. Causaria escândalo aquêle que direta ou indiretamente mostrasse desejo de fazer o sermão ou a instrução ou ocupar-se com qualquer exercício que lhe não foi confiado. Mereceria ser riscado do número dos Missionários ou ser pôsto sempre de lado. Melhor seria demonstrar gôsto pelos exercícios mais humildes como sejam: recitar o têrço, dar o catecismo, etc. E melhor ainda seria mostrar-se sempre pronto para atender as confissões, especialmente as dos homens. De passagem quero notado aos confessores que, se lhes vêm penitentes bem dispostos, não os devem mandar a fazer primeiramente o exame de consciência, principalmente se os penitentes são pouco instruídos, como fizemos notar na *Instrução para os confessores* (Cp. ult. III, 18), mas o confessor mesmo os examine, seguindo a ordem dos mandamentos. Resumindo, se o trabalho de ouvir confissões não é, nas Missões, a ação mais brilhante, é seguramente o mais importante e o que mais glória procura a Deus. A multidão louva o pregador, honra e o chama de Santo, de excelente Missionário, beija-lhe as mãos, as vestes e recomenda-se às suas orações; porém o que passa nove ou dez horas diárias no confessionário não é apontado nem nomeado. Mas pode ser que êsse confessor esquecido terá mais méritos um dia junto de Deus do que o pregador com todo o brilho de seus sermões, com tôdas as suas fadigas, com as aclamações e aplausos do povo. Adverte-nos o P. Segneri sàbiamente que o Missionário só deve

esperar, em recompensa de seus suores, a glória para Deus e o bem das almas; para êle ficarão as maledicências, os desprezos, os desgostos, e tôdas as honras que lhe tributem atribua-as a Deus. Em se comprazendo em seus talentos e nos elogios, será isso em pura perda em vez de lucro; não terá mérito dos seus trabalhos, ouvirá aquela terrível palavra: *Recepisti mercedem tuam.*

Enfim, os Missionários devem suportar calmamente a má acolhida que tiverem ou outros desprezos que recebam das gentes, sem se queixarem de tal. O mesmo P. Segneri dizia não poder servir para Missionário o que não tivesse coragem de sofrer desprezos e desgostos.

3. Mortificação

O Missionário há de se contentar com a comida e com o leito que lhe derem, nada exigindo. O que sai em Missão deve fazê-lo com o pensamento e o projeto, não de fazer um passeio, mas de sofrer para ganhar almas para Jesus Cristo. Não visitará as coisas curiosas da região, a menos que seja objeto de devoção; não sairá de casa para se distrair nem se porá à janela da residência onde está hospedado. O povo tem os Missionários na conta de Santos, considera-os mortos às coisas do mundo, como não sendo mais de carne nem de sentidos e assim qualquer um de seus atos, que pareça menos santo, causa reparo e scandaliza.

4. Piedade

Especialmente na celebração da Santa Missa. Qualquer sacerdote que celebra o santo sacrifício muito depressa e com pouca devoção, es-

candaliza o povo, como já afirmamos mais vezes. E seria, nesse sentido, bem maior o escândalo causado por um Missionário. E que se não objete que em tempo de Missão é necessário abreviar as devoções (pessoais) para se consagrar mais tempo às confissões e aos exercícios, pois que, se os penitentes ou os ouvintes não consideram o confessor ou o pregador como Santo, tôdas as suas palavras não causarão mais do que uma impressão passageira sôbre eles. Procure cada um celebrar sua Missa com a maior devoção, e em tempo de Missão mais do que de costume, para assim edificar o povo. Não se omitirá a ação de graças após a Missa, durante um quarto de hora pelo menos, como é de nossas Constituições. Note-se, porém, que nas Missões seria uma falta prolongá-la além de quinze minutos, quando haja muitos penitentes que esperam para se confessar.

5. Modéstia

Os Missionários devem ser muito modestos nos seus olhares e nas suas palavras. Estarão atentos a usar de grande reserva em seus olhares quer na igreja, quer na rua, nas casas, onde haja mulheres. Atentem bem a que o povo observa mui especialmente se um Missionário olha uma mulher em face. Em certo lugar, falando-se de um Missionário, varão virtuoso, mas que negligenciava essa reserva dos olhares, dizia-se: Ele pode ser um Santo, mas olha para as mulheres.

Modéstia igualmente nas palavras, não comentando defeitos dos outros, ao contrário deve-se dizer bem de todos e, principalmente, falar com estima dos sacerdotes e religiosos. Ao

ouvir-se criticar o próximo, se não fôr possível a defesa do ausente, guarde-se, ao menos, silêncio.

6. Urbanidade

Os Missionários usarão de extrema polidez com tôdas as pessoas, sem exceção, saudando indistintamente a todos que encontrarem. Nada melhor para conquistar aos Missionários e para ganhar para Deus a afeição da multidão, do que êsses gestos de saudação antecipada. Devem merecer, porém, essas atenções os homens e não as mulheres. Se as encontra o Missionário, passe por elas de olhos baixos; se forem senhoras de alta posição, êle as saudará descobrindo-se, porém sempre de olhos em terra. Usarão completa polidez com os habitantes do lugar, nunca discutindo com êles e lhes cedendo em tudo que não prejudique os interesses da Missão.

Além dessa polidez e humildade, os Missionários serão sérios e dessa forma evitarão qualquer intimidade com quem quer que seja do lugar, não mantendo conversas sôbre novidades ou coisas estranhas à Missão. E com maior razão não farão visitas sem necessidade e sem a permissão do Superior.

a amizade do Superior.

isso não fazo, visto as necessidades e sem
as causas conhecidas a Missão F. com trinta
jogaes, não mantendo com as outras paróquias
que mantendo com dez do que se deo de
nove setenta e duas e deo a eleição d'elles.
Alem dessas doze e deo a deo os Missio-
narios em todo dos não faltando os necessa-
rios, visto a falta de doze e deo a eleição d'elles.

o que se deo a Missão F. com trinta
jogaes, não mantendo com as outras paróquias
que mantendo com dez do que se deo de
nove setenta e duas e deo a eleição d'elles.
Alem dessas doze e deo a deo os Missio-
narios em todo dos não faltando os necessa-
rios, visto a falta de doze e deo a eleição d'elles.
o que se deo a Missão F. com trinta
jogaes, não mantendo com as outras paróquias
que mantendo com dez do que se deo de
nove setenta e duas e deo a eleição d'elles.
Alem dessas doze e deo a deo os Missio-
narios em todo dos não faltando os necessa-
rios, visto a falta de doze e deo a eleição d'elles.

II. Espiritualidade

Ignacio.

o que se deo a Missão F. com trinta
jogaes, não mantendo com as outras paróquias
que mantendo com dez do que se deo de
nove setenta e duas e deo a eleição d'elles.
Alem dessas doze e deo a deo os Missio-
narios em todo dos não faltando os necessa-
rios, visto a falta de doze e deo a eleição d'elles.

APÊNDICE

OS CINCO PONTOS

Sôbre os quais o pregador falará ao povo e de mais algumas coisas úteis à salvação

- 1.º Do amor a Jesus Crucificado;
- 2.º Da devoção a Nossa Senhora;
- 3.º Da necessidade da oração;
- 4.º Da fuga das ocasiões perigosas;
- 5.º Da confissão sacrilega.

1. O amor a Jesus Crucificado

1.º Fala-se comumente nas Missões sôbre os Novíssimos do homem e de outros assuntos próprios a excitar terror, bem pouco, porém, e só de passagem, do amor que Deus tem aos homens e da obrigação que éstos têm de o amar. Sem dúvida que as pregações sôbre assuntos aterradores são muito úteis e mesmo necessárias para acordar os pecadores adormecidos nos vícios; porém é preciso que todos se persuadam que as conversões operadas apenas pelo temor dos divinos castigos são de pouca duração: o tempo somente que se conserva o terror que as inspirou; dissipado esse terror, a alma, enfraquecida pelos pecados cometidos, recal facilmente à menor tentação. Se o amor de Deus não penetra o coração do convertido, difficilmente éste perseverará. Estava bem convencido disso S. Pedro de Alcântara, que em seus sermões, falando, ordinariamente, sôbre assuntos terríveis, como sejam: morte, julgamento e inferno, fazia tremer seus ouvintes em lhes descrevendo o rigor com que a divina justiça cai sôbre os obstinados, mas temperava éste terror indicando os remédios para os pecados cometidos. Animava-os a esperar o perdão pelos méritos de Jesus Cristo, dadas as promessas do mesmo Senhor aos que confiarem em sua misericórdia; tanto mais que elle quis sofrer tudo e morrer na cruz entre dôres, para obter para os pecadores o perdão, as graças para resistir no futuro às tentações da carne e do in-

ferno. Era dessa forma que o Santo conquistava todos para Jesus, sábios e ignorantes; e tal era a afluência de povo às suas pregações, que as igrejas se extravazavam e era uma conversão geral lá onde pregava.

O principal fim do pregador nas Missões é acender nos corações de seus ouvintes o fogo do amor divino.

2.º Porém sermões especulativos, nos quais se pretenda demonstrar a excelência do amor divino, não atingirão essa finalidade; aí se chegará fazendo ver o amor que nos mostrou Jesus em sua vida e, principalmente, em sua Paixão. S. Francisco de Sales, falando a êsse respeito no seu *Tratado Sôbre o Amor de Deus*, afirma: "O amor que não brota da paixão é fraco. Um cristão que tem fé há de sentir-se abrasar de amor pelo Salvador em ouvindo falar do quanto Jesus Cristo sofreu para o salvar, e desde então se poderá esperar, com razão, que êle perseverará na graça até à morte."

3.º Cito aqui o que me narraram de um célebre Missionário. Estando em cidade populosa foi encarregado de fazer o grande sermão e entre outros fêz um todo especulativo sôbre o amor de Deus, convidando um sacerdote bastante instruído para ir ouvi-lo. Assegurou-me êsse Padre que o sermão era realmente uma peça sábia, tôda cheia de citações da Escritura, dos Santos Padres e de razões teológicas. Mereceu louvores o pregador de um pequeno número de ouvintes e foi muito cumprimentado, mas a maior parte do auditório não tirou nenhum fruto ou quase nenhum, porque não o compreendeu bem! Seguramente, o resultado teria sido bem melhor, se o pregador se tivesse limitado a expor familiarmente o amor de que nos deu testemunho Jesus Cristo em vindo ao mundo a sofrer e a morrer por nós.

4.º Nas nossas Missões, especialmente nos três últimos dias, falamos da Paixão do Salvador a fim de unirmos mais as almas a Jesus. Porém, isso não se faz apenas nesses últimos três dias, mas cada dia, sempre que o pregador fala procurará excitar do modo mais conveniente os sentimentos de amor para com Jesus Cristo. Nesse sentido êle recomendará a seus ouvintes a procurar cada um possuir seu Crucifixo, diante do qual fará suas orações diárias mais vêzes e virá pedir as graças necessárias, especialmente a de amar a Jesus até à morte. Pela Intercessão da Mãe divina, do Anjo da Guarda, de todos os Santos Padroeiros, é que êles

pedirão esta graça do amor a Deus, a qual encerra tôdas as outras graças.

5.º Convém, igualmente, que o pregador, de tempo em tempo, insinue ao povo algumas máximas piedosas, as quais fiquem gravadas no coração de todo bom cristão para o conservar na graça de Deus e na submissão à santa vontade do Senhor. Por exemplo: O' Deus! antes perder tudo do que a vós! Quem nos amou mais do que Deus?! Tudo que Deus quer é bom e assim devemos tudo aceitar de suas mãos... E' também útil ensinar algumas preces jaculatórias, que incendeiem na alma o amor de Deus, por ex.: Deus meus et omnia! Meu Deus, só a vós quero e a mais ninguém. A quem amarei, ó Jesus, senão a vós, que morrestes por mim... — Essas pequenas orações auxiliam muito a manter nos corações o fogo do amor divino.

2. Da devoção à Mãe de Deus

1.º Na Missão há de se procurar igualmente inspirar aos fiéis a devoção para com a Mãe de Deus. E esta devoção não é uma daquelas a que chamam sub-rogatórias, mas, como o afirmam muitos Santos e todos os mestres da vida espiritual, é reputada necessária para a salvação eterna, não como de necessidade absoluta, mas como de necessidade moral. E assim seria permitido augurar mal daquele que por hábito se afastasse de tal devoção. Para nos convencer disso basta-nos saber que a Igreja faz chamar a SS. Virgem: nossa esperança. quando na recitação do breviário em côro, em tôdas as igrejas, sejam catedrais ou igrejas pertencentes a religiosos, manda saudá-la: *Spes nostra, salve!*

2.º Correspondem a isso aquelas palavras de S. Bernardo, quando chama Maria: *Plenus aquaeductus ut accipiant ceteri de ejus plenitudine.* (Serm. de *Aquaed.*) Diz o mesmo Santo alhures: *Redempturus humanum genus, universum pretium contulit in Mariam* (de *Nat. B. V.*). Fala ainda: *Si quid spei nobis est, si quid gratiae, si quid salutis, ab eá noverimus redundare* (Ser. de *nat. B. V.*). Noutro lugar: *Nulla gratia venit de caelo ad terram, nisi transeat per manus Mariae* (Ser. de *nat.*). E mais: *Sic est voluntas ejus, qui totum nos habere voluit per Mariam* (Idem). E fundando-se nessa passagem de S. Bernardo, diz o P. Noel Alexandre:

Vult Deus ut bona ab ipso expectemus, potentissima Virginis matris intercessione impetranda (Ep. 76, t. 4, theol. mor. in calce.). Idêntico é o pensamento do P. Contenson, quando afirma que ninguém participará do sangue de Jesus Cristo, senão por intermédio de sua divina Mãe, deixando assim falar o Salvador: Nullus sanguinis mei particeps erit, nisi intercessione matris meae (Theol. t. 2, L. 10, d. 4, c. 1.). Mas, por que havemos de esperar todos os bens de Deus por intermédio de Maria? O mesmo S. Bernardo nos dá o motivo, dizendo que Maria tem todo poder junto de Deus para nos obter as graças que desejamos e tôda a bondade para conosco para nos salvar: Nec facultas ei deesse poterit, nec voluntas (Serm. 1 in Assump.). Diz mais que Maria é o único fundamento de sua esperança: Filioli, haec maxima mea fiducia, haec tota ratio spei meae (Serm. de Nat.). Exorta-nos em outro lugar a pedir a Deus, em nome de Maria, tôdas as graças que desejamos: Quaeramus gratiam et per Mariam quaeramus, quia mater est (Ibid.). Enfim, ainda S. Bernardo nos garante a graça divina e a eterna salvação, se perseverarmos na devoção a Maria; eis suas belas palavras: Ipsam sequens, non devias; ipsam rogans, non desperas; ipsam cogitans, non erras; ipsa tenente, non corruis; ipsa protegente, non metuis; ipsa duce, non fatigaris; ipsa propitia, pervenis (Hom. 1, miss.).

3.º A êsse modo de pensar de S. Bernardo, podemos acrescentar o que muitos outros Santos escreveram e disseram de Maria. S. Efrém por ex.: Non nobis est alia quam in te fiducia, o virgo sincerissima. S. Boaventura: Nullus potest in coelum intrare, nisi per Mariam transeat tamquam per portam (Serm. 71, c. 3). S. Bernardino de Sena: Omnia dona et gratiae, quibus vult, quando vult, et quomodo vult, per ipsius manus dispensatur (Ser. 61). O mesmo Santo alhures: Tu, dispensatrix omnium gratiarum, salus nostra de manu tua est (Serm. 1, de Nat.). S. Pedro Damião: Nihil tibi impossibile, cui possibile est desperatos in spem salutis revelare (Serm. 1, da Nat. B. V.). Ajunta o mesmo Santo que um filho honra sua Mãe em lhe não recusando nada do que lhe pede: Filius nihil negans honorat. E para me não estender mais deixo de citar mil outras passagens de graves autores que exprimem o mesmo pensamento. E de todo o citado havemos de concluir

que a devoção à SS. Virgem não é somente útil, mas moralmente necessária. O que diz S. Bernardo: *Nulla gratia venit de coelo ad terram, etc...* é hoje opinião muito comum entre os católicos, como deixamos provado em nosso livro sobre As Glórias de Maria.

4.º Não está de acôrdo com isso Muratori, que no seu livro: *A Devoção Regulada*, afirma que a proposição: "que Deus não concede nenhuma graça senão por intermédio de Maria" é uma hipérbole e um exagero, que no momento de fervor escapou da bôca de algum Santo. Porém não sei como êsse grande literato possa chamar exagero a isso, quando o próprio Jesus Cristo dignou-se escolher para sua Mãe essa criatura privilegiada e para Cooperadora na Redenção do mundo! Ninguém ousará negar que seja muito conveniente que havendo Maria em vida amado a Jesus mais do que todos os Anjos e todos os homens, o Senhor a elevasse à prerrogativa de intermediária de tôdas as graças necessárias à salvação, que são o fruto dos méritos do Redentor, de ser, enfim, o canal de suas graças, como se exprime S. Bernardo. E disso mais nos convencemos ao ouvir a Igreja a chamar essa santa Mãe: *Vita, spes nostra, salve!* Há de se temer pela salvação daquêle que vê com indiferença a devoção para com a SS. Virgem e negligencia recorrer à sua intercessão, porque, segundo S. Bernardo, obstrui o canal de graças necessárias à sua salvação. Procure o pregador inculcar a seus ouvintes tudo isso que dissemos.

3. A necessidade da oração

1.º Note-se sobre a necessidade da oração que, embora queira Deus a salvação de todos os homens, como diz o Apóstolo: *Qui omnes homines vult salvos fieri* (1 Tim 2, 4), e que, segundo o comentário de S. Tomás a essas palavras, o Senhor, desejando salvar a todos, não deixará faltar a cada pessoa a graça necessária: *Et ideo gratia nulli deest, sed omnibus, quantum in se est, se communicat*, todavia, ensinam os teólogos que ninguém se salva sem os socorros de Deus, os quais são obtidos pela prece: *Nullum salutem nisi Deo auxiliante operari; nullum nisi orantem auxilium promereri*, como nota Granada (De Eccl. dogm. int. op. S. Agost.). Acrescenta S. Agostinho que, excetuadas as primeiras graças, como a da vocação à fé ou à penitência, Deus só nos concede aquelas que lhe pedimos, o que vale especialmente para a

graça da perseverança: *Alia nonnisi orantibus praeparasse, sicut usque in finem perseverantiam* (L. de P. c. 3 et 16). Daí concluem os teólogos, com S. Basílio, S. Crisóstomo e mesmo S. Agostinho, que a oração, para os adultos, é necessária de necessidade de meio, de sorte que, sem a oração, na ordem atual, é impossível alguém salvar-se.

2.º E' o que ensina a Escritura: *Oportet semper orare* (Lc 17, 1); *Petite et accipietis* (Jo 6, 24); *Sine intermissione orate!* (1 Tess 5, 17). Com efeito, observa S. Tomás (3 p. q. 39, art. 5) que as palavras *oportet, petite, orate*, formulam um preceito obrigando sob pena de pecado mortal, especialmente nestes três casos: 1.º quando se está em pecado mortal; 2.º quando em iminente perigo de morte. Fora desses casos, dizem os mestres (Lessius, de just. L. 2, c. 37, d. 3, n. 9 ss.), que o que deixa de se recomendar a Deus, durante um mês ou dois, peca mortalmente. A razão disso está em que, nesse intervalo de tempo, o demônio, que roda sem cessar em tórno ao homem para o perder, não deixará de excitar qualquer grande tentação, a que o homem sucumbirá, se não rogar a Deus o seu socorro para não cair, como deve fazer sempre nas grandes tentações. Estejamos persuadidos de que sem a graça divina não poderemos resistir às paixões fortes e criminosas e às sugestões violentas do inimigo que nos assalta, mesmo que tenhamos mil bons propósitos e hajamos feito mil promessas a Deus. Se nos não recomendarmos a Deus, seremos vencidos. Ademais, o Concílio de Trento condena os que pretendem que o homem em estado de graça poderá nêle perseverar sem a ajuda de Deus: *Si quis dixerit, justificatum vel sine speciali auxilio Dei in accepta justitia perseverare posse vel cum eo non posse, anathema sit* (Sess. 6, 22). De forma que para perseverar não é bastante uma graça comum, mas se faz mister uma graça extraordinária, a qual somente se há de obter por intermédio da oração.

3.º Nada mais próprio para animar à oração do que as inumeráveis promessas feitas por Deus, no Novo como no Antigo Testamento, de ouvir a quem pede. O que especialmente nos deve dar grande confiança é considerarmos as duas promessas que nos fêz Jesus Cristo de rezarmos com a certeza de obter as graças que lhe pedirmos. Esta: *Amen, amen, dico vobis: si quid petie-*

ritis in nomine meo, dabit vobis (Jo 16, 23); a outra: Si quid petieritis in nomine meo, hoc faciam (Jo 14, 14). De forma que, quando pedirmos a Deus alguma coisa em nome de seu Filho ou ao Filho em seu próprio nome, podemos estar certos de obter a graça pedida, porquanto Deus não faltará às suas promessas. Uma condição, porém, que se trate de um bem espiritual, pois que as promessas divinas não têm como objeto bens temporais, no-los dando Deus tão somente quando úteis à nossa alma. Porém, em se tratando de bens espirituais, quer o Apóstolo S. Tiago que os peçamos com confiança, porque Deus no-los dará em abundância: Postulet a Deo, qui dat omnibus affluenter nec improperat (Tgo 1, 5). Muito expressivas, estas duas últimas palavras querem significar que, quando se dirige a Deus uma súplica útil à salvação e que se reza com fé, Deus certamente a ouve e mesmo que no passado se lhe tenha sido infiel, dá a graça sem lembrar as infidelidades havidas. Quando, pois, pedimos graças espirituais devemos alimentar plena certeza de as alcançar e as obteremos como no-lo assegura S. Marcos: Omnia quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis et evenient vobis (Mc 11, 14). Conforme tudo isso, o pregador não deixará de recomendar a todos que oram, recorram à intercessão de Maria, como adverte S. Bernardo, citado mais acima: Quaeramus gratiam et per Mariam quaeramus.

4.º Não queria terminar este ponto sobre a necessidade da oração, sem me lamentar de tantos pregadores e autores de livros de devoção que falam tão pouco sobre a prece. Mais ainda deploro que tantos confessores não advertam seus penitentes desta necessidade de orar nas tentações. Limitam-se a exigir deles o propósito e promessa de não ofender mais a Deus, mas não se dão ao cuidado de os fazer compreender que, quando tentados e, principalmente, contra a pureza, os propósitos e as promessas de pouco lhes servirão, se não chamarem a Deus em seu socorro. Quando a tentação é forte, deve-se imediatamente recomendar a Deus com fervor. Se a tentação continua, não se há de cessar de implorar o socorro divino até que a tentação esteja vencida ou enfraquecida. A experiência tem provado que a invocação dos nomes de Jesus e Maria, nas tentações, é de auxílio maravilhoso para impedir o consentimento. Ouso, por isso, afirmar que, se há tantas recaídas de

almas penitentes e contritas, a causa está na negligência dos confessores em lhes inculcar que invoquem a assistência de Deus nas sugestões do demônio.

5.º Talvez se admire alguém, lendo este apêndice, que eu recomende aos Missionários inculquem a seus ouvintes recorram a Deus, quando são tentados — como dissemos no segundo ponto — de se recomendarem muitas vêzes à SS. Virgem, porquanto elles não o deixam de fazer ordinariamente, de modo especial no sermão do encerramento, frisando essas duas coisas: recomendar-se a Deus nas tentações e devoção a Maria. Sei, sim, que tal é o costume, mas afirmo que para os ouvintes praticarem realmente esses dois pontos, tão importantes para a sua salvação, não é bastante se lhes diga isso só uma vez, a lembrar-lhes tal no sermão de encerramento; porém é necessário repetir-lhes a coisa em todos os tons, a fim de que lhes fique impresso na memória para o porem em prática no futuro.

4. A fuga das ocasiões perigosas

1.º E' preciso insistir freqüentemente, na Missão, sobre este quarto ponto, porque as almas se perdem em massa por não quererem fugir às ocasiões perigosas. Oh! quantos não se encontram hoje no inferno que, gemendo, dizem: desgraçado que sou, se tivesse fugido àquella ocasião, não estaria condenado eternamente! Diz o Espírito Santo que perece o que se expõe ao perigo de ofender a Deus: Qui amat periculum in illo peribit (Ecli 3, 27). E dá-nos a razão S. Tomás de Aquino no comentário a esse texto, onde declara que, quando nos expomos voluntariamente ou quando não fugimos ao perigo, Deus nos abandona: Cum exponimus nos in periculo Deus nos derelinquit in eo. Foi isso mesmo que fez dizer a S. Bernardino de Sena que, de todos os conselhos dados por Jesus Cristo, o mais importante é esse e que é, por assim dizer, o fundamento da religião.

2.º O pregador advirta o povo que, quando uma tentação se apresenta, e em especial se a ocasião é actual, o tentado deve cuidar em não se entreter com o tentador. O demônio deseja precisamente que se parle com elle, porque nesse caso elle está certo da vitória. Afastar immediatamente a ocasião, invocando os santos nomes de Jesus e de Maria, sem atender ao inimigo que nos tenta.

3.º S. Pedro diz que o demônio roda em volta da alma, esperando poder devorá-la: *Adversus vester diabolus circuit, quaerens quem devoret* (1 Ped 8). S. Cipriano explicando este texto diz que o inimigo examina se há por onde possa penetrar na alma e, em se apresentando uma ocasião perigosa, dirá o demônio: eis aí uma porta que me dá entrada para essa alma — em seguida ele se põe a tentá-la e, havendo negligência em se fugir da ocasião, sucumbe-se quase sempre, principalmente em se tratando do pecado de impureza. O demônio teme muito menos os nossos bons propósitos e nossas promessas de não ofender a Deus, do que quando nos vê fugir das ocasiões. A ocasião de que se não foge assemelha-se a uma venda atada aos olhos; esquecemos as verdades eternas, tôdas as luzes recebidas, tôdas as promessas feitas a Deus. Os que se sentem presos pelo vício impuro devem não somente fugir às ocasiões próximas, mas ainda às ocasiões remotas, porque a própria natureza do hábito tornaria a resistência mais fraca. Nem se objete que haverá ali uma ocasião necessária, à qual se não está obrigado a fugir; entretanto, disse Nosso Senhor: *Si oculus dexter scandalizat te, erue eum te projice abs te* (Mt 5, 20). Se teu olho direito te scandaliza, arranca-o para te não perderes e atira-o para longe de ti: *projice abs te, fuge dessa ocasião ainda que remota, pois que tua fraqueza a pode tornar próxima para ti.*

4.º S. Francisco de Assis, dirigindo-se a pessoas tementes a Deus, dá-lhes ótimo aviso com respeito às ocasiões remotas; diz que nessas ocasiões o demônio não tenta a alma temente a Deus para cometer faltas graves, mas procura levá-la a prender-se com faltas leves e de maneira tal que, com o tempo, essas faltas se tornem um laço que servirá ao demônio para as arrastar ao pecado mortal. Por essa razão, em se tratando de relações com pessoas de sexo diferente, devemos estar atentos desde o princípio a não nos deixar prender por nenhuma espécie de afeição, evitar qualquer que seja a ocasião remota, como sejam olhares fixos e diretos, saudações afetuosas, cartinhas, presentes e, especialmente, palavras afetuosas.

5.º Devemo-nos persuadir acima de tudo que somos de carne e por isso não temos de nós mesmos a força para conservar a virtude da castidade; somente Deus,

em sua bondade, nos pode dar essa força. E' verdade que o Senhor ouve a todos que lhe suplicam, mas, quando alguém se expõe à ocasião e em a conhecendo, não obstante não a evita, ainda que reze. Deus não o atenderá, conforme já ouvimos dizer o Espírito Santo: *Qui amat periculum in illo peribit*. Meu Deus! quantas pessoas não conhecemos, que, mesmo vivendo santamente, porém não havendo fugido à tal ocasião, sucumbiram e endureceram-se no pecado! Cum metu et tremore, nos diz o Apóstolo, *vestram salutem operamini* (Fil 2, 12). Os que não temem e não fogem às ocasiões perigosas, especialmente às da impureza, difficilmente se salvarão.

6.º São muito importantes esses avisos sobre a fuga das ocasiões e por isso não bastará que o pregador os dê apenas uma vez, ainda que fizesse a respeito um sermão especial, o que, aliás, seria de se louvar, mas sendo essas más ocasiões tão frequentes e tão pouco atentos os homens em as fugir, de onde resulta grande ruína para as almas, faz-se absolutamente necessário que frequentes vezes no decorrer da Missão se volte a esse assunto, pois que depende disso a salvação de não poucos, que, não obstante frequentando a Missão, talvez não houvessem assistido a tal sermão.

7.º Acrescento aqui um aviso que o pregador não deixará de dar a todos, mas muito especialmente aos confessores que estejam presentes: quando um penitente não se haja afastado de uma ocasião em que era levado ao pecado, é necessário que ele faça uma confissão geral, porque bem se pode presumir que todas as confissões que fêz naquele estado eram nulas. O mesmo se diga daqueles que logo em seguida a terem confessado seus pecados, sem haver dado um sinal de emenda, recaírem nos mesmos hábitos antigos; nada há melhor aí do que uma confissão geral para fazê-los mudar de vida.

5. A confissão sacrílega

1.º Nas Missões é preciso se inculque com energia e repetidamente a necessidade de se vencer a falsa vergonha que se possa sentir em confessar os pecados. Sabem de experiência os Missionários que essa maldita vergonha enche o inferno de condenados. Por isto, a reparação desta desgraça é o maior fruto das Missões, as quais por essa mesma razão fazem-se não somente

úteis como até necessárias, na campanha. Aí são os confessores em pequeno número e demais parentes ou amigos de seus penitentes, o que faz com que essa vergonha atue com mais força para fazer ocultar os pecados em confissão.

2.º Causa dó ver quantas almas o demônio ganha, especialmente em matéria de pecados impuros! Satanás lhes faz, aos pecadores, perder a vergonha no momento de cometer o pecado, lha restitui, porém, na hora de se acusarem dêle. Já o dissera S. Crisóstomo: Pudorem dedit Deus peccato, confessioni fiduciam; invertit rem diabolus, peccato fiduciam praebet, confessioni pudorem.

3.º Alma cristã, pecaste, mas, se não te confessas, estarás perdida. Por que, pois, não haverias de confessar o teu pecado? Responder-me-ás: a vergonha mo impede. Mas ignorarás, acaso, que por não haveres vencido essa vergonha, terás que sofrer no fogo eterno do inferno? Vergonha devemos ter de ofender a Deus Três-Vêzes-Santo, que nos criou, mas não de confessar as faltas que cometemos contra êle. E, se queres calar teu pecado, não te confesses então. Aos pecados já cometidos queres ainda acrescentar o sacrilégio de uma confissão má? Sabes, talvez, o que fazes, cometendo um sacrilégio? Para a cura do pecado que fizeste e que te mereceu o inferno, encontrarás um remédio no Sangue de Jesus Cristo, que salvará tua alma, se te confessares bem; mas, ocultar o teu pecado é calcar aos pés o Sangue de Jesus.

4.º A presente Missão é para vós uma boa ocasião para confessardes os vossos pecados a um Padre que vos não conhece e o qual, depois da Missão, não vereis mais nem êle vos há de ver. Aproveitai-a, pois, que pode dar-se que Deus não vos fará deparar outra semelhante no futuro e estardes condenados. Lembrai-vos que, se não vos confessardes agora, o demônio adquirirá império absoluto sôbre vossa alma; Deus vos abandonará, quiçá, e não haverá mais esperança para vós. Eia, pois, coragem! Ide-vos confessar e já! Que é que vos retém? Eis aqui alguns pretextos sugeridos pelo demônio:

5.º Mas que dirá o confessor, ouvindo o meu pecado? — Que dirá? Dirá que és fraco como tantos outros; que fizeste mal em pecar, mas que é uma ação heróica te venceseres para bem confessar tua falta. — E êle não me repreenderá? — Não; por que o haveria de fazer? Fica

sabendo que os confessores se alegram encontrando uma alma penitente que confessa sinceramente seus pecados, porque as podem absolver com tôda segurança e as livram do inferno.

6.º Porém, dirá outro, não tenho bastante confiança no meu confessor, para lhe descobrir tal pecado. — Pois bem, procura um outro sacerdote ou do lugar mesmo ou estranho. — Se meu confessor, entretanto, souber que fui em busca de um outro, há de se sentir ofendido e não me atenderá mais em futuro. — Oh! o temor de ofender teu confessor vai acima, pois, do de cometeres um sacrilégio e mereceres o inferno! E uma vez que estiveres no abismo o teu confessor há de tirar-te de lá!...

7.º Quem me pode garantir que êsse novo confessor não dirá a outros o meu pecado... — Insensatez de tua parte querer supor que teu confessor seja capaz de cometer tão enorme crime, como seja êsse de faltar ao segredo da confissão, revelando teus pecados a outros! A quantos confessores é preciso que declares tuas faltas? E' suficiente que declares teus pecados a um só e uma só vez, a um Padre que depois de ti irá ouvir centenas de outras pessoas a ti semelhantes. E como te são possíveis êsses temores desrazoáveis e não te arreceias de ocultar o teu pecado, o que te vai deixar sem consôlo e sem paz; pois que, em não te confessando dêle, ficará em ti uma como víbora a roer-te o coração nesta vida e depois da morte para a eternidade!

8.º Vamos, pois, coragem! apressa-te para deixar o confessor chegar até ao fundo de tua consciêncja! Logo que tiveres confessado tua falta, vais encontrar a paz perdida e teu coração agradecerá a Deus o lhe ter dado a força para vencer o demônio. Ela, arranca de teu coração essa víbora que o rói; confessa-te, volta à paz com Deus! Ouve-me: é bastante dizeres a teu confessor: Meu pai, sinto um escrúpulo a respeito de meu passado, mas tenho vergonha de lho dizer. — Dize-lhe assim e o resto fará teu confessor para te livrar dessa serpente que te faz antecipadamente sofrer os tormentos do inferno.

9.º Tais são os fúteis pretextos com que se escudam tantas almas para ocultar seus pecados e se condenar. E como essa falsa vergonha tem muito poder, especialmente sobre as mulheres, é bom que se insista com elas

nas respostas aos falsos pretextos que o demônio lhes insinua, para lhes impedir uma sincera acusação.

10.º Aliás bem sei que nas Missões se faz um sermão sobre esse assunto, mas é isso matéria tão importante que não basta um sermão; primeiro, porque pode acontecer que as almas que mais necessidade têm de o ouvir, lá não estejam; segundo, porque às pessoas, que por muito tempo vêm ocultando seus pecados, não lhes é bastante que o pregador indique o remédio apenas uma vez, mas é mister que trate do assunto freqüentemente, porque o tenho para mim como o mais importante da Missão, uma vez que muitos que assistem a todos os sermões continuam, não obstante, a ocultar seus pecados. E' preciso insistir nisso, especialmente pregando em estabelecimentos onde se encontram reunidas e misturadas moças e senhoras, porque as ocasiões aí são freqüentes e mais freqüentes ainda as faltas. E tanto maior deve ser essa insistência, porque é difícil se obter um confessor, ao qual se possam dirigir com menos repugnância. E' preciso, sim, voltar com freqüência a falar sobre a falsa vergonha, que ocasiona o silêncio dos pecados; procurar mover os espíritos, citando exemplos funestos de confissões sacrílegas.

11.º Nas Missões de nossa Congregação, é de uso que o catequista narre cada dia um desses exemplos. Dêles se encontrarão bastantes nos bons autores. Creio que o pregador deveria servir-se de tais para dar mais força aos seus discursos. Desejo, aliás, que minhas observações sirvam não somente para os sermões, como também para as instruções, à meditação e mesmo para os exercícios aos sacerdotes, que lhes dão os Missionários, pois que entre esses Padres haverá muitos Párcos e pregadores de advento, de quaresma e outros eclesiásticos que gostam de pregar com fruto.

Í N D I C E

Introdução	7
------------------	---

Capítulo I

Das exortações

1) Da exortação noturna	9
Exemplos de tal exortação	14
Exortação de semente	22
Exemplo de tal exortação	23
2) Da exortação diurna	24
Exemplo de tal exortação	25
3) Da exortação de disciplina	27
Exemplo de tal exortação	27
4) Da exortação para o beijo da terra	31
5) Da exortação à paz	34
Exemplo de tal exortação	35

Capítulo II

Da recitação do Rosário

1) Da parte narrativa	39
Exemplos de narrativas	40
2) Dos mistérios do Rosário	42

Capítulo III

Dos atos preparatórios à Confissão das Crianças	50
Exemplos de exortação às crianças	52

Capítulo IV

Dos solilóquios para a Comunhão	56
Exemplos de solilóquios	57
Exortação à paz, antes da Comunhão	59
Atos de ação de graças	61

Capítulo V

Do Catecismo às Crianças

1) Observações	65
2) O que se deve ensinar	66
3) Do sermãozinho às crianças	74

Capítulo VI

Da Instrução do Povo	78
Exemplos de confissões sacrílegas	86

Capítulo VII

Da Pregação

1) Da invenção do material	94
Dos lugares comuns interiores	95
Dos lugares comuns exteriores	98
Escolha do material	98
2) Da disposição das partes	99
Do exórdio	100
Das provas	104
Da peroração	109
3) Da elocução	114
Dos tropos	123
Das figuras	125
4) Da memória, da pronúncia, do gesto	131
5) Avisos sobre sermões de Missão	135
Vários sermões de Missão	143
6) Da oração mental	144
7) Do sermão do encerramento	148
A Despedida	151
A Bênção Papal	153
8) Várias outras observações	157
Cerimônias no fim de alguns sermões	157
O Cruzeiro	160
A situação do auditório e do púlpito	163
A hora do grande sermão	164

Capítulo VIII

De outros Exercícios da Missão

1) Da meditação da manhã	167
2) Conferência a associados	168
3) Conferência a donzelas	174

Capítulo IX

**Exercícios devotos a serem praticados
depois da Missão**

1) Exercícios para os fiéis	188
Regulamento para as associadas	190
2) Exercícios para os sacerdotes	192

Capítulo X

Avisos para a boa direção da Missão

1) Onde pregar a Missão	194
2) Número de Missionários	196
3) Durante as pregações	196
4) Faculdades necessárias	199
5) Repetições das Missões	200

Capítulo XI

Deveres do Superior da Missão

1) O horário	202
2) Obrigação de cada Missionário	204
3) Encargos	206

Capítulo XII

Virtudes a serem praticadas pelos Missionários
no decorrer da Missão

1) Obediência	207
2) Humildade	208
3) Mortificação	209
4) Piedade	209
5) Modéstia	210
6) Urbanidade	211

Apêndice

Os cinco Pontos

1) O amor a Jesus Crucificado	213
2) A devoção à Mãe de Deus	215
3) A necessidade da Oração	217
4) A fuga das ocasiões perigosas	220
5) A confissão sacrílega	222

COM APROVAÇÃO
DOS SUPERIORES RELIGIOSOS.

PARA MEDITAR

OBRAS A DISPOSIÇÃO

Breves Meditações para todos os dias do ano, por Frei Pedro Sinzig O. F. M. (Abe) Enc.

O Caminho que Leva a Deus, por Augusto Saudreau, Cônego Honorário de Angers. (Almu) Broch.

A Contemplação Sobrenatural. Pequeno tratado prático, elaborado segundo Santa Teresa, São João da Cruz, Santo Tomás e São Francisco de Sales, pelo Pe. Júlio Maria. (Asca) Broch.

O Coração Divino. 33 meditações sôbre as invocações da ladainha do Sagrado Coração de Jesus, para o mês de junho ou qualquer tempo do ano, por uma Carmelita Descalça. (Ani) Broch.

As Doze Virtudes para cada Mês do Ano. Tradução do Pe. Oscar das Chagas Azeredo C. SS. R. (Altu) Broch.

Manual das Almas Interiores. Compêndio de opúsculos inéditos, pelo Pe. João Grou S. J. (Alvi) Broch.

Meditações Para Todos os Dias do Ano, segundo a doutrina e o espírito de Santo Afonso, Doutor da Igreja. Para uso de tôdas as almas que aspirem à perfeição: sacerdotes, religiosos e leigos, pelo Pe. Luís Bronchain, Redentorista. Trad. do Pe. Oscar das Chagas Azeredo C. SS. R. Em três tomos: (Agn) Broch. (Alhu) Broch. (Apri) Broch.

A Paixão de N. S. Jesus Cristo. Piedosas e edificantes meditações sôbre os sofrimentos de Jesus, por Santo Afonso M. de Ligório, traduzidas do original italiano para o vernáculo, pelo Pe. José Lopes Ferreira C. SS. R. Em 2 tomos: (Agl) Broch. (Ambi) Broch.

Subida ao Monte Alverne. Pequeno Tratado de espiritualidade franciscana, por D. Fr. Henrique G. Trindade, Bispo de Bonfim. (Anto) Broch.

Ventura do Homem Predestinado e Desgraça do Homem Precito, por Frei Antônio do Sacramento O. F. M. (Aio) Broch.

Pedidos à Editora Vozes Ltda. Petrópolis, R. J.

Filiais Rio -- Rua da Quitanda, 26-2º

São Paulo — Rua do Senador Feijó, 168

ou por intermédio de qualquer livraria.

Palavra telegráfica dêste volume — Broch. Fintu